

A última chance

Diana Palmer
Hutton & Amigos 5



As paredes da delegacia de polícia do Texas Rangers, no Santo Antonio, estavam cheias de fotografias emolduradas em branco e preto. Como espectros sépia de tempos passados, dominavam o moderno complexo de telefones, faxes e computadores. Os telefones não deixavam de tocar. Os empregados atendiam ao público nas mesas. O zumbido da maquinaria saturava a delegacia de polícia, estranhamente tranqüilizador, semelhante a uma canção de ninar elétrico.

O sargento Marc Brannon estava arrellanado em sua cadeira giratória. Seu cabelo castanho e encaracolado, com nervuras loiras, brilhava sob as luzes do teto enquanto o agente refletia sobre o amontoamento de arquivos colocados sobre a mesa. Seus olhos, cinzas e estreitos, permaneciam quase fechados enquanto meditava sobre um contratempo recente.

Judd Dunn, um bom amigo e companheiro, tinha estado a ponto de ser atropelado por um carro fazia umas semanas, enquanto realizava uma missão na delegacia de polícia do Santo Antonio. havia-se rumoreado que o sucesso tinha relação com a investigação que o FBI estava levando a cabo sobre o Jake Marsh, um mafioso da localidade. Dunn tinha colaborado com o FBI no caso, mas, pouco depois, tinha solicitado um traslado à delegacia de polícia de Vitória, alegando motivos pessoais. Brannon tinha herdado a investigação sobre o Marsh. Também o FBI estava envolto... ou, mais concretamente, um agente natural da Georgia, chamado Curtis Russell, ao que Brannon considerava um aporrinho. Era curioso que Russell trabalhasse em um caso do FBI. Tinha pertencido ao Serviço Secreto. Naturalmente, dizia-se Marc, a gente trocava de trabalho continuamente. Ele mesmo era um bom exemplo.

Ao parecer, Russell se tinha metido a fundo na investigação do caso Marsh. Simon Hart, o fiscal do Estado do Texas, tinha falado por telefone com o Brannon fazia dois dias escassos, queixando da tenacidade do Russell. O ex-agente do Serviço Secreto se achava agora em Austin, pondo históricos aos agentes locais enquanto pinçava em seus arquivos informáticos para investigar dois assassinatos que, segundo ele, estavam relacionados com o Marsh.

Marsh estendia seus tentáculos em toda sorte de negócios sujos, incluídos a chantagem, a prostituição e as apostas ilegais, principalmente no Santo Antonio, onde vivia. Não obstante, saber que realizava operações ilegais e demonstrá-lo eram duas coisas distintas. Marsh era cão velho no que se referia a evitar as investigações e os registros.

Lástima que já não se pudesse disparar aos criminosos, disse-se Brannon caprichosamente enquanto olhava uma antiga fotografia de um Ranger do Texas que, montado a cavalo, sujeitava com um laço a um foragido ferido e talher de pó.

A mão do Brannon foi até a culatra de madeira do Colt 45 que levava na pistola. Dado que os Rangers não vestiam um uniforme específico, tinham liberdade para escolher tanto seu vestuário como as armas que empregavam. Não obstante, a maioria dos agentes da delegacia de polícia levavam camisa branca e gravata, com a placa presa no peitilho, assim como chapéus Stetson e botas. Um Ranger era pulcro, educado, conservador e profissional em seu trabalho. Brannon procurava amoldar-se a essa imagem. Com o tempo, tinha aprendido a ser mais precavido que em épocas passadas. Tinha cometido o engano de sua vida dois anos antes, ao julgar mal a uma mulher a que tinha chegado A... apreciar muito. Sua irmã lhe havia dito que aquela mulher não lhe culpava por ter sumido sua vida no desastre. Mas Brannon tinha tal sentimento de culpabilidade, que deixou os Rangers e se foi do Texas durante um par de anos para trabalhar com o FBI. Tinha descoberto, entretanto, que um não resolvia os problemas fugindo deles.

Ainda podia vê-la mentalmente, loira, atrevida e cheia de irônico engenho. face às desgraças que tinham presidido sua vida, era a pessoa mais brilhante e encantadora que Brannon tinha conhecido nunca. A sentia falta de. Mas ela, certamente, não devia aflorá-lo a ele. por que ia fazer o? Brannon lhe tinha causado um dano terrível. Tinha arruinado sua vida.

—Não tem nada que fazer, Brannon? —disse-lhe uma companheira, arrastando a voz, enquanto passava por seu lado.

As mulheres estavam acostumadas considerá-lo uma perita em doce, com seus quadris estreitos, seu peito amplo e sua mandíbula quadrada. Tinha uma boca sensual debaixo de um nariz que se quebrado, ao menos, uma vez, e um porte arrogante que resultava mais excitante que intimidatorio. Mas não era nenhum donjuán. De fato, quando saía com alguma mulher, o fazia com toda discrição para não dar pé a fofocas na delegacia de polícia.

—Estou fazendo algo —respondeu Brannon com um brilho nos olhos—. Estou enviando ondas telepáticas aos criminosos fugidos. Se tiver êxito, correrão todos às delegacias de polícia de todo o país para entregar-se.

—A outro cão com esse osso —respondeu ela com uma risita.

Brannon sorriu e exalou um suspiro.

—Acabo de voltar de atestar em um julgamento. Tenho meia dúzia de casos pendentes e tenho que decidir a ordem de prioridades —confessou. Logo assinalou com o dedo o montão de expedientes—. Tinha pensado em lançar uma moeda...

—Não fará falta. O capitão tem um encargo urgente para ti.

—Salvo pelas novas ordens! —brincou. Continuando, levantou-se e se estirou exageradamente, fazendo que o tecido da camisa se esticasse sobre seus robustos peitorais—. Do que se trata?

—Um homicídio em um beco de Castelo Alameda —explicou ela colocando uma folha de papel sobre a mesa—. Um tipo branco, de uns veintitantos anos. Dois detetives do Departamento de Investigação Criminal já foram ao cenário do crime, além de um forense e um casal de agentes. O capitão diz que deve ir agora mesmo, antes de que chamem uma ambulância para retirar o cadáver.

Brannon fez uma careta.

—Né, isso fica dentro dos limites da cidade. Quer dizer, em nossa jurisdição... —começou a dizer.

—Sei. Mas este caso é difícil. Encontraram a esse jovem branco com uma única ferida de bala na nuca, como se o tivessem executado. Recorda o que há em Castelo Alameda?

—Não.

—O clube noturno do Jake Marsh. E acharam o cadáver duas portas mais à frente.

Brannon sorriu.

—Vá, vá! Que bonita surpresa, e justo quando começava a me compadecer de mim mesmo —titubeou—. Espera um momento. por que decidiu o capitão me enviar a mim? —perguntou recelosamente, olhando de soslaio para a porta fechada de seu superior—. O último que me encarregou foi investigar a misteriosa morte de uma vaca mutilada. Pensaram que tinham sido uns extraterrestres.

Sua companheira pôs cara de desagrado.

—Está cheio o saco porque conseguiu trabalhar com o FBI, enquanto que o rechaçaram um par de vezes. Mas diz que pode te encarregar do caso porque este mês não o puseste em nenhum aperto. Ainda.

—Não será fácil. De fato, arrumado o pagamento de uma semana a que a imprensa se pôs as botas antes de que anochezca.

—Prefiro não me somar à aposta. Por certo, o capitão diz que deveria deixar de repor nesse novo posto de gasolina com pessoal exclusivamente feminino. Dá má fama ao departamento.

Brannon arqueou ambas as sobrancelhas.

—Tem algo contra que as mulheres sirvam gasolina? —perguntou com ar inocente.

—Não é gasolina quão único servem —a agente se ruborizou ao compreender o que havia dito e saiu como uma exalação.

Brannon esboçou uma sorrisita perversa enquanto ela partia. Logo tomou a folha de trabalho e saiu do escritório, recolhendo o chapéu Stetson pelo caminho.

Em Austin, uma esbelta mulher com o cabelo loiro recolhido em um acréscimo, e óculos com arreios dourada sobre seus faiscantes olhos castanhos, tentava consolar a um dos peritos em informática do escritório do fiscal general.

—Em realidade, cai-lhe bem, Phil —disse Josette Langley ao jovem recém saído da universidade, que logo que levava um mês em seu primeiro trabalho. Parecia destruído—. Seriamente.

Phil, ruivo e de olhos azuis, olhou para a porta do Simon Hart, o fiscal general do Texas, e avermelhou ainda mais.

—Disse que por minha culpa seu ordenador se bloqueou enquanto estava falando com o vice-presidente sobre a próxima reunião de governadores. cortou-se a conexão com a rede e não pôde voltar a conectar-se. Arrojou-me o camundongo à cabeça.

—Só arroja costure quando Atira está zangada com ele. Mas lhe acontece em seguida. Além disso, o vice-presidente é terceiro sua primo —assinalou Josette—, E meu, agora que o penso —acrescentou pensativamente—. Não passa nada, Phil. Tem que aprender a não tomar seus prontos tão a peito.

O jovem a olhou asperamente.

—Nunca te grita.

—Eu sou uma mulher —assinalou ela—. Sua mentalidade antiquada lhe impede de lhes gritar às mulheres. Seus irmãos e ele receberam uma educação muito estrita, e não souberam avançar com os tempos.

—Tem quatro irmãos e diz que todos se parecem com ele. Imagine !

Josette recordou que Phil era filho único, igual a ela.

—Não todos se parecem com ele. Em qualquer caso, vivem no Jacobsville, Texas. Casado-los se apaziguaram muito — não se atreveu a pensar nos dois Hart que seguiam solteiros, Leão e Rei. As histórias sobre suas ânsias de bolachas caseiras, e as coisas que faziam para as satisfazer, levavam caminho de converter-se em lenda.

—Pois os solteiros não se apaziguaram nada. Um deles se levou a rastros à cozinha de um restaurante de Vitória a semana passada. Até enviaram aos Rangers do Texas atrás dele!

—Enviaram ao Judd Dunn —replicou Josette—. Também é nossa primo. Mas tudo foi uma espécie de brincadeira. E não a levou a rastros, exatamente... Enfim, não tem importância —estava falando muito depressa. Suas bochechas se acaloraram quando ouviu mencionar aos Rangers do Texas.

Tinha dolorosas lembranças de um Ranger em particular, ao que tinha amado apaixonadamente. Gretchen, a irmã do Marc Brannon, havia-lhe dito que Marc sofreu um ataque de fúria, motivado pelo álcool, pouco depois de que rompessem e se enfrentassem na sala de justiça, em um julgamento por assassinato. Marc deixou os Rangers ao pouco tempo e ingressou no FBI. Gretchen também lhe havia dito que Marc quase tinha enlouquecido sentindo-se culpado por um incidente ainda mais antigo, acontecido quando Josette tinha quinze anos e ele trabalhava de polícia no Jacobsville. Resultava estranho, disse-se, recordando as dolorosas palavras que Marc lhe tinha dirigido quando romperam.

Josette havia dito ao Gretchen que não o culpava por ter duvidado de sua inocência. Ao menos, uma parte dela não o culpava. Mas outra parte mais escura desejava pendurá-lo bocabajo de um carvalho pelo sofrimento daqueles dois anos. Marc jamais acreditou realmente sua história até aquela última e desastrosa entrevista, e a deixou sem mais explicações detrás ter

feito que se sentisse como uma prostituta. Ela o tinha amado, mas Marc não devia havê-la correspondido. Do contrário, não se teria ido do Texas, por muito que aquele julgamento os tivesse inimizado.

Josette se esclareceu garganta, dissipando as lembranças eróticas de sua última entrevista com o Marc, e voltou a centrar sua atenção no pobre e abatido Phil Douglas.

—Falarei com o Simon —prometeu—. De fato, tenho que me aproximar de seu escritório.

—Eu gosto de trabalhar aqui —disse Phil ansiosamente—. Coméntaselo. E lhe diga que arrumarei o ordenador para que a próxima vez não volte a bloquear-se.

—Muito bem. Mas alegre essa cara. Não é o fim do mundo.

Quando Josette entrou no despacho do Simon Hart, fiscal general do Texas, encontrou-o pendurando o telefone com o cenho franzido, como se acabasse de morder um alimento em mal estado.

—Acontece algo? —inquiriu Josette.

Simon se removeu na cadeira, com a mão artificial apoiada na mesa. Parecia tão real que, às vezes, a gente esquecia que lhe tinham amputado a verdadeira. Simon era corpulento, moreno e formidável. Tira, sua atrativa esposa, e seus dois filhos lhe sorriam da confusão de fotografias alinhadas em uma mesa situada atrás dele.

—Era o ajudante do fiscal do Santo Antonio —explicou Simon—. Se produziu um assassinato aparentemente relacionado com a máfia local. A poucos metros do clube noturno do Jake Marsh —a olhou de esguelha—. Um mafioso local. ouviste falar dele?

—Soa-me o nome, embora não sei exatamente do que. Mas o caso não nos concerne, verdade?

—Em realidade, pode que sim. Tudo depende de se podemos relacionar ao Marsh com o assassinato. O fiscal do distrito telefonou ao chefe de polícia e lhe deu permissão para que um agente dos Rangers colaborasse na investigação. Marc Brannon, concretamente —Simon levantou uma mão quando ela fez gesto de protestar—. Sei que há mau sangue entre vós, mas Marsh é um criminoso muito conhecido. Tenho tantas vontades de lhe jogar a luva como o fiscal do distrito, assim vou enviar te como enlace de meu escritório durante a investigação. Este caso me dá mau espinho.

Josette não estava escutando. O coração lhe tinha acelerado.

—Pode imaginar ao Brannon e a mim trabalhando juntos? Solo será possível se lhe confiscar todas as balas e me obriga a deixar minha pistola imobilizadora aqui em Austin.

Simon emitiu uma risita. face ao trágica que tinha sido sua vida, Josette seguia sendo forte, independente e engenhosa. Graças a sua licenciatura em direito criminal, incorporou-se à Unidade de Investigação Especial do Simon fazia dois anos. E o certo era que adorava o trabalho. Tinha acesso ao reputado Centro de Investigação Criminal do Texas, que subministrava importante informação às agências de polícia.

—Ainda não há nada claro —acrescentou Simon—. Pode que o assassinato não tenha nada que ver com o Marsh, embora eu rogo que assim seja. Mas preferi te pôr sobre aviso, se por acaso tem que acudir.

—Está bem. Obrigado, Simon.

—Somos família. Mais ou menos —Simon franziu o cenho—. Era sua terceiro primo o que estava aparentado com meu abuelastra...?

—Deixa-o —grunhiu ela—. Faria falta um genealogista para sabê-lo.

—Enfim. Não podem me acusar de nepotismo por te haver contratado, mas somos primos longínquos. Família —acrescentou Simon com uma cálida sorriso—. Como todo o pessoal.

—Celebro que o cria assim. Porque o «primo» Phil quer que saiba que adora seu trabalho e que lamenta ter vexado seu ordenador —disse Josette ironicamente—. E que espera que não jogue do Departamento de Internet.

Os olhos do Simon emitiram faíscas.

—Pode lhe dizer à primo Phil que se vá à... !

—Não o diga —advertiu ela—. Ou chamarei a Atira para me dedurar.

Simon apertou os dentes.

—OH, está bem —franziu o cenho—. Como certo, o que queria?

—Uma ascensão —começou a dizer Josette, contando com os dedos—. Um ordenador que não se bloqueie cada vez que coloco um programa. Um exploratório novo, que o velho é muito lento. Outro arquivo. E talvez um desses perritos robô tão bonitos? Poderia lhe ensinar a me trazer os arquivos...

—Sente-se!

Josette se sentou, mas sem perder o sorriso. Cruzou as pernas e se dispôs a lhe falar de certa consulta legal que tinha remetido por fax um fiscal de distrito rural. Por deferência ao Simon, dissimulou sua inquietação ante o fato de que o destino pudesse fazê-la coincidir de novo com o Marc Brannon.

Josette estava virtualmente tremendo quando saiu do despacho do Simon. Tinha que ser um assassinato fácil de resolver, disse-se firmemente. Não podia ver o Brannon de novo quando logo que estava começando a esquecê-lo. Entretanto, uma

incessante apreensão a atormentou durante o resto do dia, como se no fundo soubesse que aquele homicídio do Santo Antonio ia trocar seu destino.

Aquela tarde, depois de chegar a seu apartamento e saudar seu gato, Barnes, Josette tirou seu álbum de fotos. Não o tinha aberto durante dois dolorosos anos, mas agora ardia em desejos de ver aquele homem alto, elegante e formidável de seu passado.

Tinha amado ao Marc mais que a sua própria vida. Não obstante, ele tinha descoberto um segredo sobre o Josette que o tinha destruído. separou-se de seus braços, amaldiçoou-a rotundamente e partiu sem olhar atrás. Poucos dias depois, Josette foi com um conhecido dele, chamado Ihe Dê Jennings, a uma festa em que morreu um rico ancião do Santo Antonio. Josette acusou ao melhor amigo do Mare, e candidato a vicegovernador, do assassinato, por ser o único herdeiro do ancião. Brannon utilizou seu passado contra ela no julgamento para salvar a seu amigo. Não haviam tornado a falar após.

Em realidade, Josette não podia culpar ao Brannon por ter defendido a seu melhor amigo. Mas, se de verdade a tivesse querido, não a teria abandonado tão alegremente nem a teria tratado como a um trapo sujo.

Quase todos no Santo Antonio sabiam que Brannon jamais reconheceria o amor embora o tivesse diante dos narizes. E provavelmente era certo. Era um solitário por natureza. Tanto ele como sua irmã, Gretchen, tinham vivido uma infância de absoluta pobreza. Sua mãe tinha morrido de câncer pouco depois de que Josette e ele rompessem.

Barnes começou a ronronar e se esfregou contra o braço do Josette, tirando a de suas tristes reflexões.

—Tem fome? —perguntou-lhe ela, acariciando-o—. Está bem, Barnes. Compartilharemos um hambúrguer —disse levantando-se e despezerezándose. Levava o cabelo solto e a dourada juba caía em cascata até seus quadris. Ao Brannon estava acostumado a Ihe encantar que o levasse assim.

Josette fez uma careta. Tinha que deixar de lembranças!

CAPÍTULO 2

Marc Brannon se ajoelhou junto à vítima, um homem jovem, de uns veintitantos anos, vestido com desalinho. disse-se que Ihe soava de algo. Em um braço tinha tatuado um corvo, tinha cicatrizes nas bonecas e nos tornozelos, o que delatava uma estadia na prisão. Havia um atoleiro de sangue ao redor de seu cabelo loiro, e tinha os olhos abertos e inexpressivamente fixos no céu. Parecia indefeso e vulnerável ali tendido, com seu corpo exposto aos olhares dos policiais e os curiosos. Os especialistas examinavam a área como sabujos, procurando pistas cuidadosamente. Um deles, que trabalhava com um detector de metais, tinha achado um casquilho de bala que esperavam que pertencesse à arma homicida. Outro especialista gravava em vídeo o cenário do crime desde todos os ângulos.

Brannon se passou a mão pela pulcra calça cáqui enquanto entrecerrava os olhos pensativamente. Possivelmente Marsh não tivesse nada que ver com aquilo, embora resultava curioso que o cadáver tivesse aparecido tão perto de seu clube noturno. Seguro que teria um sólido álibi, disse-se Brannon com irritação.

O detetive de homicídios, Bud García, saudou com a mão ao Marc antes de falar com os agentes que, ao parecer, tinham encontrado o cadáver. Brannon suspirou enquanto se reunia com a forense junto ao corpo.

—Olá, Jones —a saudou—. Se sabe já algo deste tipo?

—Claro —respondeu ela enquanto embolsava as mãos da vítima—. Já sei um par de coisas.

—E bem? —apressou-a Brannon com impaciência.

—É um varão e está morto —respondeu Alice Jones com um sorriso cínico enquanto ajustava a última bolsa com cinta adesiva. Tinha o cabelo, negro e curto, empapado em suor.

Ele a olhou com eloqüente severidade.

—Sinto-o —murmurou Alice—. Não, ainda não sabemos nada, nem sequer seu nome. Não levava documentação —acrescentou levantando-se—. Tem alguma hipótese sobre as circunstâncias?

Brannon voltou a examinar o corpo.

—Tem as bonecas assinaladas e os tornozelos. Suponho que se escapou do cárcere.

—Não está mau, Ranger —murmurou ela—. Eu deduzi o mesmo. Não obstante, terá que esperar à autópsia para obter mais respostas.

—Pode calcular aproximadamente a hora da morte?

—Quer que Ihe introduza um termômetro no fígado, aqui mesmo?

—Por Deus, Jones! —exclamou Brannon.

—Está bem, está bem. Pelo grau de rigor mortis, calculo que leva morto umas quantas horas —murmurou Alice antes de reatar seu trabalho—. Mas, como digo, terá que esperar à autópsia. E o depósito já está cheio de cadáveres esperando turno.

Brannon amaldiçoou entre dentes e se levantou. Era um caloroso dia de setembro, e o sol se refletia em sua placa do Ranger do Texas. tirou-se o chapéu E se passou a mão pela suarenta frente. Continuando, foi em busca do Bud García, o detetive de homicídios. Encontrou-o falando com outro detetive vestido de patrício, que sustentava uma caderneta e um telefone móvel.

—Sim, casa com a descrição —disse García com um sorriso satisfeito—. Até a tatuagem do corvo. É ele, não há dúvida. Vá um golpe de sorte! lhe dê as graças ao alcaide de minha parte.

O outro agente assentiu e seguiu falando por telefone enquanto se retirava.

—Já sabemos algo, Brannon —disse García ao ver que Marc se aproximava—. A penitenciária do Wayne denunciou a fuga de um de seus presos, e sua descrição coincide exatamente com a da vítima. escapou a primeira hora desta manhã, enquanto formava parte de um destacamento de trabalho.

—sabe-se o nome? —inquiriu Brannon.

—Sim. Jennings. lhe dê Jennings.

Brannon tinha motivos sobrados para recordar aquele nome. Com razão sua cara lhe tinha parecido familiar. Jennings, um delinqüente da localidade, tinha sido condenado pelo assassinato de um rico empresário do Santo Antonio dois anos atrás. havia-se dito que estava fortemente vinculado com o Jake Marsh e sua organização criminal. Sua fotografia tinha saído em periódicos e revistas sensacionalistas de todo o país. O julgamento tinha estado rodeado de um grande escândalo. Josette Langley, quão jovem acompanhava ao Jennings a noite em que foi assassinado o ancião Henry Garner, insinuou publicamente que a pessoa que mais tinha que ganhar com aquela morte era Bib Webb, o melhor amigo do Brannon e atual vicegovernador do Texas.

O advogado do Webb conseguiu convencer ao fiscal de que Jennings tinha sido o autor do assassinato, e de que o testemunho que Josette fez em sua defesa estava infestado de mentiras. Ao fim e ao cabo, já se tinha demonstrado que tinha mentido em um julgamento por violação alguns anos antes. Foi o passado do Josette o que salvou ao Webb dos cargos. Silvia Webb, a esposa do Bib, tinha visto o Henry Garner fora da mansão e o tinha saudado antes de ir-se levar ao Josette a sua casa. Também disse ter visto uma clava ensangüentada no assento do passageiro do carro do Jennings. Tanto ela como Bib Webb tinham um álibi para os seguintes minutos, durante os quais Garner perdeu a vida no mole do lago privado do imóvel dos Webb.

Quando Silvia retornou e comprovou que o carro do Garner seguia estacionado na entrada, vazio, e que ninguém tinha visto o ancião desde fazia bastante momento, chamou imediatamente à polícia. proibiu-se que os convidados abandonassem a festa enquanto se levava a cabo a busca do Garner, que apareceu flutuando perto do mole, morto. Ao princípio se rumoreou que certamente o ancião tinha bebido em excesso e se cansado do mole, golpeando-a cabeça. Podia ter passado por um acidente.

Mas Josette, que ouviu a notícia na televisão aquela mesma noite, chamou à polícia e disse que Garner não tinha bebido absolutamente durante a festa, que ela não o tinha visto fora da casa enquanto partia com a Silvia, e que no carro do Jennings não havia nenhuma clava. Sabia porque tinha ido nele à festa.

comprovou-se que Garner tinha um galo na cabeça quando o tiraram da água. E se achou uma clava bem visível em um assento dianteiro do carro de lhe Dê Jennings. Este protestou freneticamente enquanto a polícia o levava.

Josette tinha a certeza de que Bib Webb estava comprometido. Mas suas suspeitas se chocavam com o sólido álibi do Webb e sua esposa, quem tinha afirmado que Jennings tinha um motivo: no dia anterior tinha discutido com o Garner a conta de seu salário. Garner tinha contratado ao Jennings como chofer e homem para tudo. Do mesmo modo, Silvia Webb havia dito que Jennings tinha roubado algumas pertences do ancião. E, efetivamente, em seu apartamento encontraram uns gêmeos de ouro, um alfinete de gravata e uma quantidade considerável de dinheiro em metálico, o qual aumentou o sensacionalismo do julgamento. Jake Marsh foi interrogado várias vezes, a propósito de certo trabalho nebuloso que Jennings fazia para ele. Mas não tirou o chapéu nenhuma prova sólida, de modo que Marsh não saiu comprometido, para desespero e consternação dos fiscais do Bexar County e do fiscal general do Estado do Texas, Simon Hart.

Brannon se meteu as mãos nos bolsos da calça cáqui. Apertou os punhos ao recordar a expressão do Josette em outro julgado, muito antes, quando tinha sozinho quinze anos e tentava convencer a um jurado hostil de que tinha sido drogada e quase violada pelo filho de um rico vizinho do Jacobsville. A vida tinha tratado mal ao Josette. Mas ao Brannon doeu que acusasse ao Bib Webb, seu melhor amigo, de um pouco tão horrendo como ter assassinado a um indefeso ancião por seu dinheiro. Estava muito claro que tinha sido Jennings. Tinha a arma homicida no carro, com rastros de sangue, cabelo e malha da cabeça do pobre Garner. O forense identificou a clava como a arma que se utilizou para aturdir ao ancião antes de empurrá-lo à água.

—Conhece essa tal Langley que trabalha no escritório do Simon Hart, verdade? —inquiriu García, devolvendo ao Brannon à presente.

Brannon assentiu lacónicamente.

—Ambos somos do Jacobsville. Josette e seus pais se trasladaram ao Santo Antonio faz uns anos. ouvi que seus pais morreram. Faz dois anos que não a vejo, desde que se foi a Austin —acrescentou, recordando como tinha quebrado sua relação com ela na semana anterior à morte do Garner. Desviou o olhar para o cadáver que jazia nisto chão parece o trabalho

de um profissional. Um disparo na nuca, a quemarropa. Tinha os joelhos cobertos de barro avermelhado, como este — removeu o barro ressecado do pavimento com a ponta da bota—. Provavelmente estava ajoelhado quando o mataram.

—Sim. E é muita casualidade que o clube noturno do Marsh esteja a poucos metros daqui —o detetive assinalou com a cabeça a rua em que desembocava o beco.

—Se Marsh está envolto, acharei um modo de demonstrá-lo —disse Brannon amargamente—. Leva anos saindo de rositas de assassinatos, intentos de assassinato, tráfico de drogas e apostas ilegais. Já é hora de que pague pelo sofrimento que causou.

—Brindo por isso. Mas não podemos detê-lo sem provas, e isso que eu adoraria —confessou García.

—Bom, quanto antes começemos, melhor. Voltarei para a delegacia de polícia e informarei ao Simon Hart do que sabemos —Brannon franziu os lábios—. vai pilhar um encho o saco de revide.

García emitiu uma risita.

—Seguro —disse. Logo olhou para o cadáver—. Tinha família?

—Sua mãe, parece-me. encontraram a bala?

—Uma. os de balística terão que nos dizer se for a correta. Ouça, não condenaram ao Jennings por assassinato fazer um par de anos? —perguntou García repentinamente.

—Sim. Em um julgamento no que quase resultou comprometido nosso flamejante vicegovernador —respondeu Brannon—. Seguro que a imprensa retomarará o caso e o utilizará para pôr em um apuro ao Bib Webb. Não poderia ocorrer em pior momento. Sua partida acaba de nomeá-lo candidato para esse posto que ficou vacante no Senado. A má imprensa poderia acabar com suas possibilidades.

—Dizem que a vida é o que está acostumado a acontecer quando a gente tem outros planos —disse García com um turvo sorriso.

—Amém —assentiu Brannon.

Retornou à delegacia de polícia e telefonou ao Simon Hart para lhe dar a notícia. Uma hora mais tarde, achava-se em um avião com rumo a Austin.

Simon Hart escutou o relatório do Brannon em seu espaçoso despacho de Austin. Tinha solicitado a ajuda do agente no caso assim que tinha conhecido a identidade da vítima. Brannon possuía um excelente histórico na investigação de homicídios e estava legalmente autorizado para investigar em múltiplos jurisdições. Jennings tinha sido assassinado no Bexar County, mas tinha estado encarcerado no Wilson County. O cadáver logo que tinha ingressado no depósito, quando a televisão deu a notícia de que a vítima esteve relacionada com um caso de assassinato produzido dois anos antes em Austin, Texas, no que também esteve envolto Bib Webb, vicegovernador do Estado. Aos meios adoravam os escândalos políticos. Mas, com sorte, possivelmente poderiam deter o Jake Marsh por fim, acusando o de assassinato.

Simon tinha pedido ao Brannon que voasse a Austin para pô-lo à corrente dos preliminares.

—Esta manhã falei com o Bib Webb —explicou Simon enquanto sorvia seu café—. Não só é candidato ao Senado, mas sim sua empresa construtora participa de um projeto importante nos subúrbios do Santo Antonio. Um complexo agrícola autônomo, com sistemas de rega e de armazenamento próprios. Bib investiu milhões de seu próprio bolso para ajudar aos rancheiros curvados pela seca. Este caso já lhe está afetando. Wally está preocupado —acrescentou refiriéndose ao governador—. Já começou a campanha para as eleições de novembro. Wally apostou forte pelo Bib.

—Sim, sei. Almocei com o Bib a semana passada —Brannon entreabriu seus olhos cinzas—. É possível que tenham tramado tudo isto para arruinar sua campanha?

—Claro. Já sabe quão suja é a política. Mas não acredito que ninguém em seu são julgamento cometesse um assassinato para provocar um escândalo.

—Há muito louco solto pelo mundo —lhe recordou Brannon

Simon trocou de postura, colocando o braço ortopédico sobre a mesa enquanto elevava a taça de café com a mão direita. Brannon e ele eram parentes longínquos, e ambos tinham família no Jacobsville. Brannon tinha crescido ali, e ainda possuía um rancho no povo, onde Gretchen, sua irmã, tinha vivido até que se casou com o xequê governante do Qwai, no Meio Oriente. O xequê e ela tinham um filho, e estavam alcançando um grande prestígio nos círculos internacionais.

—tiveste notícias do Gretchen ultimamente?

Brannon assentiu.

—Telefona-me todos os meses para assegurar-se de que como bem.

—Sente falta de Texas? —inquiriu Simon.

—Não o parece. Está louca com seu filho e com o Philippe —murmurou Brannon nomeando a seu cunhado—. Terá que reconhecer que é único.

—por que deixou o FBI? —Simon trocou de tema bruscamente.

—Cansei-me —respondeu Brannon evasivamente—. Com dois anos tive suficiente.

—Nunca cheguei a entender por que deixou os Rangers, para começar —Simon tomou outro sorvo de café puro—. Levava caminho de conseguir uma ascensão. Deixou-o tudo para ir a Washington, e logo solo esteve ali um par de anos.

Brannon desviou o olhar.

—Nnaquele tempo naquele tempo me pareceu uma boa idéia.

—Não teve nada que ver com o julgamento do Jennings ou com o Josette Langley?

Brannon apertou a mandíbula com tanta força que lhe doeram os dentes.

—Não, nada.

—Você trabalha no Santo Antonio e ela trabalha aqui em Austin. Não terá por que vê-la se não quiser. Ao menos, depois de que Josette tenha investigado este caso para mim.

—Farei meu trabalho, sem me importar com quem tenha que colaborar.

—Muito bem. Mas deve saber que enviarei ao Josette ao Santo Antonio amanhã.

Os olhos do Brannon cintilaram.

—O que?

—É a única investigadora do escritório que conhece bem os fatos.

—Mas esteve envolta no caso! —estalou Brannon levantando-se—. Faz dois anos, tentou que prendessem o Bib pelo assassinato do velho Garner!

—Sente-se —Simon o olhou com olhos frios e imperturbáveis.

Brannon se sentou, mas a desgosto.

—Há quem, a data de hoje, seguem afirmando que Jennings não foi mais que um cabeça de turco —prosseguiu Simon. Levantou uma mão quando Brannon começou a protestar—. Jennings e Josette tinham sido convidados a essa festa a noite que Garner morreu. Jennings era um dom ninguém, mas tinha relações com a máfia local do Santo Antonio, encabeçada pelo Jake Marsh. Na festa se ingeriu muito álcool. Até o Bib o admitiu. O sucesso poderia ter passado por um simples acidente de não ser pelas acusações do Josette. Foi a única que insistiu em que Garner não tinha bebido nem se cansado do mole acidentalmente.

—Acusou ao Bib por inimizade com ele ou com sua esposa —insistiu Brannon—. Estava zangada comigo, para cúmulo. Acusar ao Bib foi sua maneira de me passar fatura.

—Sabe perfeitamente como a educaram, Marc —disse Simon tranqüilamente—. Seu pai era reverendo e sua mãe repartia catequese. Josette é incapaz de mentir.

—Muitas garotas se soltam o cabelo ao abandonar o lar paterno. E te recordar que, quando tinha quinze anos, saiu às escondidas de sua casa para ir a uma festa, e acusou a um menino de ter tentado violá-la. O médico que a atendeu em urgências declarou que não tinha havido violação —acrescentou Brannon, ostensivelmente incômodo com o tema—. Josette estava perfeitamente intacta.

—Sim, já sei —Simon suspirou—. Pelo visto, o agressor tinha estado muito bebido para forçá-la —olhou ao Brannon com seriedade—. Devemos resolver o caso com a maior rapidez e eficiência possíveis, pelo bem do Webb.

—Bib é um bom homem, com um brilhante futuro político —disse Brannon, aliviado com a mudança de tema.

—Quererá dizer que Silvia tem um brilhante futuro político —murmurou Simon cinicamente—. É ela quem lhe diz o que tem que ficar e como deve comportar-se. É a verdadeira responsável por seu êxito, e sabe perfeitamente.

Brannon se encolheu de ombros.

—Bib não é um homem dinâmico por natureza —reconheceu—. Silvia foi seu anjo guardião desde o começo.

Simon se recostou na cadeira.

—Como te hei dito, quero que este caso resolva quanto antes.

—Farei o que possa.

—Colaborará com o Josette —acrescentou Simon firmemente—, por muito que chie de dentes. Ambos conhecem bem o caso. Poderão resolvê-lo —«sim antes não lhes matam o um ao outro», disse-se para si.

Brannon esperou o elevador no vestíbulo, apoiado na parede enquanto observava uma planta artificial coberta de uma ligeira capa de pó. Por fim, as portas do elevador se abriram para revelar a uma única ocupante. Seus grandes olhos castanhos se fixaram nos do Brannon, obscurecendo-se com uma sombra de recriminação e ressentimento. Tinha o comprido cabelo loiro recolhido em um acréscimo. Não levava jóias, salvo uma singela cruz de prata e turquesa pendurada de uma cadeia. Calçava uns sapatos cinzas, a jogo com o impecável, embora algo antiquado, traje de jaqueta. Tinha tão só vinte e quatro anos, mas seu rosto estava sulcado de pequenas linhas.

Brannon notou que o coração lhe encolhia ao vê-la.

Ela entreabriu os carnudos lábios com surpresa, como se não tivesse esperado encontrá-lo ali. Logo baixou o olhar até a placa que Brannon tinha presa no bolso da camisa.

—ouvi que tornaste com os Rangers do Santo Antonio —disse Josette Langley.

Brannon se meteu as mãos nos bolsos e as apertou com força. Josette era uma mulher de média estatura. De fato, chegava-lhe pelo nariz. Brannon recordou o brilho de seus olhos castanhos, a ligeira separação de seus lábios e seus ofegos de

felicidade enquanto dançavam juntos, fazia já muito tempo. Recordou a suavidade de seus olhos ao sorrir, o contato quente de sua pele, a inocência de sua boca quando a beijou pela primeira vez, a febril reação de seu corpo ante suas ardentes carícias...

—Simon me há dito que te encomendou o caso —disse lacônicamente, negando-se a permitir que sua mente retrocedesse no tempo.

Ela assentiu.

—Sei mais sobre lhe Dê Jennings que outros investigadores.

—Certamente —respondeu Brannon sarcásticamente.

—Já estamos —disse ela com resignação. Enfim, deixemos de cerimônias, Brannon. te desafogue a gosto. Sou uma mentirosa, arruíno a carreira profissional de outros... Possivelmente inclusive faço que os ordenadores se bloqueiem, embora isso o jurado ainda não o decidiu.

Brannon se sentiu desconcertado. Tinha esperado que Josette se mordesse o lábio e se mostrasse atormentada, igual a dois anos antes, quando ele a tinha cuidadoso com raiva na sala de justiça, durante o julgamento do Jennings. Mas aquela parecia uma Josette distinta, uma mulher serena e forte que não se deixava amedrontar.

—Necessitarei qualquer informação que possua sobre, Jennings —disse Brannon bruscamente.

—Não há problema. Enviarei-lhe isso por mensageiro ao Santo Antonio hoje mesmo, antes de sair do escritório —Josette assinalou o montão de arquivos que levava—. De fato, dispunha-me a fotocopiar os arquivos.

—converteu-se em uma mulher muito eficiente, senhorita Langley.

—Verdade que sim? —replicou Josette com descaramento—. te Ande com cuidado, Brannon. Pode que um dia destes acabe sendo fiscal general. Não lhe sentaria fatal a seu ego? E agora, com sua permissão...

Josette se girou e fez gesto de afastar-se. O elevador havia tornado a ir-se enquanto falavam. Brannon pulsou de novo o botão com raiva.

—Tinha Jennings família? —inquiriu bruscamente.

Ela se voltou para olhá-lo.

—Só a sua mãe. Está meio inválida e padece do coração. Recentemente perdeu sua casa como resultado de uma fraude. Despejaram-na esta mesma semana —seus olhos castanhos se entrecerraron—. Seu marido morreu faz muito e não tem mais filhos. lhe dê e ela estavam muito unidos. Greve dizer que seu filho passou dois anos no cárcere por um crime que não cometeu, enquanto que o verdadeiro culpado herdou a fortuna que necessitava para financiar sua campanha política...!

—Nenhuma palavra mais —disse Brannon em um tom suave e profundo que provocou ao Josette um calafrio.

—O que? —desafiou-o com as sobrancelhas arqueadas e um frio sorriso. Ao ver que não respondia, encolheu-se de ombros —. Espero que alguém tenha tido a decência de lhe comunicar à senhora Jennings a morte de seu filho.

—Assegurarei-me disso —respondeu Brannon.

Os olhos do Josette se suavizaram levemente. —Obrigado —disse, e se girou de novo.

—encontraste nesses arquivos alguma pista que aponte a uma possível execução? —perguntou Brannon deliberadamente.

Josette se aproximou dele outra vez.

—Crie que alguém pôs preço a sua cabeça —disse confidencialmente, em tom deliberadamente baixo.

Brannon assentiu.

—Foi coisa de um profissional. Jennings se fugiu do cárcere, aparentemente com a ajuda de um cúmplice desconhecido, chegou até o Santo Antonio e acabou recebendo um único disparo na nuca, a queimarropa, perto do clube de um conhecido mafioso.

—Mas qual pôde ser o motivo? —inquiriu Josette com curiosidade—. Estava no cárcere, fora da circulação. por que foram querer tirá-lo dali para logo assassiná-lo?

—Não sei —admitiu Isso Brannon é o que devo averiguar.

—Pobre lhe Dê —disse ela com pesadumbre—. E sua pobre mãe...!

—O que há nesses arquivos? —perguntou Brannon, trocando de tema a propósito.

—Informação sobre todas aquelas pessoas que o chamaram ou lhe escreveram antes de sua fuga, e expedientes dos criminosos com os que se rumoreó que tinha relação —explicou ela—. Falaremos com sortes pessoas, naturalmente, e a polícia terá que pentear a área onde o encontraram em busca de possíveis testemunhas.

—Não encontrarão nenhum se o fez um profissional.

—Já sei.

—por que decidiu te dedicar a isto? —perguntou Brannon inesperadamente.

Josette entreabriu seus olhos castanhos.

—Porque há muitos inocentes condenados injustamente. E muitos culpados postos em liberdade.

Brannon ficou rígido.

—Jennings era um criminoso e tinha antecedentes —lhe recordou.

—Unicamente uma condenação por agressão —corrigiu Josette—. E aconteceu quando era um adolescente. Bebeu muito, meteu-se em uma briga e o detiveram. Nem sequer foi ao cárcere. Mas isso, somado a sua conexão com o Jake Marsh, redundou em seu contrário quando o prenderam pelo assassinato do Garner.

—Estava perfeitamente sóbrio quando Garner se afogou —repôs Brannon—. Lhe fizeram a prova do álcool e deu zero. Jennings teve a oportunidade e os meios. Garner era velho e não sabia nadar.

—E por que ia querer assassiná-lo?

—Garner lhe devia dinheiro —respondeu Brannon com um sorriso—. O tinha despedido, e já tinham tido uma discussão. Pode que discutissem no mole. Suas lembranças dos fatos eram questionáveis. Tinha bebido, recorda?

Josette devia admitir, com grande vergonha, que aquela noite tinha cometido a estupidez de beber muito ponche. Não estava habituada a ingerir álcool, de modo que o vodka tinha debilitado seus sentidos. Quando tinha quinze anos, tinham introduzido LSD em sua bebida e quase tinham acabado violando-a. Após, solo aceitava uma taça quando estava absolutamente segura sobre sua procedência.

—Não estava totalmente sóbria. Mas o mesmo pode dizer-se de outros convidados. Silvia disse ter visto o senhor Garner em seu carro antes de me levar a minha casa, e que inclusive o saudou com a mão. Eu não vi nada disso. Porque estava bebida, segundo ela.

—Não disse isso no julgamento —lhe recordou Brannon.

—Não tive tempo de dizer muito. Graças a suas solícitas sugestões, o fiscal tirou reluzir meu testemunho no julgamento por violação quando eu tinha quinze anos. Obteve que me desmoronasse no estrado. Mais tarde me inteirei de que Webb e você lhe tinham dado essa informação. E eu que pensei que queria me ajudar —Josette esboçou um sorriso amargo—. Me ensinou a dançar. Foi amigo de meu pai. Quando fui à universidade do Santo Antonio, sempre estive perto de mim. Saímos juntos durante meses, antes de que o senhor Garner... morrera —respirou fundo—. Mas nada disso te importou, verdade? Creíste que tinha mentido para implicar ao Bib Webb. Nunca o duvidou.

—Bib Webb é uma das pessoas mais decentes que conheço —disse Brannon com tom gélido.

—Inclusive as pessoas decentes podem cometer loucuras, sobre tudo se estão se desesperadas ou bêbadas. Você deveria saber, melhor que ninguém, que quem toma drogas ou álcool esquecem com frequência os fatos, até que voltam a estar sóbrios —acrescentou Josette. Era a primeira vez que falava com ele a sós sobre o ocorrido. E Brannon parecia estar escutando-a, embora não acreditasse nenhuma só palavra do que dizia.

—Silvia não tinha bebido tanto como para não recordar o que viu —repôs ele—. Sozinho tomou uma taça. E afirmou ter visto o Garner junto a seu carro quando saiu para te acompanhar a casa.

—Exatamente. Afirmou havê-lo visto.

—Que diferença há? —inquiriu Brannon impacientando-se—. Não conseguirá que troque de opinião.

—Isso já sei —disse Josette—. Não sei por que me esforço —acrescentou—. Te enviarei fotocópias dos arquivos a seu escritório, assim nenhum dos dois terá que carregar com eles durante a viagem —se deu meia volta—. Se tiver alguma pergunta que fazer, estarei amanhã de noite no hotel Madison do Santo Antonio. Ali poderá me encontrar.

—Se tivesse alguma pergunta que fazer, você seria a última pessoa a que recorreria —Brannon seguia ardido depois da conversação—. Não confio em ti absolutamente.

—Isso alguma vez trocará, né? —Josette riu—. Mas o mau conceito que tem de mim já não me afeta. De fato, importa-me um nada.

Josette se afastou pelo corredor, e Brannon a seguiu com o olhar, sabendo que não havia dito a verdade, possivelmente por orgulho. girou-se para o elevador e voltou a pulsar o botão a inapetência. Não gostava de partir deixando pendentes tantas perguntas entre eles. Desejava...

Brannon suspirou. Possivelmente solo desejava sentar-se junto a ela e contemplá-la durante um momento. Aquele encontro havia reabierto velhas feridas, mas também tinha avivado uma cálida chama em seu coração.

Brannon se afastou do elevador e pôs-se a andar pelo corredor.

CAPÍTULO 3

Simon Hart observou ao Josette em silêncio enquanto esta entrava no escritório e depositava os arquivos na mesa. Seguidamente, ela comentou a informação que tinha reunido para a investigação.

—Sei que isto pode resultar doloroso para ti —disse Simon em tom cometido—. Saiu com o Jennings faz dois anos.

—Fomos amigos, nada mais —lhe assegurou ela—. Sinto que tenha morrido, e desse modo tão horrível. Nunca acreditei que tivesse assassinado ao Henry Garner.

—Pagou um preço muito alto por tentar defendê-lo —disse Simon solenemente.

—Sim, mas voltaria a fazê-lo. Era inocente. Alguém lhe tendeu uma armadilha. O que sente saudades é que não lutasse com mais afinco contra a condenação. Pareceu como se se rendesse assim que entrou na sala do tribunal —recordou Josette pensativamente.

—Cruzaste-te com o Marc Brannon enquanto vinha? —perguntou Simon bruscamente.

Ao Josette o coração deu um tombo.

—Sim, vi-o —se obrigou a sorrir—. Ainda não pode acreditar que seu melhor amigo, Bib Webb, estivesse envolto em um crime. Foi isso o que nos colocou em lados opostos durante o julgamento. Marc é um amigo leal, terá que reconhecê-lo.

—Muito leal. Isso lhe subtrai objetividade.

—Em realidade, já não importa. Temos outro assassinato que resolver.

Simon lhe fez um gesto para que se sentasse.

—Eu gostaria de saber o que pensa.

Josette se reclinou na cadeira e cruzou as pernas, franzindo o cenho pensativamente. Ainda seguia alterada pelo inesperado encontro com o Mare, mas se concentrou no assunto mais imediato.

—De acordo com minha investigação, a lhe Dê Jennings lhe sobrevive sua mãe viúva. Está virtualmente inválida. Recentemente foi vítima de uma fraude financeira e perdeu suas economias e sua casa. Despejavam-na esta mesma semana. lhe dê sabia. Não posso evitar pensar que seu assassinato teve algo que ver com isso. Possivelmente estava tratando de conseguir dinheiro para ela de algum modo.

—Crie que estava chantageando a alguém, e que a vítima contratou a um assassino para acabar com ele?

Josette assentiu lentamente.

—São conjecturas, certamente. Mas e se conhecia alguma informação que podia prejudicar a alguém? Ao Bib Webb, por exemplo. E se lhe exigiu dinheiro em troca de seu silêncio? Webb tem muito que perder se se vê envolto em outro escândalo. Ninguém o consideraria inocente se se demonstrasse sua implicação em um segundo assassinato. Além disso, encabeça as pesquisa das eleições ao Senado.

—É vicegovernador, e tem êxito nos negócios —lhe recordou Simon.

—Tem êxito somente porque seu sócio, Garner, morreu —assinalou Josette.

—Sim, e Garner era viúvo e não tinha filhos. Webb tinha sido renomado seu único beneficiário.

—Herdou esses milhões e os empregou para adquirir uma próspera empresa agrícola com cujos recursos financiou sua campanha política. Ganhou o posto de vicegovernador faz dois anos, embora muitos afirmam que o conseguiu por incomparencia de seu adversário, que se viu obrigado a retirar sua candidatura depois de que a equipe do Webb desenterrasse certos trapos sujos de seu passado.

—Isso nunca chegou a demonstrar-se —precisou Simon.

—Sei. Mas se mencionou o nome do Jake Marsh, e não só em relação com lhe Dê. Agora, Bib Webb leva caminho de ocupar um assento no Senado dos Estados Unidos. É uma estrela em alta. Se lhe Der Jennings sabia algo sobre ele, ou tinha alguma prova, o que teria feito um homem na posição do Webb?

—Em primeiro lugar, teria se assegurado de que tal prova existia.

—Não entendo como poderia existir alguma prova tangível, dado que ninguém presenciou o assassinato do senhor Garner. A única prova real foi a clava que encontraram no carro de lhe Dê. Eu não cheguei a vê-la, mas ele não negou que fora dela. Nem acusou a nenhuma outra pessoa. Não. Se houve chantagem, teve que ser por outra coisa. Algo que teria demonstrado a culpabilidade do Webb em outro delito distinto do assassinato do Garner. Achar essas provas será nossa tarefa. Do contrário, a morte de lhe Dê será outro homicídio sem sentido. Outro assassinato não resolvido.

—Está bem. Faz o que cria conveniente. Mas terá que trabalhar com o Brannon —Simon elevou a mão quando ela fez gesto de protestar—. É um dos melhores investigadores que conheço. Além disso, meti-me nisto para tirar ao Jake Marsh da circulação. Essa segue sendo meu principal coloque. Acredito que Marsh está comprometido. E, se for assim, a investigação pode resultar perigosa. Brannon pode te brindar amparo. É uma boa lutadora e dispara ainda melhor que meu irmão Rei.

—Rei ganhou várias medalhas na competição nacional de tiro —lhe recordou Josette.

—E segue ganhando, em competições nacionais e internacionais —Simon se levantou—. Não fale com ninguém desta conversação —acrescentou gravemente—. O governador e Webb são bons amigos. Webb tem capitalistas aliados.

—Serei discreta.

—Espero que Brannon, a polícia do Santo Antonio e você consigam descobrir algo sobre o Marsh. quanto antes, melhor —acrescentou Simon com um sorriso cínico—. Porque me voltarei louco como Phil Douglas tenha que fazer seu trabalho, além disso do dele.

—Phil é um bom menino, e um excelente investigador de delitos informáticos.

—É um perito em ordenadores com complexo de superhéroe. vai voltar me majareta.

—É o fiscal general —lhe recordou Josette—. Envia-o a uma missão de campo.

—Boa idéia. Sempre quis saber que tal é o sistema informático do departamento de polícia De má sorte.

—Má Sorte é um povo fronteiriço com uma população de dezesseis habitantes, que em sua maioria não falam inglês. Phil não é bilíngüe —assinalou Josette.

Simon sorriu.

Ela elevou uma mão.

—Melhor vou. Informarei-te com regularidade, para te manter à corrente.

—Faz-o.

Josette assentiu e, depois de recolher os arquivos, saiu do despacho. Mas, uma vez no corredor, a expressão risonha de seu semblante se dissipou, e temeu que os joelhos lhe falhassem. Encontrar-se tão inesperadamente com o Marc a tinha destroçado. Levava sem vê-lo dois anos, do julgamento que os tinha convertido em inimigos acérrimos. sentia-se esgotada. Tão solo desejava ir-se a casa, tirá-los sapatos, acurrucarse no sofá com seu gato Barnes e ver um bom filme em branco e negro.

Josette se dirigiu de novo a seu escritório e, ao entrar, deteve-se em seco. Marc Brannon se encontrava ali, sentado atrás de sua mesa. Seu chapéu Stetson descansava em uma cadeira próxima. Tinha as pernas, com suas lustrosas botas blusões, insolentemente apoiadas na superfície do escritório. Josette notou que o coração lhe subia à garganta pela segunda vez em menos de uma hora. face aos anos transcorridos, ainda segura reagindo ante sua presença como uma fã deslumbrada.

—Pensava que te tinha ido —disse ao fim—. E não recorde te haver convidado a entrar em meu escritório —acrescentou fechando a porta com estrépito.

—Não me pareceu necessária um convite. Somos sócios —disse ele arrastando a voz enquanto, ela observava aqueles olhos cinzas que pareciam não piscar jamais.

—Pois eu não opino igual —replicou Josette.

Soltou os arquivos perto das botas do Brannon e ficou olhando-o. Não parecia nem um dia mais velho que quando o conheceu. Mas o era. Tinha algumas mechas chapeadas nas têmporas, ali onde seu espesso cabelo castanho claro, sulcado de nervuras loiras, formava cachos sobre sua frente. Suas pernas eram largas e musculosas. Josette sabia quão rápido podia correr, pois o tinha visto perseguindo os cavalos. Também o tinha visto montar.

—Crie que Bib Webb contratou a um valentão para eliminasse Jennings —disse Brannon.

—Acredito que alguém o fez —corrigiu ela—. Não estou acostumada fazer julgamentos precipitados.

—Insinúas que eu sim? —inquiriu ele percorrendo seu corpo com os olhos arrogantemente. Franziu o cenho ao pensar que ia vestida como uma solteirona amadurecida. Tampouco levava maquiagem.

—Não faz falta que inspeções a mercadoria. Não está em venda —assinalou ela.

Brannon arqueou suas povoadas sobrancelhas. Pese ao ar humorístico do comentário, a face do Josette permanecia inexpressiva.

—Acabo de explicar minha teoria ao Simon —seguiu dizendo ela, aproximando-se mais à mesa.

—Importaria-te compartilhá-la comigo? —propôs Brannon.

—Faltaria mais —respondeu Josette—. Assim que tire suas sujas botas de minha mesa e mostre embora seja um espionista de respeito profissional —tampouco então sorriu.

Brannon franziu os lábios, emitiu uma leve risita e pôs os pés no chão. Continuando, levantou-se e, depois de lhe oferecer a cadeira giratória com um gesto ostentoso, acomodou-se em outra cadeira próxima, cruzando suas largas pernas.

Josette tomou assento com um comprido suspiro. Tinha sido um dia muito duro e só desejava ir-se a casa. Coisa mais que difícil, disse-se.

—Quando quiser —a convidou Brannon.

—A mãe de lhe Dê Jennings estava em um apuro muito sério —disse Josette sem preâmbulos—. Está doente e vive com uma pequena pensão de invalidez. Quão única pode cobrar, já que não tem nem sessenta anos —se reclinou na cadeira, franzindo o cenho enquanto considerava as provas—. Perdeu suas poucas economias ao confiar-se em um estelionatário que, afirmando pertencer a uma agência federal, insistiu-a a entregar o dinheiro em conceito de impostos atrasados que devia.

—Miúda canalhice —disse Brannon, furioso a despeito de si mesmo.

O comentário comoveu ao Josette. Brannon, apesar de seu duro exterior, estava acostumado a compadecer-se dos fracos e os menos afortunados. Ela o tinha visto ajudar às pessoas da rua, inclusive aos jovens aos que prendia. Teve que fazer um esforço para apartar o olhar do esbelto e poderoso contorno de seu corpo. Ainda sentia uma irresistível atração para ele.

—Quando descobriu que nenhuma agência federal reclamava seu dinheiro —prosseguiu—, já era muito tarde.

Brannon fez uma careta.

—A casa era sua em propriedade?

—Faltava-lhe um ano para acabar de pagá-la. Ao não poder cumprir com os seguintes pagamentos, o banco extinguiu o direito de reclamar a hipoteca —Josette o observou—. Agora, ponha no Jogar de lhe Dê —disse inesperadamente—, e imagina como se sentiria se estivesse no cárcere e não pudesse fazer nada para ajudá-la.

Brannon se lembrou de sua frágil mãe, que tinha morrido inválida. Seus finos lábios formaram uma linha reta em seu formidável rosto.

Josette assentiu, dando-se conta de que o tinha compreendido. Também ela se lembrava da mãe do Marc.

—De momento, não estou assinalando a ninguém —prosseguiu—. Sozinho digo que, para começar, alguém o ajudou a fugir-se do cárcere. E que alguém tinha provas de um delito relacionado com alguma pessoa enriquecida. Lhe dê deveu pensar que lhe resultaria fácil chantagear ao culpado. Quem quer que o assassinou, devia saber que se fugiu e onde podia encontrá-lo. Suponho que a pessoa que o mandou matar ficou satisfeita ao comprovar que lhe Dê tinha provas concretas de algo ilegal, e que o ajudaram a escapar para poder eliminá-lo limpamente uma vez que teve entregue sortes provas.

—Em tudo cárcere há detentos dispostos a assassinar por um preço —lhe recordou Brannon—. Não precisavam tirar o da prisão para eliminá-lo.

—Certo. Mas possivelmente desejavam que apresentasse as provas pessoalmente, para assegurar-se de que era verdade que as tinha —Josette se inclinou para diante e entrelaçou as mãos—. Por outra parte, e se esperavam que levasse as provas consigo, e não foi assim?

—Isso não sabemos. Não achamos nada no cadáver. Desde não ser porque a descrição do detento fugido encaixava exatamente com a do Jennings, incluído o detalhe do corvo tatuado, teríamos demorado semanas em identificá-lo.

Ela assentiu.

—De modo que ou o assassino se levou as provas consigo, ou não pôde as conseguir e há alguém aí fora que estava ajudando ao Jennings —sublinhou—. Alguém que agora está em posse das provas e pode as utilizar. O dinheiro é um motivo poderoso. E se Marsh o mandasse assassinar, por alguma razão?

Brannon enrugou a frente.

—Já mandou assassinar em outras ocasiões. Poderia haver um capanga atuando por aí. E, trabalhe para quem trabalha, é possível que indague até dar com a fonte do Jennings.

—Isso significa que poderia produzir-se outro assassinato se não resolvermos o caso a tempo —conveio Josette.

Ele a observou em silêncio.

—aprendeste muito nestes últimos anos.

—tive um bom professor no Simon —se limitou a dizer ela.

—por que vai vestida como uma mulher de cinqüenta anos? —inquiriu Brannon inesperadamente.

—Vou vestida como um membro da equipe do fiscal general —disse Josette, negando-se a morder o anzol—. Bom, o que pensa fazer agora?

—Eu gostaria de falar com a senhora Jennings. E logo tentarei me pôr em contato com o capanga.

Josette arqueou uma sobrancelha.

—Tem boas relações com o Jake Marsh e sua turma de mafiosos, né? —disse imitando o deixo sarcástico do Brannon.

—Tenho informadores, o qual deve ser o mesmo.

—interrogaram ao Marsh sobre o cadáver achado perto de seu clube?

—Está fora da cidade. Mas seu gerente se mostrou horrorizado! —disse Brannon com expressão incrédula. Estudou ao Josette em silêncio. Odiaria-o? Gretchen insistia em que não, mas Josette tinha aprendido a ocultar seus sentimentos muito bem.

Viu como ela se levantava por fim e rodeava a mesa.

—Muito bem. Mantereí-te informado de tudo o que averigüé, sempre que você me devolva a cortesia.

—Cortesia —repetiu Brannon—. Hei aí um novo conceito.

—Novo para ti, certamente —assentiu Josette com um brilho inesperado nos olhos—. Tenho entendido que o Serviço Secreto tentou te prender a última vez que sua irmã esteve em seu rancho do Jacobsville, e que ameaçaram te acusando de obstrução à justiça por agredir a dois agentes no jardim.

Brannon se endireitou.

—Um simples mal-entendido —assinalou—. Sozinho tubo que mencionar meu parentesco com o fiscal general do Estado para esclarecer tudo.

—Também é primo meu —lhe recordou Josette.

Brannon inclinou a cabeça e sorriu socarronamente.

—Sempre esquecimento que somos parentes.

—Por um antigo matrimônio que uniu nossas árvores genealógicas faz muito tempo. Mas não compartilhamos laços de sangue —Josette se girou para acompanhá-lo até a porta—. Farei as gestões necessárias para que possa te entrevistar com a senhora Jennings depois de amanhã.

Brannon a submeteu a um prolongado escrutínio, lembrando-se de quando tinha quinze anos e tremia envolta em uma manta. De como se deixou estreitar entre seus braços, apaixonada e sem fôlego, quando tinha vinte e dois. Mas logo recordou tudo o que lhe havia dito depois. Detestava aquelas lembranças.

Josette o olhou de soslaio e viu o ressentimento e a amargura de sua expressão.

—Se por acaso lhe está perguntando isso, Brannon, você tampouco eu gosto de —disse arrastando a voz,

Ele se encolheu de ombros.

—Não me importa —mentiu.

Fechou a porta ao sair e Josette permaneceu de pé no centro do escritório, ouvindo como seus passos se extinguíam no corredor. Até aquele momento, não se deu conta de que o coração lhe dançava freneticamente no peito. aproximou-se da mesa e observou inexpressivamente o montão de arquivos. Quando o coração ameaçava rompendo-se, uma sempre podia evadir-se trabalhando. Ao menos, ficava isso.

Aquela noite, Josette se acurruco com seu gato, Barnes, no sofá, e tratou de distrair-se vendo a televisão. Não obstante, sua mente se negava a cooperar. Acariciou perezosamente a pelagem do felino enquanto olhava a tela, mas suas lembranças vagaram até a festa que lhe havia flanco a lhe Dê Jennings a liberdade.

Tinha conhecido a lhe Dê em uma cafeteria situada perto de sua universidade. lhe dê conduzia um deslumbrante carro esportivo, e era atrativo e encantador. Também conhecia o Bib Webb E, desde seu distrito local, estava colaborando na campanha do futuro vicegovernador. Webb era sócio do Henry Garner, um cidadão do Santo Antonio que tinha amassado uma fortuna vendendo maquinaria agrícola. Webb e sua esposa, Silvia, compartilhavam com o Garner uma suntuosa mansão se localizada junto a um lago particular. Garner era um ancião solitário e agradecia a companhia dos Webb.

Um grande número de votantes influentes e membros da alta sociedade foi convidado à festa celebrada na mansão, dois meses antes das eleições. Dá convidou ao Josette a assistir à festa com ele.

Ao princípio, Josette não viu estranho que alguém como lhe Dê, pouco refinado e sem estudos universitários, fosse convidado a uma festa da alta sociedade. De fato, perguntou-lhe a respeito. O riu e disse que era chofer e guarda-costas do velho Henry, e que tinha sido convidado à festa nada menos que pela Silvia Webb. Josette conhecia de vista a Silvia, a que estava acostumado a ver ocasionalmente na mesma cafeteria na ela que tinha conhecido a lhe Dê Jennings. Era uma mulher alta, de aspecto enigmático, que de vez em quando acudia ali a reunir-se também com lhe Dê.

Josette agradeceu a oportunidade de assistir à festa, esperando encontrar ali ao Brannon e pavonear-se com lhe Dê diante dele. Entretanto, Brannon não assistiu.

A reação da Silvia Webb ao ver a acompanhante de lhe Dê não foi precisamente adulatora. Seu atrativo rosto deixou traslucir um frenesi de emoções, que foram do brilho calculador à cortesia formal. Silvia apresentou a seu marido, Bib, que olhou ao Josette de um modo que fez que ela sentisse desejos de estrangulá-lo, e logo lhe perguntou se era missionária. Seu único traje de noite era de pescoço alto e muito discreto, de modo que o comentário a ofendeu. Webb tinha bebido muito. Uma jovem moréia permanecia perto dele, olhando-o com adoração. A Silvia não parecia lhe importar.

Seguidamente, a esposa do Bib Webb apresentou a um ancião vestido de negro, com uma lata de ginger ale na mão. Era Henry Garner. Enquanto Josie o saudava, Silvia se levou a lhe Dê consigo, mesclando-se com outros convidados.

Henry era um homem doce, amável e engenhoso. Josie simpatizou com ele em seguida, sobre tudo ao ver que não estava bebendo álcool. Falou-lhe de sua educação estrita e ele sorriu. Procuraram um lugar tranqüilo onde seguir conversando enquanto a festa continuava a seu redor.

Bib Webb estava dançando com a moréia, olhando-a aos olhos intensamente. Sussurrou-lhe algo, e ela se mostrou preocupada. Seguidamente, Webb olhou disimuladamente em torno e a atraiu para si. Ela parecia encontrar-se no céu. Quando se deram a volta, enquanto dançavam, Josie pôde ver que ele tinha os olhos fechados e o cenho tenso, como se sentisse dor.

Henry Garner se deu conta de que Josie os observava e tentou distrai-la, lhe falando das eleições e lhe perguntando por sua filiação política. Continuando, perguntou-lhe se tinha sede, e ela confesso que sim.

Josette não via lhe Dê Jennings por nenhuma parte. Quando perguntou ao Garner se desejava tomar uma taça de ponche, ele emitiu uma risita e respondeu que não. Ela não insistiu. Seguiu contrariada pela ausência do Brannon. Tinha querido lhe demonstrar que não tinha o coração quebrado por sua causa, embora tal coisa não fosse certa. Josie se aproximou da poncheira, enquanto Henry Garner se dirigia diretamente fazia Webb e a moréia. Disse-lhes algo. Bib Webb sorriu sobressaltado e a jovem se separou dele imediatamente. Era estranho, disse-se Josette. Pareceu-lhe que Garner tinha elevado ligeiramente a voz enquanto se dirigia ao Webb.

Mas, nnaquele tempo, naquele tempo, Josette não deu excessiva importância ao detalhe. serve-se uma taça de ponche com gelo e tomou vários goles largos afite5 de dar-se conta de que contente álcool. Em seguida se sentiu enjoada. Procurou com o olhar a lhe Dê, mas este seguia sem aparecer. Logo retornou aonde tinha estado Henry Garner, mas já não o encontrou ali.

Bib Webb estava sentado em uma cadeira, com aspecto preocupado. A moréia se achava a seu lado, com uma mão posta sobre a dele, lhe falando enfervorecidamente. Parecia como se ao Webb lhe tivesse cansado o mundo em cima. Não obstante, ao ver o Josie, sorriu educadamente e assentiu com a cabeça. Ela se encolheu de ombros e, dando-se meia volta, voltou a mesclar-se com outros convidados.

sentia-se cada vez pior e não encontrava a lhe Dê. Tão solo desejava ir-se a casa. O senhor Garner não tinha bebido álcool, de modo que talvez acessaria a levá-la, disse-se. Josie atravessou a porta principal e saiu ao alpendre. Baixando uma fileira dobro de degraus, ao outro lado de um pequeno atalho, estava o mole que dava acesso ao lago. Josie não podia ver o mole com clareza, mas estava segura de que o senhor Garner não se encontraria ali. Deu-se meia volta e voltou para a casa, tropeçando-se com a Silvia.

A atraíva mulher estava um pouco despenteada e a mão com a que se retirou o cabelo da cara lhe tremia. Mas esboçou um sorriso forçado e perguntou ao Josie quanto tempo levava rondando fora da casa na escuridão.

Era uma pergunta estranha. Josie confessou que tinha tomado um pouco de ponche e que se encontrava mau. Desejava que alguém lhe dê ou o senhor Garner, levasse-a a sua casa.

Silvia se ofereceu a levá-la imediatamente. Assegurou ter tomado sozinho uma copita de vinho e, depois de voltar brevemente para interior da casa, acompanhou ao Josie até um Mercedes prateado. Logo a acomodou no veículo e comentou com bastante ênfase que o carro do senhor Garner seguia em seu sítio, embora o ancião havia dito ao Bib que pensava ir comprar uns puros. Seguidamente, saudou com a mão, embora Josette não viu ninguém a quem pudesse ir destinado a saudação.

Silvia a deixou em sua casa. Mais tarde, essa mesma noite, o telejornal local deu a incrível notícia da morte do filantropo Henry Garner, cujo corpo tinha sido achado flutuando no lago por um dos convidados. Ao parecer, afogou-se ao cair ao lago por acidente, disse a locutora, posto que o ancião estava bêbado.

Josette chamou imediatamente à polícia para dizer que ela tinha assistido a aquela festa, que Henry Garner não tinha bebido álcool e que o ancião tinha discutido, aparentemente, com o Bib Webb antes de desaparecer da festa. Seu testemunho bastou para que o fiscal do distrito interviesse imediatamente na investigação.

encontrou-se uma clava impregnada de sangue no assento do passageiro do carro de lhe Dê Jennings, situado no cenário do crime, onde a polícia retinha os convidados para interrogá-los. face aos desejos do Bib Webb, ordenou-se praticar uma autópsia, como era de rigor em casos de mortes repentinas ou violentas. O forense não encontrou nem rastro de álcool no corpo do Garner, mas sim uma ferida na nuca do ancião, produzida por um forte golpe.

O «acidente» passou assim a converter-se, da noite para o dia, em um espetacular homicídio.

O melhor advogado do Santo Antonio compareceu junto ao Bib Webb em uma roda de imprensa convocada apressadamente, e Marc Brannon retornou ao Santo Antonio para colaborar na investigação do caso. lhe dê Jennings não demorou para ser detido e acusado de homicídio em primeiro grau. afirmou-se que a clava achada em poder do Jennings tinha sido o instrumento utilizado para aturdir ao Garner; ainda tinha rastros diminutos de sangue e cabelo do ancião. Silvia Webb acrescentou que tinha visto o Jennings perto do lago, e a clava em seu carro, pouco antes de voltar para a mansão e levar ao Josette Langley a sua casa.

Jennings não confessou nem resistiu. Josie teve que admitir que não tinha visto lhe Dê no lapso de tempo durante o qual, supostamente, cometeu-se o assassinato. Mas tinha ido à festa no carro do Jennings, e não tinha visto nenhuma clava, e assim o disse ao declarar no estrado.

Também disse que Bib Webb tinha mais motivos que lhe Dê para assassinar ao ancião, com quem tinha discutido aquela mesma noite. Mas Webb falou em privado com o fiscal durante um dos descansos, e lhe subministrou uma informação decisiva. À idade de quinze anos, Josie se tinha escapulado subrepticamente da casa de seus pais para ir a uma festa. Tinha ingerido alguma classe de droga, e um companheiro de colégio maior que ela tentou seduzi-la. Josette se aterrorizou tanto, que começou a gritar e os vizinhos chamaram à polícia. Seus pais contrataram a um advogado e tentaram que se condenasse ao menino por violação, mas o advogado da parte contrária apresentou a declaração gravada do médico que atendeu ao Josette aquela noite. O médico declarou que não tinha havido violação. O agente que realizou a detenção, um ex-agente de polícia do Jacobsville chamado Marc Brannon, contribuiu decisivamente a que o caso se desprezasse e se eximisse ao menino dos cargos.

Brannon lhe tinha contado todo aquilo ao advogado do Bib Webb, quem lhe aconteceu a informação ao fiscal para que a utilizasse contra Josie. Pelo visto, Josette Langley já tinha mentido em uma ocasião, quando afirmou falsamente ter sido violada. portanto, quem podia dar crédito a sua versão do acontecido na festa, sobre tudo quando tinha bebido de mais?

A história causou tal sensação, que os jornalistas foram ao Jacobsville para indagar sobre o antigo caso de violação, e o publicaram junto à crônica do julgamento pelo assassinato do Garner. Jennings foi condenado e encarcerado, e Josette se viu vexada publicamente pela segunda vez, graças ao Brannon. Para ser uma mulher que solo cometeu um engano em sua juventude, tinha pago por muitos pecados dos que não era culpado.

Não obstante, em que pese a todo o acontecido, seguia pensando no Brannon com dolorosa saudade. Era o único homem ao que tinha amado. Suspirou ao recordar quão inseparáveis tinham sido dois anos antes. Marc a tinha ajudado com os exames do último curso na universidade, tinha-a levado a montar a cavalo em seu rancho do Jacobsville e tinha estado sempre a seu lado. Quando tudo terminou, Josette acreditou que a dor a mataria. Mas tinha conseguido sobreviver. O único problema era que Brannon havia tornado a irromper em sua vida, e teria que fazer frente a aquelas lembranças diariamente.

Muito bem, se Brannon pensava dar-se as de duro, lhe pagaria com a mesma moeda.

Josette sorriu. Se alguém merecia sofrer um reverso, era aquele presumido Ranger do Texas. Ela demonstraria que lhe Dê Jennings não matou ao Henry Garner. E logo o esfregaria ao Brannon nos narizes com tanta força, que teria que cheirar com as orelhas durante o resto de sua vida!

CAPÍTULO 4

Antes de tomar o avião para o Santo Antonio, Marc se passou pela casa do Bib Webb em Austin. Os Webb viviam ali permanentemente, com exceção das férias e os fins de semana, que aconteciam sua casa do Santo Antonio.

Silvia sorriu de brinca a orelha quando o mordomo fez passar ao Marc à sala de estar, onde o matrimônio tomava uns coquetéis com outras três casais. Loira, atrativa e vivaz, era uma mulher a que qualquer homem desejaria para si. Ao Marc caía bem, embora a encontrava muito agressiva e implacável para seu gosto.

—Marc, não sabia que estava na cidade! —exclamou.

—Estou fazendo certo trabalho de investigação para o Simon Hart —explicou ele com um sorriso—. Está mais bonita que nunca —acrescentou lhe dando um beijo na perfeita bochecha.

—E você parece um modelo, carinho, como sempre —ronronou Silvia—. Que classe de investigação? —acrescentou coquetamente, tomando o braço enquanto com a outra mão sorvia o Martini.

—Um assassinato.

Silvia fixou os olhos na taça.

—De alguém conhecido? Espero que não!

—lhe dê Jennings.

O líquido da taça que ela tinha na mão tremeu ligeiramente. Parecia desconcertada. Provavelmente, disse-se Brannon, a lembrança do Jennings a incomodava tanto como a ele.

Silvia elevou a vista, recuperando a compostura rapidamente.

—lhe dê Jennings! Esse homem tão horrível...! Bib! —chamou a seu marido—. assassinaram a lhe Dê Jennings no cárcere! —exclamou. Todas as olhadas se voltaram para ela.

—No cárcere, não, Silvia —precisou Marc.

Silvia arqueou suas pulcras sobranceiras.

—O que quer dizer?

—escapou. O alguém o tirou —respondeu Marc enquanto ela tomava assento no braço da poltrona que ocupava seu marido.

—Assassinou ao Henry —recordou Bib com olhos gélidos—. Não lamento que tenha morrido!

—Como pôde fugir-se? —insistiu Silvia.

—Não tenho nem idéia —Marc rechaçou uma taça enquanto lhe apresentavam ao resto do grupo. Não os conhecia, embora sim lhe soavam seus nomes. Era gente muito enriquecida de Austin.

—Pode ficar a passar a noite? —inquiriu Bib.

Marc: meneou a cabeça.

—Tenho que estar no Santo Antonio amanhã a primeira hora. Colaborarei no caso Jennings com os detetives do Santo Antonio. Simon enviará a uma investigadora de seu escritório para que nos ajude.

—por que? —inquiriu Silvia com os olhos abertos como pratos—. Se Jennings era um dom ninguém! A santo do que têm que intervir os Rangers e o fiscal general na investigação?

—Não era um dom ninguém —lhe recordou Bib—. Assassinou ao Henry. E Henry Garner era um homem muito importante —observou ao Marc—. Há algo mais, verdade?

Brannon assentiu.

—Pode que Jake Marsh esteja envolto.

—Marsh —Bib apertou os dentes—. É o cúmulo. Se se demonstrar sua implicação, a notícia sairá em primeira página, verdade?

—Isso é já inevitável —afirmou Marc, percebendo a preocupação no atrativo rosto de seu amigo. A seu lado, Silvia permanecia como paralisada. Marc sabia o muito que odiava a má publicidade.

—Não Se preocupe, Bib. Será flor de um dia nada mais —assegurou a seu amigo.

—Isso espero —disse Bib pesaroso. Baixou os olhos e brincou com um fio solto do botão de sua jaqueta—. Todo isto traz muito más lembranças.

—OH, mas é coisa do passado —disse Silvia levantando-se bruscamente—. Que tenha uma boa viagem ao Santo Antonio, Marc. Manterá-nos informados, verdade?

—Naturalmente —ao Marc sentiu saudades que, de repente, Silvia tivesse tanta pressa por desfazer-se dele—. Me acompanha à porta, Bib?

—Eu também vou —se apressou a dizer Silvia, desculpando-se ante seus convidados.

Aquela era uma das coisas da Silvia que não gostavam ao Marc. aferrava-se ao Bib como a hera. Tinha sido assim desde que, aos dezesseis anos, seduziu ao Bib para que se casasse com ela, a fim de escapar da insuportável pobreza de sua infância. Silvia jamais falava disso. Seu pai cansado-se em um poço e faleceu pouco depois da inesperada morte por acidente do

irmão menor da Silvia. Nenhuma das duas mortes pareceu lhe afetar muito, embora, ao parecer, Marc era o único que se deu conta de que, apesar de seu trágico passado, Silvia era curiosamente insensível à dor.

—Não nos contaste isso tudo —disse Bib quando tiveram saído ao alpendre. Seus olhos azuis se entrecerraron—. Há mais, verdade?

Marc se meteu as mãos nos bolsos.

—A investigadora que pensa enviar Hart —começou a dizer a contra gosto—. Possivelmente lhes dela lembrem. Josette Langley.

A Silvia lhe congestionou o rosto.

—Essa zorra!

—Aconteceu faz muito tempo, Sil —disse Bib com ar cansado.

—Essa mulher te acusou de assassinato! Como quer que esqueça algo assim? Causará problemas! Lançará falsas acusações, irá aos meios...! —exclamou Silvia elevando a voz.

—te acalme —disse Bib olhando-a fixamente aos olhos. Logo lhe acariciou com suavidade a nuca—. te Acalme. Respira fundo. Vamos, Sil.

Ela obedeceu, enquanto ele rebuscava em uma terrina de cristal, situado em uma mesa junto à porta de entrada, e tirava um caramelo de hortelã. Logo o pôs na mão e esperou a que lhe tirasse o pacote e o metesse na boca. Os caramelos estavam acostumados a acalmá-la quando experimentava aqueles estranhos arrebatamentos. Silvia se negava a tratar-se com um psicólogo, face à insistência de seu marido. Seus arranques de cólera eram extremamente violentos. Em um deles, matou ao cão favorito de ambos.

Bib se girou para o Marc, que observava a cena com um cenho de preocupação.

—A senhorita Langley esteve conversando com o Henry pouco antes de que fora assassinado. Era uma mulher discreta, das que não revistam sentir-se cômodas em uma festa. Nunca entendi como podia estar saindo com lhe Dê. Ele trabalhava para o Henry, contra meu conselho. Estava muito relacionado com o Jake Marsh. Já tive problemas com um colaborador subornado pelo Marsh durante a campanha eleitoral. Estou convencido de que Marsh pagou a lhe Dê para que fizesse o que fez.

—Isso nunca se demonstrou —atravessou Silvia—. Sempre pensei que esse homem trabalhava por sua conta. Seguro que não tinha nenhuma relação com o Jake Marsh.

—Então, por que se encontrou seu cadáver perto do clube noturno do Marsh? —perguntou-se Marc em voz alta.

—Essa gatinha pode ser assassinada em qualquer parte —disse Silvia despreocupadamente—. Eu não gastaria dinheiro do Estado em uma investigação assim. Era um dom ninguém.

Bib a ignorou.

—Esse colaborador de que falou... —disse ao Brannon—. Jennings o tinha recomendado para que colaborasse em meu sino. Atuou a minhas costas e, aparentemente, tirou a luz certos trapos sujos para obrigar a meu oponente a retirar sua candidatura. Estou seguro disso, embora nunca pôde demonstrar-se. Eu não gostava que Jennings estivesse perto do Henry, e assim o disse a noite da festa, antes de que o assassinassem. De fato, discutimos —fez uma pausa—. Como morreu Jennings?

—De um só disparo na nuca.

Bib respirou fundo.

—Deus santo!

—OH, o que importa o modo em que morreu? Era um assassino —disse Silvia com absoluta frieza—. Não me dá nenhuma lástima. Por isso colocou os narizes o fiscal general? Pela forma em que se produziu o assassinato?

Marc demorou uns segundos em responder.

—Por isso e porque Marsh está comprometido em muitas atividades ilegais. Simon leva anos tentando tirar o da circulação. Todo mundo quer assegurar-se de que a investigação se realizará corretamente.

—E Simon pensa deixar que a tal Langley o danifique tudo. Que estúpido! —exclamou Silvia.

—Está licenciada em direito criminal e leva dois anos trabalhando para o Simon —disse Marc, defendendo-a muito a seu pesar.

—Tem uma implicação pessoal no caso. Igual a você. Nenhum dos dois deveria intervir na investigação —Silvia se girou para o Bib—. Chama a alguém importante e lhe diga que retire ao Marc e a essa mulher do caso!

—Sim, faz-o —convidou Marc, olhando-a com aspereza—. E convocarei uma roda de imprensa para lhe explicar a todo mundo por que estou fora do caso.

Silvia emitiu um ofego afogado.

—Vá! E eu que pensava que foi nosso amigo!

—Sou seu amigo —disse Marc olhando ao Bib, não a ela—. Mas a lei é a lei. Não tolerarei interferência alguma em um caso tão delicado.

Silvia lhe dirigiu um olhar assassino. A mão com a que sustentava a taça lhe tremia. Lançou a taça contra o chão do alpendre, fazendo-a pedacinhos.

—Estúpido idiota! —espetou ao Bib—. É um covarde! Nunca faz nada a direitas! —deu-se meia volta e entrou na casa como uma exalação, murmurando maldições enquanto fechava a porta com estrépito.

Bib meneou a cabeça.

—Sete anos assim —murmurou aflito—. É a esposa perfeita para um político. Adora as festas e as aparições públicas. Mas às vezes desejaria me haver casado com uma mulher menos temperamental. Temo-me que não estive à altura das expectativas da Silvia. Me teria deixado faz tempo se fosse pobre ou tivesse uma vida social aborrecida.

—Ela te quer —disse Marc, embora não muito convencido.

—Possui-me —Bib emitiu uma gargalhada vazia—. Bom, será melhor que volte dentro e siga lambendo traseiros. São colaboradores potenciais para minha campanha para o Senado —arqueou as sobrancelhas—. vais votar por mim?

—Não —respondeu Marc com cara de pôquer—. É um político corrupto.

Bib riu encantado.

—Todos somos corruptos —observou a seu amigo com curiosidade—. Todo isto deve ser muito doloroso para ti —acrescentou—. Você e Langley estiveram muito unidos.

Marc não disse nada.

Bib se encolheu de ombros.

—Está bem, deixarei o tema. Este fim de semana estaremos no Santo Antonio. te aproxime de tomar uma taça comigo se tiver tempo. Sil irá às compras a Dallas na sábado pela manhã. Podemos aproveitar para escapulimos à cafeteria da esquina e tomar uns donuts!

—Não deixa que os coma? —inquiriu Marc surpreso.

Bib se aplaudiu o liso abdômen.

—Devo luzir uma figura esbelta nas fotos —confessou—. Não posso tomar nada de doce quando ela anda perto —meneou a cabeça—. Senhor, Senhor, ao que terá que renunciar por um cargo público.

—É um bom político —respondeu Marc. Tem consciência. E coração.

—Isso são estorvos, velho amigo, nada mais que estorvos. Careço do instinto assassino necessário. Por sorte, Silvia sim o possui. Que tenha uma boa viagem de volta.

—Muito bem. E você te cuide —acrescentou Marc—. Neste caso pode haver mais do que parece. Tem guarda-costas?

Bib assentiu com a cabeça.

—T. M. Smith. Participou da operação Tormenta do Deserto. Pode com qualquer em uma briga corpo a corpo, e possui uma pontaria inmejorable.

—Ten sempre perto, se por acaso as moscas.

Marc subiu em seu esportivo negro e enfiou para a auto-estrada. A atitude da Silvia o incomodava. Era uma mulher forte e ajudava muito ao Bib. Mas Marc não pôde evitar recordar seu arrebatamento de cólera quando lhe mencionou que ia investigar o assassinato de lhe Dê Jennings. Recordou também que tinha sido o testemunho da Silvia o que condenou a lhe Dê.

deteve-se em um semáforo e, ao ver passar a uma jovencita com um vestido floreado, lembrou-se de sua última entrevista com o Josette. Ela acabava de graduar-se na universidade e ele tinha assistido à cerimônia, junto com seus pais. Essa noite, levou-a a jantar a um luxuoso restaurante. Josette levava um traje comprido de seda negra com flores exóticas pintadas à mão. Estava absolutamente preciosa.

depois de jantar, Marc a levou a seu apartamento. Até então, solo tinham compartilhado beijos e escarcéus amorosos que nenhum dos dois levou até sua culminação. Ele seguia sem acreditar o relato de sua violação, embora estava começando a conhecê-la e não parecia uma mulher capaz de mentir. Não obstante, recordou Marc, as aparências podiam ser enganosas.

Suas suspeitas aumentaram quando Josette aceitou ir com ele a seu apartamento. Marc pôs música lenta e se tirou a jaqueta. Logo atraiu ao Josette para si. Através do fino algodão da camisa, pôde sentir a pressão de seus seios. Não parecia que levasse prendedor, e isso o excitou rapidamente.

Não obstante, em vez de retirar-se, permitiu que ela sentisse sua ereção. Marc ainda recordava a surpresa que se refletiu em seus grandes olhos castanhos, o tremor que percorreu seu corpo. Fazia gesto de falar, mas ele se inclinou sobre ela e a silenciou com seus ávidos lábios. Não demorou para levá-la ao sofá e despir a de cintura para acima. Enquanto lhe devorava os seios com a boca, introduziu a mão sob a seda de seu vestido, até as finas braguitas de algodão que levava debaixo.

Ela parecia fascinada pelo que lhe estava fazendo. Marc o via em seus olhos, notava-o no tremor nervoso de suas mãos enquanto lhe percorria o amplo peito com os dedos, quando se teve despojado da camisa.

Marc levava meses desejando-a. Durante aquele tempo não se viu com nenhuma outra mulher. O desejo o consumia, e resultou inevitável que perdesse o controle.

—Deus, preciso-te —tinha murmurado com voz rouca Enquanto apertava os quadris contra as dela—. Te necessito tanto... Não resista, carinho.

Mas sua súplica caiu em ouvidos surdos. Quando, por fim, tentou penetrá-la, ela gritou, cheia de medo e de dor.

—Vou muito rápido? —perguntou ele contra seus lábios—. Terei mais cuidado. Faz muito tempo da última vez, verdade?

—Marc, eu... nunca estive com ninguém! —soluçou Josette.

O riu brandamente. Tinha estado com o menino ao que acusou de havê-la violado quando tinha quinze anos. Mas, de todos os modos, mostraria-se cuidadoso. Não queria arriscar-se a sofrer um rechaço.

—vou possuir lhe —sussurrou isso, colocando-se de novo em posição—. vou possuir te, Josie. Agora... agora!

Entretanto, não conseguia penetrá-la. Ela soluçava, estremecia-se, animando-o a seguir e lhe cravando as unhas nos glúteos.

—Maldição! —grunhiu ele, cegado pelo desejo. Fez provisão de suas forças e empurrou tão fortemente como pôde.

Ela gritou, mas não de prazer, mas sim de dor. Marc demorou uns segundos em precaver-se do que ocorria. Seu corpo resistia e, por fim, compreendeu por que. Baixou a mão e a explorou intimamente, achando uma barreira tão formidável, tão perceptível, que ficou imóvel em cima dela, aniquilado.

—É virgem —murmurou com fúria.

Ela tragou saliva, cheia de vergonha. Baixou o olhar, notando-se em sua ereção, e emitiu um ofego afogado. Evidentemente, nunca tinha visto um homem... em tal estado!

—Zorra desgraçada! —estalou Marc encolerizado—. Maldita seja!

retirou-se do Josette e se vestiu em silêncio, apenas consciente de que ela estava chorando e se subiu o vestido para ocultar sua nudez.

—De todas as putas que lhe podem fazer a um homem, esta é a pior! —acusou-a ele—. Não é melhor que as fulanas que o fazem por dinheiro. Mas elas, ao menos, não esquentam aos homens para logo deixá-los com as vontades. Vístete —disse bruscamente antes de sair da habitação.

Esperou na cozinha enquanto ela se vestia, muito aturdido e furioso para pensar racionalmente. Josette o tinha excitado deliberadamente, sabendo que não podia ter relações íntimas com ele. Aquela barreira física não desapareceria sem uma intervenção cirúrgica. Ela devia sabê-lo.

Nesse momento, a verdade golpeou ao Marc como um punho. Josette era virgem. Havia provas irrefutáveis disso.

Foi então quando compreendeu que aquele menino do Jacobsville tinha mentido no estrado, quando o acusaram de ter tentado violar ao Josette. Foi então quando compreendeu que sim tinha havido agressão sexual. Mas aquela barreira tinha detido ao agressor. Como tinha detido ao Marc essa noite...

O som de uma buzina o devolveu à presente. O semáforo tinha trocado, de modo que Marc pisou no acelerador. Ainda podia ver o rosto, envergonhado e horrorizado, do Josette. Chorava desconsoladamente, e Marc compreendeu que nada do que pudesse lhe dizer trocaria as coisas, de modo que optou por guardar silêncio. Já havia dito bastante, coisas que já jamais poderia retirar. Ela parecia incapaz de olhá-lo aos olhos, e tinha as bochechas alagadas de lágrimas. Marc desejou lhe explicar a razão de sua irritação, por que lhe havia dito aquilo tão horrível. Mas Josette se negava a falar, a escutar, a olhá-lo, de modo que as palavras morreram em seus lábios antes de ser pronunciadas.

Marc pensou que possivelmente tinha recordado o intento de violação, que talvez seu ardor viril havia trazido para sua memória a experiência mais desagradável de sua vida. Ao fim e ao cabo, ele tinha perdido o controle quase em seguida, algo que jamais lhe tinha ocorrido com antecedência. Josette tinha permitido que a despisse e a tocasse, e se tinha mostrado disposta a entregar-se a ele. Mas sabia que não podia ter relações com nenhum homem. Talvez, disse-se Marc, solo tinha querido vingar-se dele por ter declarado contra ela no julgamento. Aquela suspeita lhe fez guardar —silêncio quando ela apareceu na porta da cozinha, já completamente vestida.

Marc a levou a sua casa em meio de um doloroso silêncio. Desejou desculpar-se por ter ajudado ao advogado do menino, por não haver acreditado.

As duras palavras que lhe tinha dirigido ainda seguiam lhe doendo. Josette era virgem, e ele a tinha tratado como a uma criminosa. Entretanto, antes de que Marc pudesse dizer nada, ela o olhou e disse:

—Não me chame nunca mais. Não volte a te aproximar de mim —advertiu com voz rota—. Era sexo quão único queria, verdade? E creíste que comigo te seria fácil pelo que me passou quando tinha quinze anos!

Marc recordou havê-la cuidadoso com uma mescla de raiva e frustração.

—Esta noite me excitou deliberadamente, sabendo que não poderia te possuir. foi sua vingança por não te haver acreditado no julgamento do Jacobsville, verdade? Pura e simples vingança.

Ela se ruborizou.

—Começou você!

—E não opôs muita resistência, verdade? Mas não se preocupe. Não tenho nenhum desejo de voltar a verte —. Nunca foste o bastante mulher para mim!

E a deixou, com aquelas frite e desumanas palavras perdendo-se na noite antes de que Josette tivesse tempo de chegar à porta de sua casa.

depois disso, Marc se embebedou. Uns dias mais tarde, abandonou os Rangers e ingressou no FBI. Josette tinha aceito ir lhe Dê Jennings à festa do Bib Webb. E, como resultado daquela festa, produziu-se a morte do Garner e o julgamento. Marc não tinha facilitado nenhuma informação sobre o julgamento por violação, o que permitiu ao fiscal deixar ao Josette por

mentirosa no estrado. Em realidade, foi Bib Webb, que conhecia o caso, quem pôs a informação em conhecimento do fiscal, embora Josette pensasse que tinha sido o próprio Marc. Mas ele não voltou a aproximar-se dela, porque não podia suportar a acusação que lhe lançavam seus grandes olhos castanhos cada vez que o olhava.

Finalmente, Marc partiu da cidade.

Em realidade, não precisava haver-se ido do Santo Antonio, posto que Josette se trasladou a Austin pouco depois do julgamento para fugir da publicidade. Sua mãe morreu de um derrame cerebral dois meses mais tarde, e seu pai faleceu de um enfarte ao pouco tempo. Não tinha irmãos, de modo que teve que chorar a seus pais a sós, amargamente.

Marc deixou o carro alugado no aeroporto e subiu no avião que tinha que levá-lo ao Santo Antonio. Deixou o chapéu no assento do lado, que se achava vazio, e se reclinou com os braços cruzados, fechando os olhos enquanto o enorme avião decolava e se elevava para o céu azul.

Era curiosa como suas lembranças mais vívidas estavam relacionadas com o Josette Langley e sua família. Conheceu pai do Josette quando formava parte da polícia do Jacobsville. Marc estava tentando conseguir que certo condutor bêbado reincidente ingressasse em uma clínica de reabilitação para alcoólicos. O homem pertencia à igreja do Langley, e o pai do Josette interveio pessoalmente no caso. Marc e o senhor Langley tinham muitas coisas em comum, pois Langley tinha iniciado a carreira de polícia em seus começos, antes de sentir a chamada do púlpito. A partir de então, Marc se fez amigo dele e visitou com frequência sua casa, onde conheceu o Josette.

Ao princípio, pareceu-lhe uma jovencita Mona e travessa. Ou, ao menos, o tinha parecido até que uma noite a encontrou sem roupa, em companhia de um menino médio nu.

O menino tinha sido muito convincente. Segundo ele, Josette tinha saído escondido de sua casa para encontrar-se com ele. Desejava-o, tinha ido a ele voluntariamente. Entretanto, na hora da verdade, começou a resistir e a gritar. Não era um comportamento muito próprio de uma garota? Marc, para sua vergonha, acreditou no jovem. Inclusive tinha sentido lástima dele. De modo que, apesar de sua amizade com o pai do Josette, colaborou na investigação do incidente. O médico do hospital onde tinham atendido ao Josette aquela noite declarou taxativamente que não tinha havido violação, embora não especificou o motivo. Isso bastou para convencer ao Marc de que Josette temia contar a verdade do ocorrido, por medo a ferir seus pais.

No julgamento, Marc declarou em favor do menino, repetindo o que este lhe tinha explicado no lugar dos fatos. E o menino ganhou. Josette ficou publicamente como uma embusteira. Seus pais sofreram uma grande humilhação. Toda a família caiu em desgraça. E quando Josette tentou acabar o instituto no Jacobsville, as constantes provocações e as cruéis brincadeiras de seus companheiros lhe fizeram impossível seguir adiante.

A família se trasladou ao Santo Antonio e, mais tarde, quando Josette cursava o último ano de universidade, trasladaram ao próprio Marc à delegacia de polícia dos Rangers no Santo Antonio. Marc fez um curso de direito criminal e coincidiu com o Josette na mesma classe, quando ela contava vinte e dois anos.

Ao princípio, ela se tinha mostrado reacia a falar com ele. Recordava sua atuação no julgamento, e ainda não o tinha perdoado. Mas Josette era muito formosa, e Marc se havia sentido atraído para ela contra sua vontade. Finalmente, com amabilidade e insistência, conseguiu aproximar-se do Josette face à desaprovação de seus pais, que seguiam sem perdoá-lo. Assim se iniciou a relação que acabou bruscamente depois da entrevista daquela noite fatídica.

A aeromoça se deteve junto ao Marc com o carrinho das bebidas, mas ele negou com a cabeça e a mulher seguiu adiante.

Tinha que deixar de pensar no passado e concentrar-se no presente, disse-se. Josette e ele tinham que encontrar ao assassino antes de que morreram mais inocentes. E tinham que encontrá-lo depressa.

CAPÍTULO 5

Santo Antonio era maior do que Josette recordava. Tinha versado seus estudos universitários ali, e também se apaixonou. Agora se achava colocada até o pescoço na investigação de um assassinato, enfrentada a um inimigo ao que tinha amado com todo seu coração e que a tinha traído.

Seus conhecimentos sobre o caso do Jennings lhe davam vantagem sobre outros investigadores. Mesmo assim, a investigação se adivinhava complicada. A vítima se fugiu do cárcere, onde cumpria uma larga condenação pelo assassinato do sócio do Bib Webb. Como se tinha fugido, e por que tinha sido assassinado, eram perguntas que ainda não tinham resposta,

Josette passou o olhar pelo escritório do fiscal do distrito e sorriu. Recordava a seu próprio escritório, repleta e inundada de papéis e arquivos.

Uma porta se abriu, e uma esbelta jovem de cabelo castanho a convidou a passar a outro escritório, também lotada de arquivos.

—Sou Linda Harvey, uma das ajudantes do fiscal do distrito —disse a jovem afavelmente—. Falei com você por telefone.

—Encantada de conhecê-la. Estava-me fixando na abundância de arquivos —acrescentou com um sorriso enquanto lhe estreitava a mão—. Me sinto como em casa.

Linda Harvey meneou a cabeça.

—Espero ir à tumba com uma caixa de arquivos pendentes —admitiu—. Se gosta de um café, há uma cafeteira junto à porta. Não tem mais que introduzir uma moeda e servir-se.

—Obrigado, mas já tomei duas taças. Uma mas, e me atarei a dar botes pela habitação.

Linda emitiu uma risita.

—Entendo-a. Por favor, sinta—se acomodou em sua própria cadeira—. Tenho entendido que esteve você implicada neste caso.

—Mais implicada do que me tivesse gostado de —disse Josette—. A vítima era meu acompanhante a noite em que, supostamente, assassinou ao Henry Garner. Jamais acreditei em sua culpabilidade.

—Tenho lido o arquivo —respondeu Linda—. Ao parecer, suspeitava você que Bib Webb esteve envolto.

Josette fez uma careta.

—Isso não me fez ganhar muitos pontos, o asseguro. Tão só pinjente que Webb era a pessoa que podia sair mais beneficiada com a morte do Garner, o qual era certo. A imprensa o exagero, convertendo-o em uma acusação, e começou a especular-se sobre a implicação do Webb nos fatos. Uma autêntica bomba, tendo em conta que por então, Webb aspirava ao posto de vicegovernador.

—Sim —Linda franziu o cenho pensativamente—. Seu oponente se retirou no último momento, lhe deixando o campo livre. Sempre me pareceu curioso, sobre tudo porque Webb tinha cansado nas pesquisa depois do julgamento —sorriu ao Josette—. Acredito recordar que o fiscal foi muito duro com você quando tentou declarar em favor do Jennings.

—Tirou a luz um caso de violação no que me vi envolta quando tinha quinze anos —explicou Josette, surpreendendo ostensivelmente a sua interlocutora. Esta assentiu com a cabeça—. Sim, estava segura de que constaria em meu expediente —se inclinou para frente—. Esse menino tentou me violar —disse com firmeza—. Até muito depois não compreendi que tinha posto algo em meu refresco.

A outra mulher exalou um suspiro.

—Agradeço-lhe que tenha sido honesta comigo. De fato, o que ouvi me incomodou tanto, que rastreei a esse advogado e lhe pedi que me explicasse pessoalmente por que se desistiu o caso. desfez-se em desculpas. Afirmou que então era muito jovem, e que os familiares e amigos do menino o convenceram de que este tinha sido o ofendido.

Josette respirou fundo lentamente.

—Muito amável por sua parte. E com só nove ânus de atraso.

—Ao menos, esse indivíduo não ameaçará a ninguém... nunca mais. O ano antepassado, violou e quase estrangulou a uma mulher em Vitória. Morreu ao tentar escapar da polícia.

Josette fez uma careta.

—Sei. Recebi muitas chamadas de gente do Jacobsville. Incluída una do fiscal que interveio no julgamento. Ele sempre acreditou em mim, antes e depois do veredicto.

—Ao menos, exoneraram-na —disse Linda—. Lhe foi bem, apesar de tudo.

Josette se encolheu de ombros.

—Tinha uma motivação. Desejava poder ajudar a outras vítimas inocentes.

—Alegrará-nos muito contar com sua ajuda no caso. Se necessitar algo, o que seja, não tem mais que pedi-lo.

—Pode que necessite mais do que estão dispostos a dar —disse Josette com calma—. Se trata de um caso importante, relacionado com um membro do governo do Estado. Desde aí a participação do Marc Brannon, dos Rangers do Texas, na investigação. Teremos que cruzar muitos limites jurisdicionais. Com sorte, possivelmente consigamos lhe jogar a luva a esse mafioso local, Jake Marsh. Mas é possível que também terei que proceder contra alguém das altas esferas.

Linda assentiu.

—Nenhum de nós teme a má publicidade.

Josette exalou um suspiro de alívio.

—Isso era o que queria ouvir. Obrigado.

Linda se levantou.

—Terá que compartilhar um escritório com o Cash Grier. Não é tão mau, apesar do que possa dizer Brannon. Estavam acostumados a trabalhar juntos.

—Recordarei-o. Obrigado por sua ajuda.

Linda sorriu.

—Para isso estamos aqui.

Ao final da jornada, Josette já tinha conhecido a vários membros do pessoal, embora entre eles não se encontrava Grier, e se sentia mais ou menos cômoda em seu novo escritório. Quando retornou ao hotel Madison, onde tinha uma habitação reservada, encontrou-se uma surpresa esperando-a.

Brannon permanecia diante da porta do hotel, em um carro esportivo último modelo. Josette se apertou a bolsa contra o peito e se deteve junto ao carro, esperando a que se apeasse e observando-o com uma expressão calculadamente fria. Coisa farto difícil, dado que o coração ameaçava lhe fazendo estalar as costelas.

Ele se apoiou no carro, cruzando os braços, e a olhou com sua acostumada arrogância. Era o homem mais atrativo que Josette tinha conhecido nunca.

—Como foi o dia? —inquiriu Brannon.

—Acabo de me instalar no escritório do fiscal —respondeu ela sem preâmbulos—. Imagino que você operará da delegacia de polícia.

Ele assentiu com a cabeça.

—recebeste os arquivos que te enviei?

Ele assentiu de novo.

Josette arqueou uma sobrancelha e inclinou a cabeça.

—Como não me responda diretamente, começarei a te falar por gestos.

Brannon riu.

—Não trocaste nada.

Ela se ajustou os óculos com arreios dourada.

—OH, sim que troquei, Brannon —respondeu—. Mas procuro que não me note —voltando-se, acrescentou—: Se quer falar do caso...

—Sim, mas não em uma habitação de hotel —respondeu ele friamente, molesto ao vê-la tão distante.

Josette não o olhou.

—Muito bem. irei ver se me deixaram alguma mensagem e em seguida estou contigo.

Aquilo irritou ao Brannon. Não parecia capaz de fazê-la perder a calma, em que pese a seus intentos. Aquele comportamento tão medido o ponha nervoso.

Josette subiu a sua habitação, chamo recepção e, depois de comprovar que não tinha mensagens, retocou-se a maquiagem e voltou a sair. Logo que demorou cinco minutos.

Brannon se mostrou visivelmente surpreso.

—Cinco minutos. Para uma mulher, isso é uma marca mundial.

—E para um homem seria um milagre —murmurou ela cinicamente—. me Diga aonde quer ir e me reunirei contigo ali.

—Não seja absurda —Brannon lhe abriu a portinhola do passageiro.

Ela se encolheu de ombros e subiu no carro. Ele se acomodou ao volante e, depois de ficar o cinto de segurança, incorporou-se ao tráfico. Conduzia com grande facilidade e mestria. Josette observou suas bronzeadas mãos sobre o volante e recordou as carícias daquelas mãos sobre sua pele nua...

—falei com o fiscal —disse Brannon—. Estão encantados de te ter em seu escritório.

—Surpreendente, verdade? —ironizou ela.

—Não queria dizer isso.

Josette se girou para olhá-lo.

—Do que queria falar?

—De como um assassino sentenciado foi incluído em um destacamento de trabalho.

Ela franziu os lábios.

—Boa pergunta. Não está acostumado a ser uma política habitual deixar que os assassinos recolham lixo no bordo da estrada.

—Exato —Brannon a olhou de soslaio—. E outra coisa. A penitenciária do Wayne não é uma prisão federal, a não ser estatal. Jennings foi destinado a uma prisão federal.

—Assim que sente saudades que estivesse no Wayne, verdade?

—Exato —Brannon se deteve em um restaurante de estrada—. Te conforma com um café e um hambúrguer? É o único que posso me permitir até que cobre.

—Eu pagarei o meu, Ranger. Você pede o que queira —respondeu Josette sem alterar-se—. faleste com o alcaide?

—Ainda não. Mas está claro que alguém moveu alavancas para que o transladassem ali.

Ela emitiu um assobio.

—E vá alavancas!

—Estou esperando.

—O que?

—A dedução óbvia. Que, provavelmente, o vicegovernador do Texas tem contatos capazes de conseguir algo assim.

—Isso é evidente.

—Bib não assassinou nem ao Henry Garner nem lhe Dê Jennings —declarou Brannon com firmeza.

—Ninguém pode te acusar de ser desleal a seus amigos —comentou Josette—. Mas não quero dar nada por seguro neste caso, e você terá que fazer o mesmo —acrescentou olhando-o fixamente—. Ambos estamos predispostos em favor das pessoas que pensamos que são, ou foram, inocentes. Por isso mesmo devemos ser extremamente cautelosos antes de acusar a ninguém.

Brannon deteve o carro em silêncio e apago o motor. Seguidamente, ambos entraram no restaurante e ocuparam uma mesa do fundo. Uma garçonete, jovem e atrativa, acudiu em seguida, visivelmente encantada de tê-la, —r ali ao Brannon.

—O que vão tomar? —perguntou entusiasmada.

Brannon lhe sorriu. Aquele gesto conferiu a sua expressão um ar atrativo e pícaro ao mesmo tempo. Era o mesmo olhar que estava acostumado a lhe dirigir ao Josette dois anos atrás.

—Café, um bife médio feito e uma salada da casa.

—Muito bem —a jovem olhou ao Josette—. E você, senhora?

—Café puro e uma salada da casa.

—Em seguida estará. Irei trazendo o café —a garçonete dirigiu ao Brannon um último olhar, entre tímida e fascinada, e se afastou pressurosa.

—Essa estrela chapeada as hipnotiza —Josette assinalou a placa dos Rangers do Texas que Brannon levava no peitilho.

Ele se reclinou no assento e colocou um braço sobre o respaldo, fazendo que sua camisa se esticasse sobre os robustos músculos do peito. Uns músculos, salpicados de pêlo, que ela recordava com dolorosa nitidez.

—Menos mal que ainda ficam algumas mulheres às que gostam dos homens —Brannon sorriu friamente.

Estava absolutamente irresistível, disse-se Josette observando-o.

—Eu gostaria de saber como, e por que, pôde Jennings ser trasladado de uma prisão de máxima segurança a uma estatal —disse em lugar de responder a seu comentário—. Para obter algo assim não faz falta somente influência, mas também dinheiro. Muito dinheiro.

—Ainda me estou perguntando o motivo —respondeu ele socarradamente, irritado com sua aparente frieza. A mulher a que tinha conhecido anos antes, em que pese a seu trágico passado, era alegre, divertida e estava cheia de vida. Cada vez que o olhava-lhe fazia o amor com os olhos. Mas, agora, esses olhos estavam vazios.

—Se conseguimos encontrar uma prova, daremos com o assassino —disse Josette, fazendo uma pausa enquanto a garçonete lhes servia a comida e sorria de novo ao Brannon.

Lhe devolveu o sorriso e lhe piscou os olhos o olho. A jovem se ruborizou, emitindo uma afogada risita antes de dirigir-se à mesa do lado, em que acabava de acomodar-se outro casal.

Josette se disse que não lhe incomodava a paquera do Brannon com a garçonete. Não, absolutamente!

Brannon acrescentou açúcar e nata a seu café, e o removeu até que adquiriu a cor adequada. Continuando, provou-o com a colher antes de levá-la taça aos lábios.

—O motivo é evidente —disse ao cabo de um momento, soltando cuidadosamente a taça na mesa de formica—. Jennings tinha em seu poder alguma prova incriminatoria.

—Estou de acordo —ela sorveu o café puro pensativamente, saboreando-o com agrado. Em muitos restaurantes serviam um café que parecia água suja.

—Acontece algo? —inquiriu ele.

Josette tinha esquecido quão observador era. A aqueles olhos cinzas não lhes escapava nada.

—Estava pensando no café —respondeu—. Está delicioso.

Brannon esboçou um leve sorriso.

—Por isso eu gosto de comer aqui —comentou elevando a taça—. Embora a comida não seja perfeita, o café sempre o é —tomou um sorvo e soltou a taça de novo—. Esta manhã fui ver a senhora Jennings. Está em um lar de acolhida do centro. Não tem nem para chamar por telefone.

Sua expressão indicou ao Josette como se sentia a respeito. em que pese a seus defeitos, Brannon tinha bom coração.

—lhe dê não lhe deu nada para que o guardasse por ele, verdade?

—Uma pergunta interessante —respondeu Brannon—. Porque a casa da senhora Jennings foi destruída pouco antes de consumir o despejo. Uma assistente social a levou a lar de acolhida. Pensava levar a de novo à casa para ajudá-la a recolher suas coisas, mas, quando chegaram, a casa estava ardendo. Não se salvou nem um palito de dentes.

Josette franziu o cenho.

—Assim decidiram resolver de uma vez, se por acaso lhes escapava algo. Se a prova estava ali, converteu-se em fumaça.

—Não acredito que saibam onde está —respondeu Brannon—. Embora a senhora Jennings não a tivesse, possivelmente sim saiba onde está, por muito que ou queria admiti-lo quando o perguntei. O incêndio pôde ser uma advertência para obrigá-la a cooperar. falei com o chefe de polícia para que vigiem o lar de acolhida dentro do possível. Não contam com o orçamento necessário para enviar uma unidade de vigilância as vinte e quatro horas —acrescentou com impaciência—. Logo que têm para cobrir as necessidades mais básicas.

—É como em todas partes —disse Josette—. Se gastássemos em segurança e serviços sociais dois por cento do que se destina a ajudar a outros países, não haveria crime nas ruas.

—Nem meninos pequenos passando fome —acrescentou Brannon. Logo se encolheu de ombros. Seus olhos cinzas se fixaram nos dela—. Ambos conhecemos a pobreza.

Josette sorriu melancolicamente.

—É certo. E agora sua irmã Gretchen é virtualmente uma rainha.

—Leva-o bem —assinalou ele com um suspiro—. O poder e a riqueza não a trocaram absolutamente. Está fazendo muito no Qwai pelos menos privilegiados, e a ONU lhe pediu recentemente que colabore com eles em trabalhos de arrecadação de fundos.

—Tem um talento natural para isso.

Ao Brannon incomodava que Josette soubesse tanto a respeito de sua história e de sua família. Provavelmente também sabia que seu pai tinha bebido como um cossaco e que solo sua morte prematura salvou ao rancho familiar da bancarrota.

—O que vamos fazer com respeito à senhora Jennings? —inquiriu Josette de repente—. Pode converter-se no objetivo dos responsáveis.

—Se eu fosse o responsável, não me contentaria tendo queimado a casa. Tentaria fazer falar com a senhora Jennings.

Josette fez uma careta.

—Um pensamento pouco tranqüilizador. Tem alguma idéia, além dessa vigilância policial esporádica?

—Me alegro de que o pergunte. A senhora Jennings poderia transladar-se contigo ao hotel durante nas próximas semanas. Assim a teríamos mais vigiada —explicou Brannon.

—Excelente ideia. Mas quem vai costear o? Nosso pressuposto não dá para tanto —observou Josette.

—lhe diga ao Grier que fale com o fiscal. Quando se toma a moléstia de pedir algo, consegue que o dêem sem pôr pegas.

—Grier? —perguntou ela, momentaneamente despistada.

—Cash Grier. O perito em delitos informáticos do escritório do fiscal —Brannon a olhou com curiosidade—. Ainda não o conhece?

—Não. Disseram-me que compartilharia um escritório com ele, mas nada mais. Bom, e que não acreditasse nada do que me dissessem dele.

—Pois lhe dirão muito. Esteve trabalhando conosco brevemente, mas se foi porque odiava à comandante.

—Já são dois —comentou ela sem poder remediá-lo.

Brannon não lhe disse o verdadeiro motivo pelo qual tinha deixado os Rangers.

—Buller ganhou muitos inimigos. Não o cessaram, mas o convidaram a renunciar voluntariamente, depois de haver perdido ao Grier e a mim ao mesmo tempo.

—Ai. Suponho que esconderia alguns trapos sujos.

—Buller foi a única maçã podre que houve jamais em nosso departamento —disse Brannon orgulhosamente—. E só esteve um par de meses no cargo, fazendo uma substituição. Mas todos temos nossos trapos sujos —acrescentou com calma, sem olhá-la aos olhos. Com um último sorvo apurou a taça de café—. chamei ao escritório do forense para falar com o Jones, mas a pobre lhe amontoam os cadáveres. Diz que o pessoal está transbordado, e que até manhã pela manhã não saberemos nada da autópsia do Jennings.

—Jones —Josette franziu os lábios—. Não falará, por acaso, da Alice Mayfield Jones, do Floresville?

Brannon arqueou as sobrancelhas.

—Conhece-a, acaso?

Ela se pôs-se a rir.

—Foi minha companheira na universidade —explicou. Sua expressão séria se relaxou por uns instantes—. Era uma grande brincalhão.

—Não trocou muito —disse Brannon.

Passaram os seguintes minutos comendo em silêncio. Enquanto tomavam a segunda taça de café, abordaram novamente a questão do Jennings.

—Acredito que o assassinato do Jennings está relacionado com o do Henry Garner —disse Josette.

—por que?

—Pela enorme quantidade de dinheiro que há por meio.

—Não diga nenhuma palavra sobre o Bib Webb —advertiu Brannon friamente—. Você não o conhece como eu. Apreciava realmente ao Henry Garner. O velho era como um pai para ele. O pai do Bib abandonou à família quando ele era um menino. Teve que trabalhar para manter a sua mãe e a sua irmã, antes inclusive de ter terminado o instituto. Depois da morte de sua mãe, cuidou de sua irmã até que esta morreu de uma overdose de droga. Ninguém fez nunca nada pelo Bib... salvo Henry. Bib nem sequer pôde assistir a seu funeral.

Josette assentiu, escutando atentamente.

—Tivemos que chamar um médico para que o sedasse —prosseguiu Brannon—. Se achava fora de si, como um maníaco homicida! Estava convencido de que Jennings tinha planejado o assassinato porque Henry ia despedir o. Queria estrangular ao Jennings com suas próprias mãos. Terá que lhe dar dois tablets do Valium para que dormisse. E quando despertou, passou-se dois dias seguidos chorando. Odiava ao Jennings.

Josette não mencionou o óbvio, e era que aquilo dava ao Webb um motivo para ter assassinado ao Jennings. Não obstante, em todo aquele episódio havia algo que a intranquilizava. Recordou a Silvia, a esposa do Bib Webb, no funeral, vestida com um traje negro do Versace e sorrindo a outros enfermos.

—A esposa do Webb tem gostos muito caros —comentou.

—Silvia perdeu a seu pai e a seu irmão pouco antes de começar a sair com o Bib. Aos dezesseis anos, não tinha nem para comprar uns sapatos, e Bib se casou com ela.

—Muito jovencita —disse Josette com cautela.

—Ele pensava que tinha vinte anos. Em qualquer caso, Silvia tinha idade suficiente para ficar grávida —respondeu Brannon. Não lhe caía bem Silvia, e se notava.

—Não sabia que tivessem filhos —comentou Josette.

—Não os têm. Silvia abortou —respondeu ele—. No segundo mês de embarço. Foi às compras a Dallas e, pelo visto, caiu pelas escadas do hotel onde se hospedava. Conforme explicou a própria Silvia, o médico lhe disse que não poderia voltar a ficar grávida por causa da lesão interna.

—É uma mulher muito possessiva, verdade? —murmurou Josette—. Embora a noite da festa, logo que emprestou atenção a seu marido.

—Sim, Silvia é assim —Brannon a estudou, brincando com a taça vazia—. Assim não estive com ele durante toda a velada?

—Em realidade, não —disse Josette sinceramente—. Não os vi nem a ela nem a lhe Dê durante todo o momento que estive dentro da mansão. Lembrança que seu amigo Bib esteve dançando com uma moréia muito atrativa, e não parecia sentir falta da sua esposa.

—Becky Wilson —murmur6 Brannon, recordando a ajudante pessoal do Webb. Estava acostumado a ser convidada às festas importantes, face aos protestos da Silvia—. Esteve toda a velada acompanhada do Henry Garner?

—Quase toda —respondeu Josette—. fui servir me uma taça de ponche e conversei com outra convidada junto à poncheira. Ao cabo de uns minutos, procurei o senhor Garner, mas não pude encontrá-lo. Foi então quando me dava conta de que o ponche continha álcool. Enjoei-me, e Silvia se ofereceu a me levar a casa —com olhos tristes, acrescentou—: Me caía bem o senhor Garner. Era honesto, amável e bondoso. Não fazia nada mais que falar do Bib Webb, do mal que o tinha tratado a vida. Apreciava-o seriamente.

—tratava-se de um afeto mútuo —disse Brannon—. E o que fazia falando com o Garner? Não era Jennings seu acompanhante? —não lhe resultava fácil falar disso. Nnaquele tempo, naquele tempo, quando se inteirou de que Josette tinha aceito sair com o Jennings dias depois de que rompessem, sentiu-se destroçado.

—lhe dê me conhecia desde fazia pouco, e necessitava a uma acompanhante para a festa —se justificou Josette, depois de ter chegado à conclusão de que as mentiras não resolviam os problemas—. Foi muito amável comigo. E eu não sabia nada de sua relação com os baixos recursos. Intei-rei-me essa noite, porque me disse isso Henry Garner.

—O que te disse, exatamente? —inquiriu Brannon, animando-se.

—Que tinha assistido à festa expressamente para se despedir de lhe Dê, por ter cometido um roubo em sua casa. Garner tinha guardado algo em sua caixa forte e, pouco depois, comprovou que tinha desaparecido.

Brannon quase conteve o fôlego.

—Bingo! —exclamou.

CAPÍTULO 6

—Não o entendo —disse Josette, franzindo o cenho.

Brannon se inclinou para frente, entrelaçando as mãos.

—Pensa no que acaba de dizer, Josette. Garner ia despedir de lhe Dê porque acreditava que lhe tinha roubado algo. E se Garner foi assassinado não por seu dinheiro, mas sim porque possuía provas de alguma atividade criminal? E se o mataram para silenciá-lo, e logo não puderam encontrar as provas que tinha tido em seu poder?

—Dá calafrios pensá-lo —respondeu ela.

—Arroja uma nova luz sobre o assunto —conveio Brannon—. Possivelmente estivemos indagando na direção equivocada durante o julgamento do Jennings.

—Não acredito que lhe Dê o fizesse —começou a dizer Josette.

—Nem eu acredito que o fizesse Bib —Brannon arqueou uma sobrancelha—: Possivelmente ambos tenhamos razão.

Ela assentiu lentamente. Logo repetiu o gesto com mais entusiasmo.

—É certo!

—Suponhamos que Henry tinha provas de algum delito, e ameaçou as entregando à polícia. Foi assassinado e o assassino não conseguiu encontrar sortes provas. Suponhamos que Jennings as roubou e as ocultou, com a intenção de chantagear logo aos culpados, em lugar de delatá-los diretamente.

—São muitas hipóteses —não obstante, Josette começava a vê-lo claro—. E lhe Dê Jennings negou ter cometido o assassinato...

—Só ao princípio —lhe recordou Brannon—. O negou tudo, e depois, repentinamente, fez que seu advogado negociasse uma sentença mais reduzida confessando um delito inferior ao assassinato em primeiro grau. por que?

Os olhos do Josette se iluminaram.

—Alguém lhe ofereceu algo —conjeturou—. Dinheiro.

Brannon fez girar a taça vazia, pensativo.

—Mas, se houve suborno, por que esperaram dois anos para eliminá-lo?

—Sua mãe —se apressa a dizer Josette— ficou-se sem economias e sem casa, e estava inválida. Possivelmente lhe Dê ficou em contato com os culpados e lhes exigiu mais dinheiro. Muito mais dinheiro.

—Não está mal a hipótese.

—Tenho uma lista das pessoas com as que lhe Dê manteve contatos do cárcere, por telefone e por carta —Josette rebuscou em sua bolsa e tirou uma caderneta—. Suas direções e números de telefone —acrescentou enquanto acontecia a lista ao Brannon.

Ele a olhou entrecerrando os olhos.

—Teria que ter sido médico. Isto não há quem o leia!

—Qualquer as dá de crítico —ironizou ela ao tempo que recuperava a caderneta—. O primeiro nome da lista pertence ao Jack Holliman. Vive no Floresville, ao sul daqui, no Wilson County. É tio de lhe Dê.

Brannon arqueou uma sobrancelha.

—Que oportuno que viva tão perto da prisão.

—Muito oportuno. Mas por algum sítio terá que começar —Josette recolheu a conta e se levantou. Continuando, depois de ter pago, ambos voltaram para carro.

Minutos mais tarde, enfiaram o caminho de entrada de um pequeno rancho em um estado de evidente abandono. O caminho estava cheio de fossas e as cercas médio derrubadas. Quando se detiveram diante da pequena casa, viram que a pintura da parede da fachada estava descascada e que faltavam alguns lances do corrimão do alpendre. Enquanto subiam as escadas, o canhão de uma escopeta apareceu pela porta entreaberta, e se ouviu o estalo da arma sendo martelada. Josette titubeou.

—Polícia! —adverteu Brannon sem deter-se.

A porta se abriu imediatamente, e um homenzinho de cabelo branco, curvado pela idade, fixou-se no peitilho de sua camisa.

—Sim, é uma placa dos Ranger —disse com voz débil e áspera—. Muito bem, vocês passem.

O interior da casa era tão lúgubre como o exterior. Cheirava a fumaça de pipa, lenha queimada e suor. Fazia muito calor, embora o ancião não parecia notá-lo. sentou-se pesadamente em uma cadeira de balanço coberta por uma desgastada manta afegã. Fez um gesto a seus convidados para que ocupassem os outros dois assentos que havia na habitação, um par de cadeiras com fundo de vime e almofadas que nunca tinham visto o sabão.

—Estamos procurando o Jack Holliman —explicou Brannon depois de sentar-se.

—Sou eu —disse o homem trabalhosamente—. Imagino que vêm pelo de meu sobrinho, Lhe dê —fez uma careta—. Vá uma jodida forma de morrer, né? Acribillado em um beco, como um cão. Era o único familiar que ficava, além de minha irmã.

—lhe dê Jennings era seu único sobrinho? —inquiriu Josette.

—Sim —respondeu o velho—. O único filho de minha irmã. Seu pai morreu quando ele tinha dez anos —seus olhos azuis se cravaram na descolorido carpete do chão—. Sempre andava metido em confusões. De fato, ele ensinou a lhe Dê a violar a lei.

—Sabe de alguém que pudesse ter tido interesse em matar a seu sobrinho? —perguntou Brannon com calma.

—Não —respondeu o homem—. Todo mundo disse que tinha matado a esse tal Garner, mas eu nunca acreditei. lhe dê era capaz de falsificar um talão ou roubar um cartão de crédito, mas não de assassinar. Era dessas pessoas que detêm o carro ao ver um animal ferido e o gastam tudo em um veterinário para salvá-lo.

—Sei —disse Josette em tom fico, sem olhar ao Brannon—. Seu sobrinho e eu nos conhecíamos. Jamais acreditei que fosse culpado. E agora quero descobrir quem o assassinou. Se lhe ocorre algo que possa nos ajudar a encontrar ao culpado, estaremos-lhe muito agradecidos.

O ancião franziu seus finos lábios, assentindo lentamente.

—Eu escrevia ao cárcere. Lhe dê me mandou uma postal o mês passado. A trarei —se levantou com visíveis moléstias, fazendo uma careta de dor enquanto se aproximava de um pequeno escritório e abria uma gaveta. Logo tirou um sobre e o passou ao Josette.

Ela o abriu. A postal, escrita com péssima caligrafia, era muito direta. Nela, Lhe dê se limitava a perguntar pela saúde do vício e a recordar a última vez que tinha montado com ele a cavalo, antes de ser detido pelo assassinato do Garner.

—Sempre falava dessa última vez que cavalgamos juntos —recordou o ancião com tristeza—. Adorava o campo. Mas preferiu ficar na cidade para cuidar de sua mãe.

Brannon examinou a postal e logo a passou de novo ao Josette.

—Não consigo dar com minha irmã —prosseguiu o velho—. Não falei com ela desde que me comunicou o de Lhe Dê. O telefone de sua casa parece estar desligado. encontra-se bem?

Brannon e Josette intercambiaram olhadas cautelosas. Parecia tão frágil, que detestavam ter que lhe dar aquelas notícias.

—Sim, encontra-se bem —disse Josette—. Mas sua casa se queimou em um incêndio. Agora se hospeda temporariamente em um asilo. Pedirei o número de telefone para enviar-lhe a você.

O ancião suspirou cansadamente.

—Obrigado, moça —disse em tom derrotado—. Nunca imaginei que a velhice seria assim, que me veria incapaz de me valer por mim mesmo —seus pálidos olhos se cravaram nos do Josette—. Não desperdice a vida, jovencita. Esprema até a última gota, enquanto possa.

Ela sorriu.

—Isso intento.

Brannon voltou a tomar a postal.

—Conhecia algum dos amigos ou colegas de trabalho de Lhe Dê?

—Colegas de trabalho? Que eu saiba, o menino só trabalhou uma vez, para esse homem que foi assassinado —disse Holliman—. Estava muito orgulhoso desse trabalho. Embora, a última vez que estive aqui, disse-me algo muito estranho —recordou carrancudo—. Disse que tinha feito algo que lamentava. Queria proteger ao velho de algum perigo. E acrescentou que esperava ter feito o correto —olhou de esguelha ao Brannon—. Têm idéia do que quis dizer?

—Ainda não —respondeu Brannon levantando-se—. Mas o averiguaremos, o prometo.

Holliman ficou em pé lentamente.

—Obrigado pela visita. Né, lamento lhes haver pontudo com a escopeta —acrescentou—. Lhe Dê me advertiu que fechasse sempre a porta e tomasse cuidado se se aproximava algum desconhecido. Nunca me disse por que, mas me pareceu um bom conselho.

—Tranquilo, não faz falta que nos acompanhe à saída —disse Brannon—. Fecharemos a porta ao sair. você tem telefone?

—Sim. E, além disso, tenho minha escopeta.

—Tenha-a sempre perto de você —prosseguiu Brannon—. Pedirei ao xerife que envie mais carros a patrulhar esta zona.

Holliman sorriu.

—Obrigado, filho.

Brannon olhou para a parede e titubeou, com a mão no pomo da porta.

—O enterro de Lhe Dê é amanhã a duas. Se quer ir, não tem mais que dizê-lo. Virei a recolhê-lo.

O ancião tragou saliva.

—Faria isso por um desconhecido?

Brannon tocou uma velha e puída pistolera em que Josette não tinha reparado. Estava pendurada em um gancho, ao lado da porta. junto a ela havia uma desgastada placa chapeada dos Rangers do Texas.

—Não somos desconhecidos —disse em tom fico.

Holliman assentiu com a cabeça.

—Então, eu gostaria de in Obrigado.

—Não há de que. Estarei aqui à uma e meia.

—Obrigado por nos haver concedido tantos minutos de seu tempo, senhor Holliman —disse Josette, despedindo do ancião. Uma vez no alpendre, girou-se para o Brannon, enquanto este fechava a porta, e disse—: Nem sequer me tinha fixado na pistolera. É muito observador.

—Tem graça que o diga, depois dos enganos que cometi no passado —respondeu ele secamente.

Ela deixou acontecer o comentário.

—Crie que podem tentar Lhe fazer algo? —inquiriu enquanto voltavam para esportivo negro.

—Um assassino que já matou duas vezes não se deterá ante nada. Ao fim e ao cabo, solo podem executá-lo uma vez —Brannon acendeu o motor—. Qualquer relacionado com o Jennings corre perigo. E ainda sigo pensando que Jake Marsh está metido até as orelhas nisto —fez uma pausa, pensativo—. É uma lástima que um homem como Holliman, que dedicou sua vida a proteger a outros, tenha que viver assim.

—Não, não há direito.

Seguiu um comprido e tenso silêncio. Josette se sentia esgotada. Os dois dias anteriores tinham sido frenéticos, e logo que tinha dormido. O cansaço começava a lhe passar fatura.

—iremos visitar a senhora Jennings amanhã, depois do funeral —disse Brannon—. Enquanto isso, falarei com o alcaide da prisão.

—Crie que saberá quem moveu os fios para que transladassem ao Jennings? —inquiriu Josette com voz sonolenta.

—Não. Mas possivelmente tenha contatos que possam averiguá-lo —respondeu ele. Observou-a de reajo, notando-se nas linhas de seu jovem rosto. Sua trágica vida estava escrita ali. Brannon lamentou de novo o modo em que a tinha tratado—. De todos os enganos que cometi em minha vida, que mais lamento é ter ajudado ao menino que tentou te violar. Fui um estúpido.

—Isso pertence ao passado, Brannon —repôs Josette impassível—. Já não se pode trocar.

—Deus sabe que eu gostaria de poder trocá-lo —disse ele—. Te julguei mau. Arruinei sua vida.

—Eu também fiz minha parte —respondeu ela sem olhá-lo—. Saí de minha casa às escondidas para ir a essa festa. Rebele-me contra meus rígidos pais. E sabe o que? Logo compreendi que tinham razão. Era muito jovem para sair com meninos experimentados, habituados ao álcool e as drogas. Com minha conduta, também lhes arruinei a vida .

Brannon apertou a mandíbula. sentia-se tão culpado como ela do acontecido.

—Nunca entendi por que deixou os Rangers —seguiu dizendo Josette—. Sempre desejou esse posto. E justo quando foram ascender te, deixou-o. Assim, sem mais.

—Deixei-o por ti.

Ela piscou.

—O que?

—Mesmo que parecia uma mulher decente, uma parte de mim nunca deixou de pensar que tinha mentido sobre o intento de violação. Que estava assustada e acusou ao menino para te liberar de culpa —Brannon se deteve ante um semáforo em vermelho. Seus olhos se cravaram no rosto do Josette—. Logo te fiz o amor.

Ela sentiu uma quebra de onda de calor por todo o corpo ao evocar a lembrança.

—Foi uma verdadeira revelação —prosseguiu Brannon—. Esse menino não pôde consumir a violação nas condições em que estava.

—nos poder deixar o tema, por favor? —pediu ela com voz tensa, evitando seu olhar.

—Então compreendi o engano que tinha cometido —continuou ele, fazendo caso omissa—. Ajudei ao advogado defensor a pôr o último prego em seu ataúde, quando foi a autêntica vítima. Todo seu sofrimento, e o sofrimento de seus pais, era por minha culpa. Não podia suportá-lo, de modo que senti a necessidade de ir, de escapar.

—Pois o fez muito bem —disse Josette rigidamente—. Me insultou, levou-me a minha casa e foi. Não voltei a verte até o julgamento de lhe Dê Jennings. Depois, o fiscal me deixou por mentirosa no estrado.

—Bib lhe deu essa informação —se apressou a dizer Brannon—. Recordava o acontecido, porque eu lhe tinha falado disso em nossos primeiros anos de amizade. Mas eu jamais o teria utilizado contra ti. E menos —acrescentou—, depois de conhecer a verdade. Quando me inteirei de que o fiscal pensava utilizar essa informação, já era muito tarde.

Josette se encolheu de ombros.

—Já não te culpo do acontecido.

O qual era muito mais do que se merecia. Estava claro que até sentia algo por ele. Como era possível, depois do que lhe tinha feito?

Brannon deteve o carro na rua onde estava situado o hotel.

—Quer ir ao funeral do Jennings amanhã?

—Sim —respondeu Josette—. Quero ver se reconhecer a algum dos assistentes.

Ele esboçou um débil sorriso.

—Por isso mesmo desejo ir eu. Virei a te recolher à uma. Logo iremos procurar ao senhor Holliman.

Ela titubeou. Passou os dedos pela superfície de pele de sua maleta.

—É o mais lógico, Josette —insistiu Brannon com calma—. Devemos trabalhar juntos.

—Sei —Josette abriu a portinhola Muito bem. Estarei-te esperando no vestíbulo do hotel.

—Possivelmente para então já tenhamos alguma pista mais —Brannon a olhou com olhos entreabridos—. Levam pistola?

—Não, nem penso levá-la. Porto na bolsa um pequeno artefato que emite uma forte descarrega elétrica, e não sou nenhuma adoentado. Arrumarei-me isso.

—Uma pistola é mais segura.

—Só se não te dá medo lhe usá-la recordou Josette—. E me dá. Você vigia suas próprias costas, Brannon. Sei cuidar bem de mim mesma —fechou a portinhola e entrou no hotel.

O observou como lhe sorria ao porteiro que lhe abria a porta. Josette sempre tinha sido assim, amável, amistosa e compassiva. Sentindo-se de novo mal ao recordar como a tinha tratado, Brannon utilizou o móvel para consertar uma entrevista com o alcaide do Wayne, que casualmente tinha a tarde livre. Logo pôs o carro em marcha.

Josette entrou em sua habitação e se derrubou em uma das duas camas dobre. Estava morta de cansaço. Precisava dar uma larga ducha para relaxar seus doloridos músculos.

Enquanto se soltava o cabelo, fechou os olhos e se levou uma mão ao pescoço. face aos dois anos transcorridos, ainda sentia o quente contato dos lábios do Brannon, descendendo por sua garganta. O pulso lhe acelerou. Tinha tratado de desterrar de sua mente aquelas lembranças, mas eram tenazes.

Josette se olhou no espelho. Tinha os olhos enormes e suaves, e os lábios ligeiramente inchados. Seu aspecto era... sensual.

Josette se separou do espelho, detestando sua reação. Brannon não a desejava. Nunca a tinha desejado. Tinha um péssimo conceito dela. Tinha chegado a dizer que não era o bastante mulher para ele. por que não conseguia esquecê-lo? Por muito que tentasse fixar-se em outros homens, somente a gente seguia ocupando seu coração, pese ao sofrimento que lhe tinha causado.

Josette se despojou da roupa e entrou no quarto de banho para tomar banho. Minutos mais tarde, quando voltou a sair, viu que a luz do indicador de mensagens de seu telefone piscava.

Josette se sentou na cama e desprende o auricular para chamar recepção.

Era a secretária do escritório do fiscal.

—Senhorita Langley? —disse com sua agradável voz—. Só queria lhe dar a nova direção da senhora Jennings. A assistente social encontrou para ela um bonito apartamento no Pioner Village, perto do Elmendorf... uma urbanização para aposentados da localidade.

—Que bem —disse Josette—. Me preocupava que estivesse nesse lar de acolhida. Não pode valer-se por si mesmo...

—Isso disse a assistente social —respondeu a secretária—. A senhora Jennings esta muito contente com seu novo lar. Tem papel e caneta à mão?

—Se, um momento —Josette rebuscou em sua bolsa—. Adiante —foi anotando a direção conforme a outra mulher a ditava—. Tem telefone?

—Ainda não —disse a secretária—. Mas sua vizinha, a senhora Danton, acessou amavelmente a lhe passar qualquer mensagem. Darei-lhe seu numero de telefone —a seguir, o ditou também ao Josette.

—Obrigado. Brannon e eu iremos com o irmão da senhora Jennings ao funeral de amanhã. Telefonarei à senhora Danton para que lhe pergunte à senhora Jennings se deseja que a levemos. Seu irmão está aborrecido porque não sabe nada dela.

—O senhor Holliman? OH, sim, Grier sabe muitos detalhes a respeito de sua vida. Pelo visto, o senhor Holliman foi o Ranger mais notório da localidade nos quarenta e os cinquenta.

—eu adoraria saber mais sobre ele —disse Josette, sonriendo para si—. Obrigado pela informação.

—foi um agradam adeus.

Josette pendurou e voltou a guardar a caderneta na bolsa. Já estava pensando na cerimônia do dia seguinte. Em realidade, não tinha querido assistir ao funeral de lhe Dê. Fazia pouco que tinha perdido a seus próprios pais, em menos de dois anos. Mas aquilo formava parte de seu trabalho, de modo que teria que confrontá-lo.

CAPÍTULO 7

O alcaide da penitenciária do Wayne, localizada-se perto do Floresville, era um homem corpulento e taciturno chamado Dom Harris. Ofereceu ao Brannon uma cadeira, entrelaçou as mãos em cima de sua mesa e logo escutou atentamente o que tinha que lhe dizer.

Finalmente, pulsou um botão do intercomunicador.

—Jessie, é tão amável de me trazer o expediente de lhe Dê Jennings?

—Senhor, pode você consultá-lo em seu ordenador —começou a dizer a secretária.

—Ah. Ah, sim, é verdade. Deixa-o —desconcertado, Harris se giro por volta do ordenador e teclou a informação utilizando sozinho dois dedos—. Odeio estes malditos trastes —murmurou—. Um dia destes, alguém atirá da tomada e desconectará a civilização.

Brannon deixou escapar uma gargalhada.

—Estou de acordo. Por isso faço sempre cópias de segurança de todos meus arquivos.

O alcaide sorriu enquanto seguia atento à tela.

—Sim, aqui está. Jennings foi transladado aqui faz duas semanas, procedente de uma prisão estatal de Austin...

—De Austin? —Brannon se levantou rapidamente, rodeou a mesa e olhou a tela por cima do ombro do alcaide, murmurando uma desculpa.

Em efeito, ali figurava o expediente do Jennings, salvo que tinha sido alterado. Não constava nele nenhuma condena por assassinato. Segundo o arquivo, Jennings estava na prisão por um delito de agressão, cometido em sua adolescência.

—Alteraram-no —disse tajantemente ao alcaide—. Jennings cumpria condenação por assassinato. Estava em uma prisão federal de Austin, não em uma penitenciária do Estado. E esse delito de agressão é muito antigo, de quando era um quinceañero.

O alcaide empalideceu.

—Quer dizer que deixei a um assassino sentenciado sair em um destacamento de trabalho?

Brannon lhe tocou levemente o ombro.

—Não foi culpa sua —o tranqüilizou—. Está claro que manipularam os arquivos. A fuga do Jennings foi cuidadosamente planejada. Ao parecer, enfrentamos a um pirata informático, além de um habilidoso assassino —acrescentou escuetamente.

—Perderei meu posto —começou a murmurar o alcaide.

—OH, não, absolutamente —disse Brannon—. Trabalho para o Simon Hart, o fiscal general do Estado do Texas. Assegurarei-me de que conheça a situação. Você não pode controlar pessoalmente os históricos de centenas de reclusos. Não é culpa dela.

—É minha prisão —se lamentou Harris—. Deveria poder fazê-lo.

—Só somos humano —insistiu Brannon—. Se não lhe importar, eu gostaria de ter uma cópia do expediente.

—Ao menos, isso sim posso fazê-lo —disse Harris cabisbaixo. Pulsou o botão da impressora e, depois de recolher os fólios impressos, guardou-os em uma pasta e os passou ao Brannon—. Encontrem à pessoa que tem feito isto —pediu.

—Vê isto? —inquiriu Brannon assinalando sua placa do Ranger—. Jamais nos rendemos.

O alcaide conseguiu esboçar um sorriso.

—Obrigado.

—Graças a você —Brannon tomou a pasta e partiu.

O sol se dignou sair para o funeral do Jennings. Era um dia quente, e não havia muito tráfico enquanto Brannon detinha o carro diante do cemitério, com o Josette a seu lado e um senhor Holliman com aroma de cânfora no assento de atrás.

Brannon ajudou ao Holliman a sair e o acompanhou até o cemitério, seguido pelo Josette.

Não havia muito público presente, e em sua maioria se tratava de agentes da lei. Brannon reconheceu ao xerife, ao chefe de polícia, a um par de detetives de patrício, e à senhora Jennings, embelezada com um vestido obviamente emprestado. Josette tinha chamado à senhora Danton, como prometeu, mas esta voltou a lhe telefonar para lhe dizer que o xerife já se ofereceu para levar a frágil anciã ao funeral.

Um funeral obviamente ajudado com dinheiro dos contribuintes, dado que à senhora Jennings não ficava nada depois do incêndio. Havia um fossa e um ataúde, mas nenhum dos detalhes próprios de uma cerimônia adequada.

Josette se fixou no modesto ataúde de madeira de pinheiro e recordou, com excessiva nitidez, os funerais de seus pais. Também recordou a lhe Dê, quatro anos maior que ela. Alto, loiro e um pouco pago de se mesmo.

Seguiu contemplando o ataúde com tristeza. Se lhe Der se ficou na prisão... Mesmo que tivesse atuado pensando em sua mãe, sua cobiça tinha acabado lhe reportando uma bala na nuca. A chantagem era uma prática execrável, independentemente do motivo, disse-se Josette. Existia um preço para aquela conduta ilícita, e lhe Dê o tinha pago.

Um movimento captou sua atenção, e viu como Jack Holliman se aproximava de sua irmã e a abraçava com força.

—Mataram a meu menino, Jack —se lamentou a anciã, com as pálidas bochechas cheias de lágrimas—. Lhe dispararam na rua, como a um cão.

—Sei. Sinto muito. Sinto-o muito —Holliman lhe deu um tapinha nas costas.

O serviço religioso foi muito breve. O pastor se mostrou algo nervoso enquanto falava de lhe Dê Jennings, a quem nunca tinha conhecido. Leu um par de salmos, ganhando-a simpatia do Josette ao entupir-se na pronúncia de algumas palavras. Logo entoou uma oração, também com certa dificuldade, antes de aproximar-se dos anciões para lhes dar o pêsames, com a Bíblia fortemente agarrada na mão. Um grosso anel de ouro reluzia ao sol em seu dedo mindinho.

Foi então quando Josette reparou em que ia vestido de forma muito parecida com a senhora Jennings e seu irmão, com roupas mais funcionais que elegantes. Compreendeu que provavelmente se ofereceu a dar a missa mais por generosidade que por uma compensação econômica.

Josette decidiu procurar em sua bolsa algum dinheiro para gratificá-lo, mas chegou tarde. Viu como Brannon se detinha junto ao pastor e lhe colocava amavelmente um bilhete na mão. Logo, Josette desviou sua atenção para o reduzido grupo de assistentes, enquanto Brannon se parava a falar com o xerife. Também ele percorria com os olhos ao grupo, procurando a alguém suspeito. Mas o assassino, evidentemente, não tinha assistido.

—A menos que cria que o xerife ou algum desses detetives é o culpado, não tivemos sorte —murmurou Brannon detrás aproximar-se do Josette. Fez uma pausa e acrescentou—: Isto deve ser muito duro para ti.

Ela elevou os olhos para olhá-lo. Logo se encolheu de ombros.

—Você também perdeste a seus pais —assinalou.

—Suas mortes estiveram mais distanciadas no tempo —respondeu Brannon. Logo olhou para a tumba com expressão grave—. E não me importou que meu pai muriese.

Josette nunca o tinha ouvido falar de seu pai. Recordava ter ouvido alguns cochichos no Jacobsville, referentes à dura infância dos irmãos Brannon, mas pensou que se deviam a que a mãe era viúva e estava mal de saúde.

—Não o queria? —perguntou sem querer.

—Não.

Uma única palavra, pronunciada com um sarcasmo e uma amargura dos que possivelmente Brannon não era consciente.

Josette esperou, mas ele não disse nada mais. O reverendo se retirou por fim, e Brannon foi acompanhar aos anciões de volta ao carro.

—Nós a levaremos, senhora Jennings. Assim o xerife se economizará uma viagem —disse à anciã.

O xerife lhe deu as obrigado e se despediu del,grupo , junto com os dois detetives. Brannon ajudou aos anciões a introduzir-se no carro e logo se acomodou no assento dianteiro, junto ao Josette.

Poucos minutos depois, chegaram ao pequeno apartamento que a assistente social tinha encontrado para a senhora Jennings, perto do Elmendorf.

—Não é muito —disse a anciã enquanto tirava a chave—. Mas, ao menos, tenho um teto sob o que me cobrir —abriu a porta e os convidou a passar—. Prepararei um pouco de café.

—OH, não, nem pensar —disse Josette. levou-se a

Brannon à parte e lhe aconteceu um bilhete de dez dólares—. por que não vai a por um frango assado e um pouco de café?

Lhe devolveu o dinheiro, lhe fechando os dedos em torno do bilhete.

—Segue tendo debilidade pelas causas perdidas —disse com voz rouca—. Trarei o frango e o café. Enquanto isso, a ver o que consegue lhe tirar. Volto em seguida.

Josette o observou enquanto se ia, quase sem respiração. Ainda tinha a virtude de deixá-la sem fôlego. Era algo inquietante.

acomodou-se no sofá, ao lado da senhora Jennings, e lhe aconteceu um lenço de papel. A anciã se mostrou muito digna e sossegada durante o funeral, mas por fim estava dando rédea solta a sua dor. desfez-se em lágrimas. O senhor Holliman fazia o possível por permanecer estoicamente sentado em sua cadeira, enquanto sua irmã se acalmava.

—Era muito bom comigo —soluçou a senhora Jennings—. Apesar do que pudesse ter feito, sempre foi um bom filho.

—Ele não assassinou a ninguém, senhora Jennings, e menos ao Henry Garner —disse Josette com firmeza e convicção—. Jamais o duvide nem por um instante. Mas não consiga convencer a outros, havendo tantas provas em seu contrário.

—lhe dê nunca teve nenhuma clava —disse a anciã—. Detestava a violência física.

—Sim, detestava-a —corroborou Holliman firmemente—. Jamais consegui lhe ensinar a disparar com uma arma. Tinha-lhes medo.

—Sei o que fez algumas costure más, senhorita Langley —prosseguiu a senhora Jennings, soando-a nariz—. Mas jamais teria machucado a um ancião.

—Estou segura disso —respondeu Josette.

Logo se inclinou para frente—. Senhora Jennings, alguma vez lhe deixou lhe Dê algum pacote, ou algo para que o guardasse você por ele?

O velho Holliman se removeu na cadeira. A senhora Jennings franziu o cenho, evitando o olhar do Josette.

—Uma vez me disse que tinha que pôr algo a boa cobrança, mas não chegou a trazer me explicou isso.

—Disse-lhe o que tinha feito com isso? —insistiu Josette.

—Não. Solo disse que essa mulher o queria.

—Mulher? —apressou-se a perguntar Josette—. Que mulher?

—Sei pouco dela —disse a anciã—. lhe Dê a menciono um par de vezes. Disse que o estava ajudando em seu novo trabalho. Considerava-a uma mulher muito especial, mas nunca chego a me apresentar isso apesar de que o pedi. Disse que era muito tímida, sabe você? Falava de casar-se com ela, mas não tinha dinheiro suficiente para fazê-la feliz. Ela desejava que ele guardasse esse pacote em um lugar seguro. Inclusive insistiu em guardá-lo ela mesma, mas lhe Dê não o permitiu. Disse que correria perigo se o tinha em seu poder —acrescentou, olhando de soslaio ao Josette—. lhe Dê jamais me disse do que se tratava.

Aquilo era uma novidade. O que tinha parecido um beco sem saída começava a resultar prometedora.

—Disse-lhe onde vivia essa mulher, ou a que se dedicava?

—Não. Mas se via com ela antes de meter-se nessa confusão, enquanto trabalhava aqui no Santo Antonio. Suponho que seria uma garota da localidade. Ah, sim, disse que adorava os caramelos de hortelã. E dos caros. Os comprava continuamente, inclusive quando ia à farmácia por meus remédios.

Caramelos de hortelã. Josette tirou sua caderneta e tomou nota.

—Mencionou alguma vez a alguém chamado Jake Marsh?

A senhora Jennings e seu irmão intercambiaram um olhar, mas a anciã se limitou a negar com a cabeça.

—Que eu recorde, não. Solo me falou dessa mulher.

Nesse momento, chegou Brannon com a comida e o café, interrompendo-os. Para quando acabaram de comer, já se tinha perdido o fio da conversação.

Mais tarde, Brannon levou ao Holliman ao rancho e logo acompanhou ao Josette ao hotel, lhe contando o que o alcaide e ele tinham descoberto.

—No escritório de Austin temos um verdadeiro perito em pirataria informática —disse Josette—. Phil Douglas. Não há nada que não saiba de ordenadores. Possivelmente possa rastrear à pessoa que alterou os arquivos.

—Já há gente trabalhando nisso, mas lhe diga que o tente —respondeu Brannon—. Teve que ser alguém muito especializado.

—Há algo mais. A senhora Jennings disse que lhe Dê estava encalacrado com uma mulher quando assassinaram ao Garner. Insinuou que estava obcecado em conseguir dinheiro para fazê-la feliz, e falou de certo pacote que nunca chegou a ver.

Brannon já tinha estacionado o carro nos estacionamentos do hotel. reclinou-se no assento e cruzou os braços sobre o peito.

—Uma mulher. Disse-te que aspecto tinha?

—Não. lhe dê não lhe disse muito, solo que era muito inteligente e que gostava dos caramelos.

—Provavelmente essa informação não leva a nenhuma parte.

—O mesmo pensei eu —conveio Josette.

—Amanhã inspecionarei as contas bancárias do Jennings, para ver se fez algum ingresso considerável de dinheiro recentemente. Você pode chamar a seu escritório para que esse perito em informática fique mãos à obra.

—Farei-o. Obrigado pela viagem. Chamar-te pela manhã.

—Passarei fora quase todo o dia —respondeu ele lacónicamente.

—Então, deixarei-te uma mensagem —Josette abriu a portinhola do carro.

Brannon se girou para olhá-la, reparando em suas olheiras, em sua expressão fatigada.

—Descansa um pouco.

—Estou bem —Josette fechou a portinhola e, girando-se, entrou no hotel. O porteiro lhe sorriu enquanto se apressava a lhe abrir a porta. Ela não olhou atrás.

Brannon ficou em marcha, com uma mescla de sentimentos encontrados. Recordava perfeitamente o tato do Josette, seu sabor, enquanto a estreitava entre seus braços. Eram lembranças longínquas, mas vívidos. perguntou-se se ela se lembraria da magia que tinham compartilhado, antes de que suas vidas se separassem pela segunda vez. O jamais tinha conseguido esquecê-lo.

Dentro do hotel, Josette se sentia completamente exausta. Pediu que lhe subissem o jantar à habitação e, depois de jantar tranqüilamente, deu-se um banho e ficou sua bata de felpilla, envolvendo-a larga juba dourada em uma toalha. Continuando, sentou-se no bordo da cama para repassar suas notas.

O expediente de lhe Dê Jennings era muito grosso, e estava infestado de referências ao Jake Marsh. Josette não podia esquecer que lhe Dê tinha ajudado a um amigo do Marsh a conseguir um trabalho na campanha eleitoral do Bib Webb. Aquele dado, disse-se, devia ser importante.

Josette tinha demorado muito tempo em reunir aquelas provas e as imprimir. Não desejava deixar nenhum cabo solto. Além disso, teria que compartilhar aquela informação com a polícia e com o fiscal do distrito, para lhes dar acesso a tudo o que tinha averiguado.

Sotaque os documentos na mesita de noite e se recostou na cabeceira, sobre os dois almofadões. Logo acendeu a televisão, mas voltou a apagá-la ao ver que não emitia nada de interesse. Em realidade, não tinha sonho, mas o que podia fazer em uma habitação de hotel, a quilômetros de seu apartamento? Sentiu falta da seu gato, Barnes, que estava acostumado a acurrucarse a seu lado na cama, em cima do edredom.

Sorriu tristemente enquanto pensava no pobre Barnes, que se tinha ficado na residência para animais enquanto ela estava ausente.

Josette se disponia a apagar a luz quando ouviu que chamavam bruscamente à porta da habitação.

CAPÍTULO 8

Josette saltou da cama e se aproximou da porta, descalça, consciente de que solo levava uma bata sobre sua pele nua. Titubeou, recordando todas as razões pelas que não devia abrir a porta. Ao outro lado podia encontrar o assassino, e ela não tinha nenhuma pistola para defender-se. Sua bolsa, com a arma imobilizadora, estava no outro extremo da habitação.

O coração começou a lhe pulsar com força. notou-se a boca seca. Ouviu uma segunda chamada, muito mais insistente. pegou-se à porta e apareceu pela mira. Era Brannon, despenteado e cheio de pó, com um corte ao lado de sua firme e perfeita boca.

Exalando um suspiro de alívio, Josette abriu em seguida para deixá-lo entrar.

—Que demônios te passou? —exclamo.

Ele se enxugou o sangue do corte com a mão.

—Atacaram-me junto a meu apartamento, ao me baixar do carro —disse, com uma nota de ira ainda perceptível em sua profunda voz—. Não sabia se tinham um dobro ataque planejado, de modo que decidi vir para ver como estava.

—Podia ter telefonado —assinalou Josette.

—De muito teria servido isso se tivessem entrado em sua habitação —respondeu Brannon com sarcasmo.

Sua preocupação, visivelmente sincera, comoveu-a.

Josette ficou olhando-o. Logo fez uma careta enquanto elevava a mão para lhe acariciar com o polegar a pele próxima ao corte.

—Bom, ao menos não lhe têm feito nada sério. Quantos eram?

—Dois.

—Reconheceu-os?

Ele negou com a cabeça.

—Estava muito escuro, e levavam máscaras.

—por que lhe atacariam? —perguntou-se Josette em voz alta.

—Suponho que para nos advertir de que nos estamos aproximando muito a algo que eles desejam que siga oculto —respondeu Brannon. Logo entreabriu os olhos—. Tem o cabelo molhado?

Ela assentiu.

—Pu-me a revisar minhas notas e esqueci secar me acrescentou isso com uma sorrisita tímida.

Brannon se girou para a porta para jogar a cadeira de segurança antes de deixar seu Stetson em uma cadeira. Seguidamente, tomou ao Josette da mão e a levou até o quarto de banho.

Ela não precisou perguntar para que. Brannon esperou pacientemente enquanto Josette empapava uma toalha para lhe limpar a ferida.

—Aqui não há anti-séptico nem gaze —murmurou enquanto lhe enxugava o corte.

—Já me porei algo quando voltar a casa. Obrigado.

Brannon se lavou as mãos e a cara. Depois de secar-se, voltou-se para ela e alargou a mão para a toalha que levava na cabeça.

—O que está fazendo? —protesto Josette.

Brannon lhe retirou a toalha e, continuando, conectou o secador de cabelo que havia junto ao lavabo.

—Isso é o bom dos hotéis hoje em dia —murmurou—. Te proporcionam todo o necessário para viajar com estilo. Não te mova.

O tinha deixado que lhe limpasse a ferida. De modo que Josette deixaria que lhe secasse o cabelo. Brannon sempre tinha sido muito especial com ela, mas como, ao parecer, não tinha trocado. A carícia de seus grandes dedos produzia um efeito relaxante, quase hipnótico. A proximidade de seu corpo, esbelto e musculoso, resultava inquietante. Tinha passado muito tempo da última vez que teve ao Brannon assim de perto. Josette recordou o contato daquelas mãos sobre sua pele nua, seu aroma, o fresco aroma do sabão com o que se lavava.

Fechou os olhos e deixou que a alagassem as lembranças da última vez que estiveram juntos, antes de que Brannon desaparecesse de sua vida. Desejou fervientemente cobrir-se entre seus braços e esquecer o passado. O conforto daqueles braços tinha sido a gloriosa culminação de sua vida, durante os felizes meses que tinham compartilhado depois do último ano do Josette na universidade.

—Parece encolher cada vez que te vejo —murmurou Brannon, notando-se em sua diferença de estatura.

—Ponho-me saltos altos para trabalhar respondeu ela.

—Eu também —sussurrou ele cinicamente.

Josette baixou o olhar e observou os saltos das botas blusões que Brannon levava postas. Emitiu uma suave risita.—Já vejo. Mas você ainda os leva, e eu não.

Lhe revolveu o cabelo enquanto o quente jorro de ar o fazia voar em fios de puro ouro.

—Sempre me encantou o cabelo comprido —murmurou.

—Poderia deixar lhe crescer —assinalou isso Josette.

—Não é o mesmo —lhe deu a volta para lhe secar a parte de atrás. Seus olhos coincidiram com os dela no espelho—. Ainda recordo como foi quando tinha quinze anos —disse brandamente—. Está virtualmente igual.

Josette notou que lhe inflamavam as bochechas.

—Não é uma lembrança que me agrada muito —disse desviando o olhar.—

—Contei-te alguma vez que, antes do julgamento por violação, vi como colocavam a um homem no cárcere por uma violação que não cometeu?

—O que?

—Era um jovem atrativo e elegante que trabalhava em um escritório. Tinha uma ajudante que parecia adorá-lo. Um dia, ao sair do trabalho, ela chamou à polícia e disse que a tinha violado.

—Era verdade?

—Não. Queria seu posto. E o conseguiu. Ele foi ao cárcere.

—Mas isso foi uma injustiça!

—Sim. E ainda seguiria na prisão, de não ser porque ela cometeu o engano de prover com um amigo a respeito de sua hábil ascensão, e seu amigo foi à polícia. celebrou-se um novo julgamento, onde declarou como testemunha. O jovem foi absolvido e a despediram. Mas ele jamais voltou a ser o mesmo. Disse que jamais poderia confiar de novo em nenhuma mulher.

—Não sente saudades - Josette suspiro, olhando os olhos claros do Brannon no espelho—. Com razão não me creíste aquela noite. Há pessoas que são piores que serpentes, verdade, Brannon?

—Já alguma vez me chama por meu nome de pilha - disse ele quedamente—. por que?

—Somos colegas de trabalho - respondeu ela, evitando outra vez seu olhar—. Quero que nos mantenhamos em um nível profissional.

—Na atualidade, quase todos os colegas se chamam por seus nomes.

Ela notou como lhe soltava o cabelo e aproveitou a ocasião para apartar-se dele, passando-se nervosamente os dedos pelos sedosos fios.

—Obrigado —seu tom de voz foi distante.

Brannon se girou para soltar o secador. Antes de que ela pudesse reagir, tomou duas grandes mechas de sua juba dourada e os aproximou da boca. Tinha os olhos fechados e o cenho fortemente franzido, como se sentisse dor.

Turvada, Josette tomou as mãos dele, para soltar-se, mas Brannon as fez girar e apanhou as suas, as aproximando de sua camisa. Ela sentiu os dedos do frio metal da placa que levava no peito e, percebeu o aroma de sua colônia misturado com o de seu próprio xampu.

—Cometi um engano contigo. Um grave engano Jamais poderei me desculpar o suficiente —murmurou Brannon inclinando-se—. Possivelmente me pareça com meu pai mais do que acredito, Josie...

Situou brandamente os lábios sobre os seus. No silêncio da habitação, Josette sentiu o calor e a força que emanavam dele enquanto, rodeando-a com seus braços, apertava-a contra seu poderoso corpo, retendo-a ali.

Devia resistir, pensou Josette. Seria mais digno que ofegar sob o quente e doce assalto de seus lábios. As mãos dela se aferraram a sua camisa, ainda limpa pese ao duro dia de trabalho e à briga que acabava de ter. Sua mente se encheu de imagens do Brannon morto de um tiro em um beco, como o pobre lhe Dê. Rodeou-o com seus braços ainda mais fortemente, temerosa do que tinha imaginado.

Ele se inclinou de repente, tomando-a em braços. Sem deixar de beijá-la, levou-a a uma das duas camas dobre e a tombou em sua suave superfície, situando-se em cima dela.

—Não —sussurrou Josette sem fôlego.

—Sim —Brannon seguiu beijando-a, retendo-a entre seus braços—. Sei o que te passa —resfolegou contra sua boca—. Ambos sabemos que não poderia te seduzir embora quisesse, assim te relaxe.

Ao Josette resultou inquietante que ele soubesse, ou acreditasse saber, detalhe tão íntimos sobre ela.

—supõe-se que não deveria saber isso —sussurrou trémulamente.

Brannon sorriu contra seus lábios.

—Sei tudo sobre ti. Sempre o soube —lhe retirou o cabelo da cara e se incorporou sobre um cotovelo para contemplar seus suaves olhos—. Odiava o FBI —murmurou em um tom profundo e íntimo.

Josette arqueou as sobrancelhas.

—E por que estive com eles dois anos?

Ele se encolheu de ombros enquanto acariciava seus lábios brandamente inchados.

—Pensei que poderia ir do Texas e me liberar das más lembranças. Mas estes me perseguiram —exalou um suspiro—. Parece cansada.

—Estou-o —afirmou Josette, consciente da suave carícia de sua mão em seu pescoço, de como se enredava na tersura de seu cabelo —ultimamente estive trabalhando doze horas diárias, em um novo projeto do Simon para recolher informação em uma base de dados informática.

—Você gosta de seu trabalho, verdade? —inquiriu Brannon.

—Que remédio. Além disso, vivo bem.

—E eu, mas nunca serei milionário —acrescentou ele—. A menos que os preços do gado se disparem e os do penso caiam antes do inverno.

—A seca foi muito prejudicial para os rancheiros e os granjeiros.

Brannon assentiu.

—Ao menos, não terei perdas. Conformarei-me com isso, se assim posso conservar o rancho para a família.

—Não tem filhos —assinalou Josette.

—Mas Gretchen sim —respondeu ele—. Seu filho quase cumpriu dois anos.

—Já, mas ela é virtualmente uma rainha —repôs Josette—. Crie que seus filhos quererão vir-se a viver ao Texas? Seu primogênito herdará o trono do Qwai.

Ao Brannon não gostou da pergunta. Fez uma careta.

—Pode que eu também tenha filhos algum dia —afirmou.

—Só se lhe traz isso o Ratoncito Pérez —disse ela entre dentes.

Ele arqueou as sobrancelhas.

—Isso foi um golpe baixo.

—Disse que não queria te casar nunca —lhe recordou Josette.

—Tenho trinta e três anos, quase trinta e quatro —respondeu Brannon—. E dois salários sempre vêm bem em um lar. Poderia comprar penso do bom e fundar meu próprio gado.

—E deixaria seu posto nos Rangers do Texas? —cravou-lhe Josette.

—Os Rangers têm um posto em Vitória —respondeu ele—. Judd Dunn trabalha ali agora. Fomos companheiros até que deixei o Corpo. Poderíamos sê-lo outra vez.

—Vitória está perto do Jacobsville —recordou ela.

—Exato —Brannon lhe acariciou a sobrancelha—, Quer ter filhos?

—Algum dia —respondeu ela trocando de postura—. Suponho.

—Tem más lembranças que deve superar, e o compreendo —disse ele lentamente—. Em seu caso, teria que ser com um homem no que confiasse plenamente. A não ser que te tenha submetido a essa intervenção quirúrgica menor nestes dois últimos anos, suponho que nunca encontre a um homem merecedor de sua confiança.

Josette notou que lhe acaloravam as bochechas. Não desejava lhe dizer que solo havia um homem com o que desejasse ter relações íntimas. Nem tampouco desejava confessar o que tinha feito, depois daquela última e desastrosa entrevista...

—A psicóloga disse que ainda não tinha acabado de superá-lo —respondeu evasivamente.

—Tinha razão —disse Brannon, lembrando-se da bonita psicóloga a que Josette tinha visto —. Deveu te haver tratado com ela um tempo.

—Não queria recordar o passado —respondeu incômoda.

—Eu tampouco queria —afirmou ele tajantemente—. Mas os problemas não se solucionam ocultando-os. Às vezes, terá que reviver as antigas lembranças para poder desterrá-los.

—meu som muito desagradáveis —disse ela afligida.

—Já sei —Brannon entrecerró os olhos—. Se senti tentada de cercar uma relação com o Jennings?

—Não —respondeu Josette com sinceridade—. O conhecia de vê-lo na cafeteria situada perto do campus, e fomos amigos ocasionais. A coisa deveu haver ficado aí. Jamais chegue ou seja por que convidou a essa festa.

—E seguro que sei por que aceitou acompanhá-lo —disse Brannon—. Eu acabava de te deixar sem nenhuma explicação. Esperava que também assistisse estraga festa, para te pôr a paquerar com o Jennings diante de mim, verdade?

Josette fez uma careta e logo emitiu uma débil risita,

—Pois sim, isso é o que esperava. Devo ser muito transparente.

Brannon se incorporo um pouco e assinalo sua placa.

—Sou um Ranger do Texas. Tenho experiência em deduzir coisas.

Josette lhe fez uma careta.

—Pois deixa de me ler a mente.

—Supus que Jennings era culpado pelo que sabia de suas conexões com a máfia —disse Brannon—. Agora estou começando a duvidar.

—E eu estava segura de que o culpado não era lhe Dê, a não ser seu amigo Bib. Mas agora, conforme aprofundamos na investigação do caso, começo a não o ter tão claro.

—Como acontece comigo com o Jennings. É muito fácil fazer julgamentos precipitados.

Josette elevou a mão e o acariciou ao redor do corte.

—É uma sorte que tenha a cabeça tão dura —comentou com um leve sorriso.

—Um de meus agressores demorará bastante em poder sorrir de novo —respondeu Brannon, irritado com a lembrança. Logo procurou seus olhos lentamente—. Fecha bem a porta quando for —advertiu com firmeza—. E não abra a nenhum desconhecido, sob nenhum pretexto. Entendido?

—vais desempenhar o papel de macho protetor? —inquiriu ela perversamente, sorrindo—. OH, que sexy!

—Corta já —murmurou o lhe revolvendo o cabelo—. Não posso resolver este caso sozinho, e tampouco me darão mas ajudantes.

—O que significa que tem que te agüentar comigo —Josette lhe rodeio o pescoço com os braços. Era surpreendente o cômoda que se sentia ali, tombada junto a ele, quando era a mulher mais distante do mundo no que se referia aos homens.

—O mesmo digo —a provocou Brannon.

—Pois então, você também terá que ser cuidadoso e vigiar bem suas costas —adverteu ela.

Ele se aproximou uma mecha de seu cabelo aos lábios e o beijou.

—Me alegre de que não me odeie, Josette, embora tenha razões de sobra para isso —disse com voz rouca.

—Não saberia como começar,

Brannon lhe apartou o cabelo lentamente e brincou lentamente com a boca em seu lábio superior, enquanto projetava perezosamente a ponta da língua em rápidos ataques. Josette se perguntou se o faria para excitá-la de tudo. Provavelmente. Desejou saber mais a respeito dos homens.

Brannon lhe mordiscou o lábio antes de lhe abrir por completo a boca. Logo voltou a beijá-la, com uma ternura extrañamente hesitante, enquanto lhe acariciava a bochecha com seu enorme emano. Foi descendendo pelo pescoço e brincou com a abertura da bata. Não obstante, ao ver como ela ofegava ahogadamente e crispava as mãos detrás de sua cabeça, deteve-se.

Sabia que o que sentia não era medo. Podia notar o quente sopro de seu fôlego, perceber a tensão de seu corpo e quase ouvir os frenéticos batimentos do coração de seu coração. Já estava excitada. Igual a ele. Mas era muito logo. Esta vez, disse-se Brannon, tinha que ir mais devagar.

De modo que se separou de seus lábios ansiosos e a olhou aos olhos. Logo se retirou dela com um comprido e trêmulo suspiro, ficando em pé com um único e grácil movimento. A Miro e viu que parecia frustrada. Muito frustrada. Bem.

—Vai? —perguntou Josette bruscamente, incorporando-se. Tinha os olhos muito abertos—. Vai agora?

O se alisou a camisa e se endireitou a gravata, antes de recolher o chapéu.

—Para que vou ficar me? —perguntou com um brilho de diversão nos olhos e uma leve risita—. Não levo camisinhas em minha carteira. E, embora os levasse, se tratássemos de fazer o que está pensando, acabaríamos em uma sala de urgências! —franziu os lábios ao ver que Josette emitia um ofego afogado—. Claro que, se o preferir, podemos ir ao hospital e perguntar se houver algum ginecologista de guarda para que realize uma operação de emergência...

Ela se ruborizou ao compreender o que queria dizer. levantou-se e colocou as mãos nos bolsos da bata.

—Não faz falta que siga, maníaco sexual! —exclamou com arrogância—. Operação ou não, eu não me deito com qualquer! E me importa um rabanete que digam que isso é perfeitamente normal em uma mulher moderna!

Ele sorriu.

—Essa se for a mulher que conheço. Sempre admirei isso em ti —acrescentou com um leve brilho em seus olhos cinzas—. Nunca seguiste as tendências de outros.

Josette se encolheu de ombros.

—Meu pai jamais se guardou suas opiniões para si mesmo —disse, e logo sorriu—. Ele me ensinou a ser politicamente incorreta!

Brannon deixou escapar uma gargalhada, lembrando-se dos rígidos sermões que, estava acostumado a soltar o reverendo nos velhos tempos.

Logo seguiu um estranho silêncio.

—Obrigado por ter vindo.

Ele se aproximou dela, elevou-lhe o queixo e a olhou aos olhos. deu-se conta de que não levava postas os óculos. Tinha-as deixado junto ao lavabo, quando Brannon começou a lhe secar o cabelo.

—Pode lombriga? —perguntou-lhe.

—um pouco impreciso —confessou Josette.

Ele sorriu.

—E isso te faz sentir vulnerável —assentiu ao ver sua expressão de surpresa—. Sim, recordo-o. Não levava óculos aquela noite, quando te encontrei acurrucada em um rincão do quarto daquele menino, e o primeiro que me disse foi que se sentia vulnerável porque não podia ver bem. Logo, anos mais tarde, quando estivemos saindo, não te punha óculos enquanto estava comigo. Nem lentes de contato —acrescentou.

Josette sorriu.

—Sempre pensei que estava melhor sem óculos. Não posso usar lentes de contato —explicou—, provocam-me infecções. Não sou o bastante meticulosa para as manter podas.

—Desculpas, desculpas —a repreendeu Brannon, renda-se.

—Sua vista é perfeita, verdade?

Ele assentiu.

—até agora, sim. Espero que, quando me fizer velho, os óculos de leitura me favoreçam.

Josette trocou de tema.

—Pedi-lhe à polícia que mantivera vigiada à senhora Jennings?

Brannon fez uma careta.

—ia fazer o, mas me despiste —se separou dela e tirou seu telefone móvel. Continuando, marcou um número e explicou a situação ao agente de guarda, lhe dando as obrigado antes de pendurar—. Ele se ocupasse —assegurou ao Josette. Depois, meneou a cabeça—. Telefonei ao xerife para lhe falar do Holliman e de seu rancho, mas me esqueci da senhora Jennings.

—estiveste muito ocupado —respondeu ela.

—Nem tanto —Brannon retornou junto ao Josette—. Te recolherei amanhã a primeira hora. depois de tomar o café da manhã, entrevistaremos-nos com outras pessoas da lista.

—Muito bem —Josette lhe sorriu com vacilação—. Tome cuidado no caminho a casa.

O lhe acariciou o nariz.

—E você tome cuidado aqui. Recorda o que te hei dito.

—Farei-o.

Brannon abriu a porta e logo aguardou no corredor enquanto ela fechava e jogava a chave. A sua vez, Josette apareceu pela janela enquanto Brannon subia no carro e se afastava do hotel. Estava muito preocupada. E se o assassino enviava a mas homens atrás dele? Aquele caso se estava convertendo em um pesadelo.

Josette se sentou na cama, notando que o coração lhe enchia de agradar ao evocar o calor dos lábios do Marc sobre os seus, o contato de seus largos dedos em sua pele nua. estremeceu-se de desejo. Estava ocorrendo de novo, Outra vez estava apaixonada, outra vez viveria pendente do Marc, de uma chamada dela, de uma carícia.

Fechou os olhos com força. Não podia percorrer esse caminho duas vezes. Marc a tinha deixado dois anos antes, sem sequer olhar atrás. O que significava que podia fazê-lo de novo. Josette não suportaria um segundo rechaço. Assim mais lhe valia pensar na dor, além de no prazer, para que este não lhe subisse à cabeça.

Ao dia seguinte, Josette telefonou ao Simon Hart e lhe informou de todo o acontecido, incluída a intrusão nos ordenadores do sistema penitenciário.

—Eu não gosto de —disse ele escuetamente—. Eu não gosto de nada.

—Bom, dispomos de nosso próprio pirata informático —lhe recordou ela—. Phil Douglas poderia resolvê-lo rapidamente. É o melhor perito que temos.

—Enviei-o a Má Sorte, recorda? —respondeu Simon com um grunhido.

Porque volte! Não demorará nenhuma hora em descobrir quem se introduziu nos arquivos para que transladassem ao Jennings.

Simon titubeou.

—Há outros profissionais mas experimentados na unidade de delitos informáticos.

—Deixa de evasivas, Simon.

Ele emitiu um bufido.

—Está bem, o cedi temporalmente ao FBI, para que colabore em outro caso.

—Nunca cedeste meus serviços ao FBI —disse Josette desconcertada—, e isso que levo contigo dois anos. Phil somente leva oito meses!

—Queria me vingar deles —disse Simon sonriando—. Recorda ao Russell, esse agente do FBI que tanta lata nos deu com o assunto Marsh?

—O mesmo ao que Marc quase derrubou em seu rancho, quando sua irmã estava ali com o xequê do Qwai? —inquiriu ela.

—Sim. esta Russell tentando provar a implicação do Marsh em dois assassinatos anteriores, cometidos no Santo Antonio. E acredita que o do Jennings também é coisa dela.

—Sim, Jake Marsh também é nosso principal suspeito —conveio Josette—, mas ninguém parece conhecer seu paradeiro atual. face aos esforços dos forenses e os técnicos, o único que se sabe é o calibre da arma utilizada para assassinar ao Jennings. Uma pistola de nove milímetros.

—Que lástima. Se houvesse mais provas, poderia te encasquetar ao Russell. Em qualquer caso, necessitava a um perito em informática para examinar a base central de dados, assim que cedi ao Phil.

—Pode que tenha feito bem. Necessitamos toda a ajuda que possamos conseguir. Eu gostaria de saber quem foi o responsável pelo traslado do Jennings.

—E a mim, Pedirei aos especialistas do FBI que investiguem também ao respeito —disse Simon.

—Obrigado, Simon. Estaremos em contato.

Quando Brannon chegou ao hotel, Josette o pôs à corrente de sua conversação com o Simon Hart.

—Outra vez Jake Marsh —murmurou ele franzindo o cenho—. Sei que Simon tem tantas vontades como nós de tirar o da circulação.

—Sim. E também seu velho colega, Russell —acrescentou Josette.

—Curt Russell —os olhos do Brannon brilharam—. Ainda não compreendo que faz metido neste caso. A última vez que o vi, estava com o Serviço Secreto.

—Pois agora está com o FBI. E vai detrás o Marsh —disse Josette.

—Acredita que esta Marsh comprometido no assassinato do Jennings —assentiu Brannon pensativamente—. Igual a nós. Mas ainda não conhecemos o móvel.

—A menos que essa informação que possuía lhe Dê estivesse relacionada com o Marsh e algumas de suas atividades. Se tinha provas de um delito concreto —disse ela com um cenho de curiosidade—, isso poderia ter constituído um móvel.

—Sim —conveio ele lacónicamente.

dirigiram-se para os estacionamento onde Brannon tinha estacionado o esportivo negro. Ao chegar, viram um menino, vestido com jeans e um pulôver de manga larga, que perambulava por entre as intermináveis fileiras de carros, chorando a gritos descascado. Não teria mais de quatro anos.

—Né, sócio —lhe disse Marc brandamente enquanto tomava em braços—. O que te passa?

—Não sei onde está minha mamãe —gemeu o pequeno enquanto se enxugava as lágrimas com seus manitas gordinhas —. Não sei onde está!

—Bom, nós a encontraremos —disse Brannon apertando ao pequeno contra si.

Ao Josette lhe encolheu o coração. De repente, aquele implacável agente de polícia, com seu temperamento explosivo e suas expressões de fúria, converteu-se no ideal de pai sonhado por toda mulher. Josette o observou e soube como seria com seus próprios filhos. Sentiu o irreprimível desejo de sentir aqueles braços grandes e fortes abraçando-a.

—Não terá mais de quatro anos —disse aproximando-se. Logo acariciou o limpo e sedoso cabelo do pequeno e sorriu—. Como te chama, amiguinho?

—Jeffrey —soluçou o menino—. Tenho três anos —disse mostrando quatro dedos.

Marc e Josette intercambiaram olhadas divertidas.

Da porta do hotel chegou um ruído de vozes excitadas.

—Mas se estava aqui mesmo! —gemeu uma mulher—. Só tornei as costas um segundo...!

—Sempre anda distraída! —repôs uma zangada voz zangada masculina—. Não podia deixar para logo essa chamada de telefone?

—Alguém sente falta da um pirralho? —perguntou Marc elevando a voz.

O casal se aproximou deles rapidamente. O homem parecia irritado. A mulher, loira e miúda, estava fora de si.

—Jeffrey! —soluçou alargando os braços—. OH, menos mal! Se lhe tivesse dado de cruzar a rua...

—Obrigado, obrigado! —estreitou ao menino entre seus braços e lhe encheu a carita de beijos.

O homem dirigiu ao Marc um olhar lento e circunspeto.

—Obrigado —disse lacónicamente—. Nos levaremos isso a casa.

—Os meninos se despistam em seguida —disse Marc à mulher.

Ela tragou saliva.

—Sim. Sinto muito. Não voltará a ocorrer —olhou com preocupação ao homem que tinha ao lado—

Bom, vamos já.

O homem assentiu educadamente, mas seme jaba uma tormenta a ponto de estalar.

—Isso é um matrimônio —murmurou Mare, observando-os. Logo meneou a cabeça—. Às vezes, as diferenças pesam muito.

—E outras vezes, o problema é a falta de comunicação —respondeu Josette.

Marc se girou para ela.

—Certo. É o que ocorre a ti e a mim. Teríamos que ter sido totalmente sinceros o um com o outro. Assim, agora seríamos amigos, em vez de colegas forçosos.

Josette procurou seus olhos.

—Você gosta dos meninos, verdade?

Ele sorriu.

—Adoro-os —admitiu.

—Eu também.

Marc baixou a mão para tomar a dela. Josette experimentou quebras de onda de prazer por toda a superfície de seu esbelto corpo.

—Será melhor que vamos —disse.

Ele assentiu. Enquanto caminhavam até o carro, não lhe soltou a mão. Ela não fez nenhum intento de soltar-se. Possivelmente, disse-se Brannon, poderia lhe fazer esquecer quão cruel tinha sido com ela no passado. Ao menos, assim o esperava. sentia-se vivo. E era uma sensação maravilhosa.

CAPÍTULO 9

Sandra Gates, que rondava mais ou menos a idade do Marc Brannon, tinha o cabelo tingido de loiro e as unhas pintadas de violeta. Sua caravana estava encaixada entre outras dois com o mesmo aspecto lamentável, no camping para caravanas situado nos subúrbios do Floresville. Não se alegrou ao ver o Marc e Josette. Deixou-os entrar sozinho quando Marc a ameaçou indo em busca de uma ordem de registro.

sentaram-se cautelosamente no sofá, talher de folhas de periódico e pacotes de caramelos. Enquanto Marc explicava as razões da visita, Josette se guardou no bolso disimuladamente um dos pacotes, movida por uma intuição. Sandra se reclinou em sua cadeira.

—Só era amiga de lhe Dê —disse com fria ênfase, agitando uma mão lânguida. Josette advertiu que levava um anel de diamantes na direita. Se era falso, não o parecia—. Não tive nada que ver com sua morte —acrescentou—. Nada absolutamente!

—Não a estamos acusando de nada, senhorita Gates —se apressou a dizer Josette—. Solo queremos saber se lhe escreveu algo a respeito de seu traslado à penitenciária do Wayne.

Ela os observou com receio durante uns segundos, e logo desviou seus olhos para a janela, antes de respirar fundo e responder sem olhá-los diretamente.

—Claro, eu sabia que foram trasladar o. Disse-me isso em uma carta.

—Disse-lhe como o tinha conseguido? —inquiriu Brannon com calma, observando suas reações com olhos atentos.

Ela o olhou de soslaio, surpreendida, e logo voltou a apartar o olhar.

—O que... quer dizer com isso?

—A penitenciária do Wayne é uma prisão estatal, senhorita Gates. Jennings cumpria condenação em uma prisão federal de Austin até poucos dias antes de que o assassinassem, depois de conseguir que o trasladassem aqui e o deixassem sair em um destacamento de trabalho.

Ela cruzou os braços e olhou ao Brannon com frieza.

—Não me disse nada disso —assegurou—. Sozinho se que assim me resultava mais fácil ir ver o. Quer dizer, teria sido mais fácil se não o tivessem assassinado.

Brannon lhe dirigiu um olhar carregado de intenção.

—Sei que foi ver o tanto em Austin como no Santo Antonio, senhorita Gates.

Ela pareceu irritada.

—Sim. E o que? —cruzou as pernas e começou a mover um pé com impaciência.

Brannon passou por cima a pergunta e olhou a seu redor, reparando em um caro ordenador e uma impressora. Tendo em conta a pobreza que rodeava a Sandra Gates, aquilo lhe pareceu estranho. Igual ao diamante que luzia.

—Gosta dos ordenadores? —perguntou amavelmente, trocando de Eu tema não sou muito entendido na matéria, mas estamos obrigados a utilizá-los.

Ela pareceu relaxar-se um pouco.

—Sim, eu adoro os ordenadores. Segui uns estágios de programação na escola local de formação profissional —assinalou um diploma colocado na parede, em cima do ordenador. Brannon se levanta e se aproximou para lhe jogar uma olhada, apoiando uma mão na mesa. Seus olhos baixaram até o ordenador. tratava-se de uma equipe cara, e havia vários CD's dispersados ao redor. Um deles continha um editor de fotografias, e outro uma sofisticada folha de cálculo.

Brannon se endireitou.

—Impressionante —disse enquanto retornava ao sofá—. Quanto demorou para realizar esses estágios?

—Um ano e meio —respondeu Sandra, sonriando nervosamente—. Os pague com o dinheiro das gorjetas. Trabalhava de garçõete em um bar de estrada situado nos subúrbios do Santo Antonio.

—Fui ajudante de garçom em minha adolescência —disse Brannon com um sorriso—. Nesses trabalhos ganha pouco sem as gorjetas.

—Não ganha nada —murmurou ela—. Estava tão farta de ser pobre... —riu nervosamente—. Não é que agora seja rica, mas desenho software para jogos. O último ganhou um prêmio de uma revista de informática —explicou com evidente orgulho—. melhorei muito.

—Obviamente —disse Brannon—. Esse ordenador é muito caro. Dos melhores.

Sandra voltou a ficar em guarda.

—Necessito uma boa equipe para poder ganhar a vida —disse, consultado rapidamente o relógio que levava na boneca—. Lamento lhes colocar pressa, mas vou mal de tempo.

Eles se levantaram.

—Tranqüila —lhe disse Brannon com um sorriso cortês—. Obrigado por sua ajuda, senhorita Gates.

—Eu não sabia nada! —protestou Sandra.

—E sinto o do Jennings —acrescentou ele, reparando no ligeiro tremor de suas pálpebras—. Não acredito que ele assassinasse ao Henry Garner.

Ela avermelhou. O lábio inferior começou a lhe tremer, e teve que morder-lhe para aquietá-lo.

—Era um fracassado —disse com voz rouca—. Um estúpido crédulo e muito inocente... !

—Não era tão mau —atravessou Josette—. Tinha algumas magníficas qualidades.

—Para o que lhe servem agora —disse Sandra friamente—. O mundo está cheio de pessoas que utilizam a outros e logo não pagam por isso.

Josette começou a formular uma pergunta, mas Brannon tomou a mão e a tirou pela porta, depois de despedir-se amavelmente da senhorita Gates.

Enquanto foram de caminho ao Santo Antonio, Josette perguntou ao Brannon por que a tinha tirado da caravana tão bruscamente.

—Porque foste perguntar lhe a quem conhecia que tivesse utilizado a outras pessoas, e isso teria sido contraproducente —explicou ele—. Está metida nisto até o pescoço. Se ganhasse tanto dinheiro, não viveria nessa mísera caravana, conduzindo um carro ferrugento e calçando sapatos velhos. Por outra parte, o desenho de software não explicaria o do anel de diamantes e o ordenador. Na mesa tinha alguns programas que valem seiscentos dólares cada um.

—Crie que lhe Dê lhe comprou o anel?

—Se for autêntico, sim, acredito —respondeu Brannon—. E arrumado a que foi ela quem se introduziu no sistema informático e fez que transladassem ao Jennings aqui.

—Eu também o pensei, mas não podemos prová-lo.

—Ainda não —Brannon meneou a cabeça—. Deve solicitar a ajuda do perito em informática do escritório do fiscal, e a desse tal Phil, de seu escritório. O comentarei também a nosso especialista. Essa mulher não será fácil de apanhar. Suponho que terá feito o possível por apagar seu rastro eletrônico. Mas possivelmente consigamos descobrir algo.

—Como, por exemplo, quem lhe pagou por fazer que transladassem ao Jennings —aventurou Josette—. Não acredito que corresse tantos riscos simplesmente para desfrutar de do prazer de sua companhia.

—Embora duvide que soubesse que o fim último da manobra era a execução do Jennings. Parcela sentir algo por ele. Certamente a enganaram.

—A senhora Jennings comentou que à mulher com a que saía lhe Dê gostava dos caramelos de hortelã caros. Assim que me guardei isto —Josette lhe mostrou o pacote.

Brannon o observou com curiosidade.

—É importado. Um gosto muito caro para uma mulher que vive em uma caravana de segunda mão.

—Sim, verdade?

—Disse a senhora Jennings algo mais sobre essa mulher?

—Não muito. Foi um comentário que fez de passada, mas ficou gravado.

—Me alegro. Todas as pistas são importantes.

—por que não queria que a senhorita Gates suspeitasse? —inquiriu Josette cheia de curiosidade.

—Porque vou solicitar uma ordem do tribunal para que cravem seu telefone —se limitou a dizer ele—. Há provas suficientes, embora sejam circunstanciais, para demonstrar sua implicação no caso. Além disso, se Sandra Gates está envolta nisto, sua vida corre perigo. O assassino não permitirá que conte o que sabe à polícia.

—De modo que é dispensável.

—Exato.

Josette tirou o expediente que levava na bolsa e o olhou.

—Há outra pessoa a que devemos interrogar. Um colega do Jake Marsh —disse, franzindo o cenho enquanto lia as notas—. Se chama Johnny York, e tem uma lista de detenções tão larga como meu braço. Mas solo o condenaram uma vez. O ano passado o detiveram como suspeito de assassinato, mas o deixaram livre por falta de provas. De acordo com minhas averiguações, frequenta a sala de bilhar que há no Mesquite Street. Poderíamos chegamos para ver se o encontramos.

—Não estará ali a estas horas —assegurou Brannon. Logo deteve o carro no borda e introduziu o nome dos York em seu ordenador portátil.

—Essa é nossa base de dados —murmurou Josette agradada.

—Sim. Eu tampouco poderia trabalhar sem ela —um arquivo repleto de dados apareceu na tela. Figurava uma fotografia. York era um homem de aspecto corrente, com o cabelo espaçado e os olhos pequenos. Era curioso, mas lhe resultava familiar. Brannon procurou sua direção e sorriu—. Não é genial a tecnologia moderna? Poderíamos ter demorado horas em conseguir esta informação com os métodos tradicionais.

—Sim, economiza muito tempo —conveio Josette—. Onde vive?

—A umas seis maçãs daqui. Provavelmente ainda estará dormindo. Despertaremos.

Demoraram menos de cinco minutos em chegar à direção que constava na tela. Quando Brannon e Josette desembarcaram do carro, uma cortina se retirou e logo voltou para seu sítio na janela frontal da casa. Conforme se aproximavam das escadas, ouviram uma portada.

—Está tratando de escapar por detrás! —exclamou Brannon—. Fique aqui. Pode que vá armado —tirou sua própria pistola e rodeou rapidamente a casa.

Josette sentiu que o coração lhe acelerava enquanto desobedecia a ordem do Brannon e rodeava a casa pelo lado oposto. Imediatamente, ouviu-se um disparo. Brannon!

Josette dobrou pressurosa a esquina, a tempo de ver como um homem miúdo, de aspecto extrañamente familiar, girava-se para ouvi-la chegar. Notou uma dor aguda na parte superior do braço, ao tempo que ouvia a detonação de uma arma. De repente, notou-se o braço muito pesado.

ouviu-se outro disparo, e o homem se deu a volta, deixando cair a pistola. Brannon lhe jogou em cima dois segundos depois, tombando-o no chão e imobilizando-o. Seguidamente, algemou-o e o ajudou a levantar-se. Logo Miro ao Josette, para assegurar-se de que se encontrava bem, mas viu que tinha uma crescente mancha vermelha na blusa bege, e que parecia estar a ponto de deprimir-se.

Balbuciando uma maldição, guardou de novo sua arma na pistolera e correu para ela, com o telefone móvel já na mão e ativado. Enquanto corria, chamou o 911 para pedir urgentemente uma ambulância.

Chegou até ela justo quando começava a cair. afrouxou-se a gravata antes de tombá-la no chão e lhe desabotoar a blusa para deixar ao descoberto o braço ferido.

Ela o olhou com os olhos empanados. Logo começou a tiritar incontrolavelmente e riu.

—Sinto-me estranha —disse com voz entrecortada.

—Não te mova —respondeu ele com gesto grave enquanto lhe rasgava a manga para jogar uma olhada à ferida. Por sorte, a bala não tinha perfurado o osso, mas sim tinha entrado e saído pelo bíceps, destroçando uma artéria.

Brannon lhe fez um torniquete improvisado com a gravata e uma caneta que se tirou do bolso, para cortar o fluxo de sangue.

—Vamos, vamos, maldita seja! —resmungou, olhando a sua redor em busca da ambulância. Ainda não se ouvia nenhuma sereia.

Josette olhou o sombrio semblante do Brannon.

—Alcançou... uma artéria, verdade? —inquiriu. Sua voz soava estranha. notava-se a língua tão espessa, que logo que podia falar.

—Sim —respondeu ele enquanto seguia pressionando o ponto por onde a bala tinha entrado e saído.

As mãos do Brannon estavam ensangüentadas, igual a sua jaqueta. O sangue tinha um aroma metálico, pensou Josette, debilitando-se por momentos.

—De todas as estupidezes que tem feito em sua vida...! Agüenta, Josie —disse ele brandamente—. Agüenta —elevou de novo a cabeça—. Onde estará essa ditosa ambulância? —rugiu, pois seus esforços logo que conseguiam conter o fluxo de sangue. Josette podia sangrar-se até morrer.

Os olhos dela procuraram seu rosto. Parecia mais pálido do normal, e seus olhos brilhavam com fúria e impotência.

—Marc —sussurrou Josette, aturdida pela perda de sangue—, por que não te despediu?

Ele seguia pendente da ambulância. Por fim, ouviu-se um som distante de sereias aproximando-se.

—O que? —murmurou.

—Nenhuma chamada nenhuma nota. Simplesmente... foi, sem olhar atrás. Quis morrer —Josette fez uma careta e gemeu, tratando de escapar de suas mãos—. Não! —resfolegou—. Me dói!

—É preferível a dor à morte —disse ele entre dentes.

—Você crie? —Josette se mordeu o lábio para não gritar.

Marc murmurou mais maldições ante a lentidão da ambulância. Finalmente, ao chegar os enfermeiros, gritou-lhes em uns términos que mais tarde lamentaria. Enquanto isso, Josette fechou os olhos, alheia à agitação que a rodeava, e se rendeu à dor.

No hospital, Josette se encontrou sumida em uma agradável sonolência provocada pelo calmante que lhe tinham administrado por via intravenosa.

Brannon não se separou de seu lado em nenhum momento. Um médico entrou na habitação e, depois de examinar a ferida, determinou que não era grave. Seguidamente, depois de lhe aplicar um antibiótico e anestesia local, procedeu a lhe dar uns pontos de sutura. Enquanto isso, Brannon permaneceu junto a ela, lhe agarrando a outra emano com força.

—Apanhou-o, verdade? —inquiriu Josette com voz sonolenta.

—Sim. Também está ingressado —respondeu ele—. O transladarão a uma zona de segurança quando lhe extraírem a bala. Saiu muito pior parado que você, me acredite.

—Sempre teve boa pontaria —suspiro ela.

—tiveste sorte —disse Brannon, ignorando o elogio—. Mas vais aprender muito sobre as feridas de bala antes de que isto acabe.

—Certo —disse o jovem médico enquanto seguia trabalhando—. Lhe vai doer muito durante o próximo par de dias. E terá que tomar antibióticos durante os próximos dez. Tem a alguém que possa ficar com você esta noite?

—Não —respondeu Josette.

—Sim —respondeu Brannon ao mesmo tempo.

O médico pigarreou.

—Podemos ingressá-la, se o preferir.

—Nem pensar —disse Josette—. É sozinho um arranhão.

—Trocará de opinião quando passarem os efeitos do sedativo —murmurou o médico—. Lhe receitarei um, além disso do antibiótico, antes de que parta —olhou de esguelha ao Brannon—. Terá que preencher um relatório do ocorrido.

—É investigadora, e trabalha no escritório do fiscal general —explicou Brannon—. Mas não sabe utilizar uma arma, algo que deveu ter tido em conta quando tentou me ajudar a deter um suspeito —fez uma careta—. Não volte a fazer nunca algo assim, Josie —acrescentou com ternura.

—Não o farei, Brannon —respondeu ela—. Mas sou forte. Além disso, pensa na emoção que isto dará a minhas memórias!

—foi minha culpa, por te haver posto em perigo —prosseguiu ele pesaroso—. assim, cuidarei de ti até que possa te pôr em pé de novo —elevou uma mão quando ela começou a protestar—. Você faria exatamente o mesmo por mim.

Josette exalou um suspiro.

—Está bem.

Enquanto o médico preparava as receitas do Josette, Brannon foi à asa do hospital onde atendiam ao prisioneiro. Em seguida reconheceu ao ajudante do xerife do Wilson County, que permanecia apostado junto à porta. Ao ver o Brannon, sorriu e lhe ofereceu a mão.

—Bom trabalho, Brannon —o felicitou—. Levávamos meses detrás dessa doninha.

—Disparou a minha companheira —disse Brannon furioso—, apesar de que nem sequer ia armada.

—Isso não é obstáculo para os York —respondeu o agente—. É capaz de fazer algo, inclusive de assassinar. suspeita-se que é um dos valentões do Jake Marsh. De fato, a delegacia de polícia do Santo Antonio o assinalaria como suspeito do assassinato do Jennings, se se demonstrasse sua implicação no caso.

—nos dê tempo —Brannon titubeou—. Figurava sua foto no arquivo ao que acessei em meu ordenador. Sua cara me soava de algo,

—Ontem assistiu ao funeral do Jennings, verdade?

—Sim.

—Lembra-te do pastor? —murmurou o ajudante do xerife.

Brannon respirou fundo.

—Mierda! E eu que pensei que o pastor simplesmente era novato e estava nervoso. Que diabos estaria fazendo ali?

—Suponho que jogar uma boa olhada a algum objetivo que lhe tinham encarregado eliminar —respondeu o agente—. Só Deus sabe a quem.

Brannon se meteu as mãos nos bolsos da calça cáqui, pensativo. Se aquele homenzinho era um capanga, e esteve no funeral, já teria eleito a sua próxima vítima. E, de não ter ido Brannon e Josette a sua casa, movidos por uma intuição, poderia ter tido êxito em sua missão. Mas, se o ajudante do xerife tinha razão, quem era o objetivo? E por que?

Não estava mais perto das respostas quando ajudou ao Josette a subir no carro e a levou a seu piso.

Estava muito enjoada para caminhar, assim que a subiu em braços. No caminho, topo-se com um dos guardas de segurança.

—Né, Bill, quer me abrir a porta?

—Claro —respondeu o homem, olhando com curiosidade a carga do Brannon.

—Vamos do hospital —começou a explicar Brannon—. Lhe dispararam. Não podia ficar só e não tem família.

—Disparado? —o guarda tomou a chave e abriu a porta do piso—. E não deveria estar ingressada?

—Não é grave —murmurou Josette, com a bochecha apertada contra o peito do Brannon—. OH, Brannon, tenho tanto sonho...

—Muito bem, estaremos dentro rapidamente. Obrigado, Bill.

—A mandar —Bill lhe devolveu a chave e sorriu ao Josette—. Mas a próxima garota que traga do hospital será para mim —disse divertidamente, olhando ao Brannon—. Que sorte tem, amigo. Eu nunca encontro preciosidades assim! —afastou-se pelo corredor antes de que Brannon pudesse pensar em uma resposta aguda.

Uma vez dentro do piso, Brannon levou ao Josette ao quarto de convidados e, depois de acomodá-la na cama, tirou-lhe os sapatos e a saia. Continuando, fez o próprio com a jaqueta e a blusa, deixando-a em braguitas e prendedor. Tratou de não fixar-se muito em sua bonita figura enquanto fazia o que era necessário.

Elevou-a o suficiente para retirar a colcha e agasalhá-la, advertindo o leve aroma de rosas que desprendia sua pele leitosa.

Brannon a contemplou em silêncio. Tinha a acréscimo médio desfeito, e várias mechas de cabelo cobriam seu rosto ovalado. Brannon lhe tirou os óculos e lhe retirou o cabelo da cara. Logo, movido por um impulso, tirou-lhe a gomilla que o mantinha em seu lugar. Dourada-las fios caíram em cascata sobre suas mãos.

—Me enredará enquanto durmo —murmurou ela.

—Que se enrede. Tem o cabelo mais bonito que vi alguma vez —o percorreu com os dedos enquanto sorria docemente—. Cansada?

—Muito —Josette respirou fundo—. Lamento te ocasionar tantas moléstias.

—Nenhuma moléstia. Tenho que voltar para trabalho, mas estarei aqui às cinco e meia. Dorme. Precisa te recuperar para seguir com a investigação.

—Está bem —Josette procurou seus olhos lentamente—. Não foi tua culpa.

—Devi imaginar que tentaria fazer de heroína.

—Não te culpe.

—Devi receber o disparo eu, não você.

Ela conseguiu esboçar um sorriso.

—Porei-me bem.

—claro que sim. Mas terá que descansar um par de dias. Perdeste muito sangue —Brannon se inclinou impulsivamente e lhe deu um suave beijo nos lábios—. Durma, carinho. Veremo-nos esta tarde. Quer que te deixe algo de beber junto à cama?

Tinha-a chamado «carinho»? Não, o teria imaginado.

—Por favor. Algo afresco?

—Suco de laranja? —sugeriu Brannon, recordando que ao Josette gostava de muito.

Os olhos dela se iluminaram.

—Sim, por favor.

Brannon foi pelo suco. Para quando voltou e o depositou na mesita de noite, Josette já se dormiu.

Permaneceu junto à cama, contemplando-a durante comprido momento com uma expressão estranha. Jamais tinha levado a nenhuma mulher a sua casa. Não podia explicar que impulso o tinha movido a responsabilizar-se do Josette. Mas esta necessitava amparo, cuidado. Necessitava-o a ele.

Brannon se comoveu ao compreender que gostava de sentir-se necessitado. Embora isso era algo que jamais reconheceria diante do Josette!

Josette despertou ao cabo de várias horas. O braço lhe doía, com um inchaço e umas palpitações decididamente desagradáveis. incorporou-se com esforço e olhou para a mesita de noite. Brannon lhe tinha deixado uma garrafa de suco de laranja e dois frascos de pastilhas, umas para a dor e as outras eram um potente antibiótico. Josette tomou uma de cada frasco e as tragou com o afresco e delicioso suco.

Seguiu deitada durante uns minutos, mas estava muito inquieta para dormir, de modo que se levantou e procurou algo que ficar. Finalmente, encontrou umas calças jeans e uma camisa de manga larga a que lhe faltava um bolso. deixou-se o cabelo solto, pois não pôde encontrar a gomilla, e utilizou o pente do Brannon para tirar-se alguns dos enredos. Logo foi até a cozinha, com o braço em tipóia, e procurou um pouco de comida.

Era evidente que Brannon sabia cozinhar, pois seu frigorífico estava muito bem sortido. Josette preparou umas bolachas e as meteu no forno. Enquanto se faziam, colocou ao lado um pequeno frango e depois se atarefou cozinhando umas batatas e uns feijões.

As bolachas ficaram perfeitas. O frango demorou algo mais. Às cinco e meia em ponto, Josette o tinha tudo preparado e tinha posto a mesa.

Brannon chegou com uma bolsa de frango frito. deteve-se na porta da cozinha e olisqueó. Algo cheirava deliciosamente.

—Isso é frango? —inquiriu assinalando a caçarola—. Cheira que alimenta!

—Preparo-o com romeiro —explicou ela timidamente.

—E tem feito bolachas —Brannon soltou a bolsa na encimera e se aproximou da mesa para jogar uma olhada à comida—. Não deveria te haver incomodado, mas me assobiam as bolachas caseiras —murmurou com um afável sorriso—. Não provei nenhuma decente desde que saíamos. Estava acostumado a me aproximar de tomar o café da manhã contigo com freqüência, porque sempre as fazia em casa.

—Sim —a lembrança entristeceu ao Josette. Nnaquele tempo, naquele tempo, tinha pensado que tinham um futuro juntos.

—foi um comentário estúpido —murmurou ele—. Não era minha intenção evocar lembranças desagradáveis.

—Não todos são desagradáveis —comentou Josette—. Vamos, sente-se e prova uma antes de que se esfriem.

Ambos se sentaram e começaram a comer. Não obstante, Brannon viu que ela logo que provava um bocado de frango.

—Não tem fome?

—Não muita. Ainda tenho o estômago algo revoltado. Espero que as bolachas estejam boas —acrescentou Josette—. Tive que as amassar com uma só mão.

Ele mordiscou uma.

—Estão deliciosas.

Ela sorriu.

—Me alegro. É feliz agora que tornaste com os Rangers? —inquiriu trocando de tema.

—Adoro os Rangers —respondeu—. Suponho que seguirei trabalhando com eles até que possa me aposentar com uma pensão. Mas ainda terei o rancho. Me contribui com bons benefícios. Destino as lucros à compra de mais ganho e maquinaria, e o que fica invisto. De fato, acredito que posso me permitir o luxo de deixar de trabalhar quando queira.

Josette sorriu.

—Você não está feito para ficar sentado em um rancho e ver como outros trabalham.

—Tem razão. Ao menos, toma um pouco mais de suco —a animou Brannon ao ver que fazia gesto de levantar-se—. E não se preocupe pelos pratos. São minha coisa. E amanhã de noite, cozinharei eu.

—Sabe cozinhar? —inquiriu Josette.

—Não sou nenhum gourmet, mas faço uns cilindros de carne estupendos.

—Meus favoritos! —exclamou ela.

—Sempre que comíamos fora pedia cilindro de carne. Não o esqueci.

—eu adoro.

—Cilindro de carne e bolo de pêssego —murmurou Brannon sorrindo enquanto recordava—. E crepés e doces de chocolate —seu sorriso se desvaneceu—. Oxalá pudéssemos voltar atrás no tempo. cometi muitos enganos. Não sei se alguma vez poderei expiá-los.

Josette fugiu seus olhos.

—O passado é melhor deixá-lo atrás. O que tem descoberto a respeito dos York?

Brannon o contou tudo, incluído o fato de que York tinha sido o nervoso pastor do funeral de lhe Dê Jennings.

—Acreditei que estava tão nervoso porque seria novato! —exclamou ela—. O que estaria fazendo ali?

—Provavelmente —disse Brannon sem rodeios —jogando uma olhada a seu seguinte branco.

CAPÍTULO 10

Josette sentiu que o coração lhe dava um tombo.

—Crie que ele assassinou a lhe Dê? —inquiriu.

—Não sei. É possível. Mas que relação podia ter Jennings com os York, ou com o Jake Marsh? Participariam com ele em algum plano de chantagem? Ou estão conchabados com alguma outra pessoa? face às investigações que temos feito, ainda ficam muitas perguntas sem resposta.

—Sei —Josette o olhou com preocupação—. Embora York está agora sob custódia. Já não pode fazer machuco a ninguém.

—York é igual a Marsh. Escorregadio. Já escapou antes da justiça. Certamente, teria um bilhete preparados de avião e documentos falsos para fugir, depois de ter eliminado ao objetivo. Ou objetivos —Brannon fez Este careta condenado caso é como um poço sem fundo. Por cada centímetro que descende, descobre que ainda ficam vários metros mais que investigar. Alguém tem muito que perder, e está disposto a assassinar a quem faz falta para manter seu segredo.

—Pode que a senhora Jennings corra perigo. Ao fim e ao cabo, atentaram uma vez contra ela. Possivelmente York já não possa ameaçá-la, mas sim algum outro.

Brannon observou ao Josette com olhos entreabridos.

—Não deveria te haver esforçado tanto —disse brandamente—. te Deite. Eu recolherei tudo isto.

—Sinto-me um poquinho enjoada —reconheceu ela fracamente enquanto se levantava—. Amanhã estarei melhor.

Voltou para quarto e se deixou cair pesadamente na cama, débil e tremente. Um minuto mais tarde, Brannon entrou no quarto e lhe aconteceu a parte superior de um pijama. Era novo, e parecia sem estrear.

—Sempre tenho um se por acaso me disparam e tenho que ir ao hospital —murmurou ele cinicamente—, Nunca uso pijama.

Josette se ruborizou, olhando o objeto, que provavelmente lhe chegaria até os joelhos.

—Porei-me a parte de abaixo enquanto está aqui —acrescentou—. Amanhã irei a seu hotel e te trarei um pouco de roupa.

—Obrigado.

—Não há de que. Tenta dormir um pouco. boa noite.

—boa noite.

Brannon fechou a porta. Ela ficou o pijama e se meteu debaixo dos lençóis. Poucos minutos depois, ficou dormida. Mas seu sonho não durou muito. despertou em plena noite, ardendo de febre e aterrada.

Brannon abriu a porta e se aproximou da cama, lhe apalpando a frente com a mão.

—Está ardendo! —sussurrou com voz rouca.

Acendeu a lamparina de noite e, seguidamente, foi ao quarto de banho a empapar uma toalha. Esfregou-lhe com ela a frente e as mãos cuidadosamente, depois de lhe dar um analgésico para baixar a febre. Finalmente, temendo deixá-la só no quarto, meteu-se junto ao Josette debaixo dos lençóis e a atraiu para si, abraçando-a enquanto tiritava pela febre.

—OH, Marc —sussurrou Josette em seu delírio —por que foi?

Brannon apertou os dentes enquanto ela revivia aquela última e desastrosa entrevista que tinha posto fim a sua relação. Josette seguiu chorando e tremendo até que o analgésico fez efeito. Então, ficou dormida, com as bochechas banhadas em lágrimas.

Quando despertou, Brannon já estava levantado e vestido. Josette nem sequer sabia que tinha passado com ela toda a noite. Mas, pela manhã, continuava sem sentir-se bem. O braço lhe palpitava e seguia tendo um pouco de febre. Brannon não se separou de seu lado em todo o dia. Fez-lhe de comer, ajudou-a a banhar-se e lhe deu os remédios, e finalmente, já de noite, acomodou-a na cama, tombando-se junto a ela e recostando sua cabeça sobre seu peito.

—Imagino que lhe terão disparado —disse Josette cansadamente quando a dor começou a remeter um pouco.

—Duas vezes —respondeu ele—. Uma na perna e outra no ombro.

—Quem cuidou de ti? —inquiriu ela com ar ausente.

Houve uma pausa.

—Arrumei-me isso sozinho —respondeu Brannon. Gretchen não se inteirou?

—Prefiro não desgostar a minha irmã com estas coisas —respondeu ele rigidamente—. Além disso, já tinha muitas responsabilidades, cuidando do rancho e de minha mãe. Gretchen passou muito com o câncer de minha mãe. Por isso, quando esta morreu, foi de férias ao estrangeiro, onde conheceu seu marido.

—Sempre me tem cansado bem Gretchen —Josette suspirou.

—Você a ela também.

—Como está o capanga?

Brannon emitiu uma risita, surpreso pela súbita mudança de tema.

—Em uma habitação do hospital, fortemente custodiado. Grier o está submetendo a um implacável interrogatório. Não quereria a esse tipo como inimigo.

—Ainda não o conheço.

—Não te perde grande coisa. Provavelmente leva uma placa costurada nas cueca e uma tatuagem no traseiro.

—Embora não uma placa do Ranger —murmurou Josette sonolenta.

—Essas são difíceis de conseguir. Mas, em realidade, Grier teve uma até faz dois anos.

Ela fechou os olhos.

—Amanhã estarei melhor

Brannon lhe alisou o despenteado cabelo, desfrutando com seu aroma de rosas.

—Volta a dormir —lhe disse brandamente.

Josette notou que ele se movia, e o agarrou pela camisa.

—Não vá —sussurrou, muito fraco para fingir que não lhe importava ficar sozinha.

relaxou-se sobre o peito do Brannon e voltou a dormir. E, como lhe ocorreu a noite anterior, enquanto ela jazia entre seus braços na escuridão, ele teve que combater uma ansiedade que não tinha minguido no transcurso daqueles dois anos. Solo quando a primeira luz do alvorecer penetrou pela janela, Brannon a sotaque para ir-se a sua cama. Era melhor que Josette não soubesse que tinha passado toda a noite com ela.

Ao dia seguinte, Josette se levantou antes que Brannon. Quando este saiu de seu quarto, encontrou-a na cozinha, preparando o café da manhã.

—Acreditei te haver dito que ficasse na cama —comentou aproximando-se dela.

Josette tentou ficar olhando-o. Tinha o ondulado cabelo castanho despenteado, e seu peito nu resultava incrivelmente sexy. Ela já tinha visto antes aquele peito, musculoso e salpicado de um pêlo negro que se perdia pela cintura de seu jeans. E o havia meio doido e beijado...

Josette se ruborizou, apartando os olhos.

—Estou muito melhor —disse—. Me dói um pouco, mas posso suportá-lo. Parece que já não tenho febre.

—Seriamente? —aproximou-se dela e lhe colocou uma mão na bochecha.

Josette notou que o coração lhe parava. Ele notou a súbita aceleração de seu pulso. A camisa que levava posta parecia palpitar com a força de seus batimentos do coração.

Brannon estendeu os dedos sobre sua bochecha e, utilizando o polegar, acariciou-lhe os carnudos lábios, sensibilizando-os em meio de um silêncio quebrado unicamente pelo vaio do toucinho que se fritava na frigideira.

—O toucinho —disse ela ahogadamente.

Brannon a olhou aos olhos com fixidez durante um segundo, antes de baixar a mão e ir até a mesa. O impacto daqueles olhos, suaves e escuros, causou-lhe dor. O não lhe tinha feito mais que machuco no passado, mas ela seguia desejando-o. perguntou-se o que diria Josette se soubesse com quanta ansiedade suas mãos tinham percorrido o peito dele, enquanto dormia entre seus braços durante as duas noites anteriores.

Com mãos trementes, Josette utilizou uma paleta para colocar o toucinho em uma bandeja, que logo depositou na mesa, junto aos ovos mexidos que tinha preparado previamente.

—Quero voltar para trabalho hoje —disse enquanto servia o café.

—Nem pensar.

Ela o olhou com agressividade.

—Não me pagam para que fique metida na cama...!

—Tem direito a uns dias de baixa, como qualquer outro empregado do governo —repôs Brannon enquanto lubrificava manteiga em uma bolacha—. Arrumado a que não livraste nem um só dia desde que trabalha no escritório do Simon —acrescentou olhando-a aos olhos.

Josette retirou o olhar e tomou uma bolacha.

—Nunca me ponho doente.

—Nem eu, pelo general, mas recebeste um disparo. Hoje ficará em casa —adicionou Brannon, lhe arrebatando impacientemente a bolacha que tentava lubrificar de manteiga com uma só mão, e lubrificando-a ele mesmo.

Ela voltou a tomar a bolacha quando Brannon a ofereceu.

—Está bem —assentiu escuetamente—. Um dia mais. Só um.

—Já veremos.

Josette se fixou em seu peito, e retirou o olhar rapidamente, Não era excessivamente musculoso, mas sim fornido e forte.

Brannon se terminou o toucinho e os ovos mexidos, e se reclinou na cadeira com a taça de café na mão, observando seu intento de não lhe olhar o peito. Fez-lhe graça que seguisse sendo tão tímida.

—Você também poderia te tirar a camisa —comentou enquanto sorvia o café—. Assim poderíamos comparar feridas.

—Você já viu a minha —assinalou ela, tratando de não reagir.

—E muito mais —acrescentou Brannon com um sorriso travesso.

Josette se ruborizou, e esteve a ponto de derramar o café.

—Já é suficiente, Brannon.

—Outra vez com essas, né? Talvez pensa que não nos conhecemos o bastante para nos chamar por nosso nome de pilha.

Ela soltou a taça e se limpou a boca com o guardanapo.

—Dado que não me deixa sair, voltarei a me deitar.

Brannon se levantou, lhe bloqueando o passo. Suas mãos, grandes e cálidas, tomaram seu rosto e a obrigaram a olhá-lo aos olhos.

—Segue ressentida pela forma em que te deixei.

—Sim, bom, algumas lembranças são mais vívidas que outros —a voz do Josette soava estranha. O contato daquelas mãos robustas em suas bochechas fazia que se derretesse por dentro.

—No julgamento, declarei em favor do menino me apoiando em suas afirmações e no relatório do médico. Como crie que me senti quando compreendi que aquela noite dizia a verdade?

Josette procurou seus olhos.

—Disso faz muito tempo.

—Para mim, não. Cometi um engano, Um engano terrível. Em vez de receber apoio, compreensão e justiça, foi tratada como se você tivesse cometido o delito. Isso te marcou. Ainda leva as feridas. Umas feridas que não são tão fáceis de tratar como a de seu braço.

O olhar do Josette descendeu até seu peito.

—Posso viver com minhas cicatrizes.

—Bom, pois eu não —disse Brannon tajantemente. Seus olhos brilhavam como dois pontos de prata iluminados pelo sol—. Não posso as suportar! Veste como uma solteirona. Não sai com ninguém... Sim, sei —acrescentou quando ela elevou os olhos, surpreendida—. Me há isso dito Simon. Diz que não deixa que nenhum homem se aproxima de ti. E tudo é minha culpa, Josette. Culpa minha!

Ela fechou os olhos. Quase tudo era certo, disse-se. negou-se a pensar no passado. Mas o passado e o presente estavam entrelaçados, formando um círculo interminável.

As cálidas mãos do Brannon baixaram até sua cintura.

—Não podia suportá-lo, por isso deixei os Rangers e ingressei no FBI. Mas nem sequer isso resultou. As lembranças seguiram me atormentando —acariciou brandamente a pequena cintura dela—. Gretchen me disse que não me culpava.

Ela observou seu duro semblante, surpreendida pela indecisão que se refletia nele.

—É certo —disse—. Mas eu acreditei que você me guardava rancor por ter acusado ao Bib Webb da morte do senhor Garner. Pensei que, depois daquilo, não quereria lombriga nunca mais...

—Deus santo —Brannon a atraiu para se, abraçando-a tão meigamente como pôde. Percorreu com os lábios a suave superfície de seu cabelo—. Estou acostumado a ter diferenças de opinião com muita gente, mas isso não me incita a deixar meu trabalho e ir do estado.

Josette sorriu para se,

—Terei-o em conta.

—Fui porque sabia que te tinha julgado mau. Apesar de nossa relação, ainda tinha minhas dúvidas —confessou Brannon—. Se foi uma mulher capaz de acusar a um menino inocente de violação... Enfim, era uma questão de confiança. Sou desconfiado por natureza. E, tendo em conta seu passado, ou o que eu acreditava que era seu passado, fui muito receoso. E logo, aquela noite, perdi a cabeça por completo —fechou os olhos—. depois de te deixar, dava voltas com o carro durante horas, tratando de aceitar que me tinha equivocado,

Josette o olhou aos olhos.

—Sempre estaremos em bandos opostos, Brannon —disse sem sorrir—. Não confia em outros. Nem eu tampouco. Já não.

—Ao menos, demonstrou-se sua inocência quando esse canalha morreu fugindo da polícia, depois de violar e quase estrangular a essa mulher de Vitória —disse Brannon, tentando ver o lado bom do acontecido.

—Não é que já importasse muito —respondeu Josette—. Tenho um bom emprego, colegas amáveis e uma carreira prometedora.

O entrecerró os olhos.

—E o que me diz de iniciar uma família? De ter filhos?

Josette se girou.

—Não quero me casar.

De repente, Brannon o compreendeu tudo. Uma mulher como ela, com seu trágico passado, entregou-se a ele por completo aquela noite fatídica. Não teria sido capaz de deitar-se com nenhum homem depois de suas terríveis experiências. Se se entregou ao Brannon aquela noite, foi porque o amava. Era a única explicação possível.

Josette o amava. E ele, ao descobrir que era virgem, surpreendeu-se tanto que se separou dela como se fora uma leprosa. Logo a levou a sua casa e, excetuando a torpe chamada Telefónica que lhe fez aquela mesma noite_ para ver como estava, não voltou a lhe dirigir a palavra nunca mais.

Brannon se meteu as mãos nos bolsos dos jeans, com o semblante mais grave que nunca.

—Poderíamos ter resolvido muitos problemas aquela noite, se tivéssemos sido sinceros o um com o outro.

Ela desviou o olhar.

—Senti-me envergonhada.

A mandíbula do Brannon se esticou.

—Não até que eu parei —murmurou em tom culpado.

Josette se ruborizou e saiu ao corredor.

—Não penso discutir contigo! —rugiu—. Estou doída. me deixe em paz!

Brannon a seguiu até o dormitório.

Não vais fugir esta vez —disse aproximando-se dela—. Nunca mais.

Josette elevou ambas as mãos, fazendo uma careta ao sentir uma espetada no braço esquerdo.

—Tola —murmurou ele enquanto a atraía para seu peito nu—. É vulnerável.

—Não quero que me abrace! —exclamou ela furiosa.

—É curioso, porque estas duas últimas noites dormiste abraçada a mim.

—O que? —Josette o olhou.

O lhe apartou o comprido e terso cabelo da bochecha.

—Se eu tivesse recebido um disparo e estivesse ardendo de febre, teria-me deixado dormindo sozinho em outra habitação?

—É obvio que não —respondeu ela sem pensar.

—Pois isso.

—Mas teria sido algo impessoal.

—E foi quase impessoal.

—Quase?

Brannon lhe deslizou as gemas dos dedos pelo pescoço, lhe provocando calafrios.

—Para um homem é difícil ver as coisas de forma impessoal quando a tem dura como uma pedra.

Josette não dava crédito ao que ouvia. Seus olhos se abriram como pratos.

—Considerarei-o como uma penitência —murmurou ele—. Não deixava de me acariciar o peito e de sussurrar quanto me desejava. Só sou humano, Josie.

—Eu nunca...! —exclamou ela, horrorizada.

Brannon arqueou uma sobrancelha e sorriu lentamente. Resultava endiadladamente atrativo quando fazia isso.

—Não, é certo, mas estive toda a noite fantasiando com que o fizesse —se encolheu de ombros—. Faz muito que não estou com uma mulher. Excito-me facilmente quando levo tanto tempo de abstinência.

Ela o olhou aos olhos fixamente, fascinada.

Brannon viu neles a pergunta que Josette não se atrevia a formular. Acariciou-lhe os lábios com a boca, entreabrindo-os brandamente.

—Dois anos —sussurrou—. Levo dois anos sem me deitar com ninguém, Josie. Desde aquela noite em que perdi a cabeça contigo.

Enquanto ela tentava assimilar o que ouvia, Brannon deslizou uma mão no interior de sua camisa. Acariciou-lhe um seio com os dedos enquanto seguia brincando com sua boca, lhe mordiscando o lábio superior, lhe beliscando com suavidade um mamilo. Brannon notou que o corpo do Josette se esticava, ouviu o suave e atônito ofego que emitia contra sua boca.

—Sim —murmurou enquanto devorava avidamente seus lábios. Conforme seguia beijando-a, abriu-lhe a camisa e logo se retirou um pouco para tirar-lhe deixando seus seios, pequenos mas formosos, ao descoberto—. Nem sequer em meus sonhos é tão bela —murmurou.

Logo se inclinou, e Josette sentiu como sua boca descendia com delicadeza até os mamilos.

estremeceu-se.

O elevou a cabeça um milímetro.

—Não vou morder te —sussurrou—. Sozinho quero te saborear.

Ela sentiu como sua língua lambia o duro mamilo, e arqueou as costas, experimentando um ardente calor no abdômen e uma súbita umidade mais abaixo. Enterrou suas mãos trementes no encaracolado cabelo do Brannon.

Ele tentou lhe desabotoar as calças com a mão livre, mas ela o deteve lhe agarrando a boneca. Brannon suspirou contra seu seio, mas não insistiu. Segundos depois, elevou a cabeça e atraiu a nudez do Josette contra a sua própria, lhe fazendo sentir o contato do pêlo de seu peito sobre os sensíveis mamilos, enquanto a olhava aos olhos.

—Ainda não te tem feito essa operação —conjeturou.

Ela tragou saliva, tentando recuperar o fôlego.

—Já lhe hei isso dito... e lhe repito isso. Não tenho relações com homens —viu que os olhos do Brannon brilhavam de desejo. O pulso lhe pulsava com força no pescoço. Seu corpo permanecia rígido—. Sim, sei, vivo na Idade Média.

—A castidade não é algo pelo que deva te desculpar —disse ele com calma, observando-a—. Eu a respeito.

Josette baixou o olhar até seus seios nus, apertados contra o peito dele.

—Claro, já o vejo.

Brannon sorriu brandamente.

—Estes são jogos preliminares —disse em tom amável e provocador—. Perfeitamente plausíveis, inclusive entre a gente mais devota.

As mãos do Josette se posaram em seu amplo peito.

—me solte.

Ele assim o fez, lentamente e com visível desinteressa, Logo voltou a lhe fechar a camisa, depois de dirigir uma última e largo olhar a seus peitos.

—Nem sequer uma estátua grega poderia comparar-se contigo —murmurou enquanto lhe grampeava os botões—. Tem os seios mais bonitos que vi jamais.

—Não deveria me dizer essas coisas —respondeu Josette sobressaltada.

—Pois você me pode dizer isso quando gostar.

—Você não tem seios.

Uma sonrisita lenta e travessa arqueou os lábios do Brannon.

—Mas tenho outras coisas...

Josette o empurrou com força.

—Já basta!

O se pôs-se a rir. Tomou em braços com facilidade e a levou até a cama, inclinando-se para contemplar seu zangado semblante.

—Poderia me perguntar por que faz dois ânus que não tenho relações sexuais.

—Por... o que?

Ele a olhou aos olhos.

—Acredito que sabe, Josie —disse antes de incorporar-se e sair do dormitório. Poucos minutos depois, despediu-se dela em voz alta enquanto fechava a porta principal. Josette seguia sentada na cama, tratando de decifrar aquele críptico comentário. Não estava mais perto de resolvê-lo quando voltou a ficar dormida.

CAPÍTULO 11

Quando Brannon voltou, trazia consigo a maleta do Josette e alguma de sua roupa. mostrou-se amável e educado, mas completamente distante. Josette se perguntou se lamentaria o acontecido poucas horas antes. Não teve ocasião de perguntar-lhe porque voltou a partir detrás lhe deixar suas coisas.

Ao final do dia, quando Brannon retornou do trabalho, encontrou ao Josette falando por telefone, com suas notas disseminadas sobre a cama e uma caderneta e uma caneta ao lado. trocou-se de roupa. Levava uma calça de moletom cinza e um folgado pulôver de manga larga e pescoço voltado, e o cabelo recolhido em um pulcro acréscimo.

Elevou a cabeça para olhá-lo enquanto falava, sentindo curiosidade pela estranha expressão de seu semblante enquanto se dirigia à cozinha.

Quando acabou de falar, Josette pendurou o telefone, recolheu sua caderneta e foi reunir-se com ele.

Brannon estava preparando uns sândwiches.

—Presunto, queijo ou salami? —perguntou-lhe.

—Preparei-me uma salada pouco antes de que chegasse —explicou ela—. É o que estou acostumado a tirar de jantar.

Ele assentiu e seguiu com o que estava fazendo.

—estive selecionando algumas pistas —seguiu dizendo Josette—. Simon conseguiu que Phil voltasse do FBI, de modo que chamei o Phil para lhe pedir que investigasse os antecedentes da Sandra Gates. Logo telefonei a ajudante do fiscal para lhe comentar como vai a investigação. Porá a seu perito em delitos informáticos em contato com o Phil. Esse perito é Grier, suponho.

Brannon assentiu de novo.

—Está-me escutando? —inquiriu ela, exasperada.

O acabou de preparar os sândwiches e os colocou em um prato antes de olhá-la. Seus olhos refletiam uma dureza que Josette não tinha visto em muito tempo.

—É uma declaração de intenções? —perguntou, assinalando com o queixo a roupa que levava posta.

—Uma declaração de intenções? —inquiriu Josette desconcertada.

—Vai vestida como uma vagabunda —respondeu Brannon—. Com roupa tipicamente unissex.

—E o que queria? —repôs ela acalorada—. Que te esperasse com um salto de cama transparente, e me pusesse a ofegar ao verte entrar pela porta?

Ele entreabriu os olhos.

—Não —respondeu com calma.

—Então, o que acontece?

—Não consegue esquecê-lo, verdade, Josie? —disse Brannon em tom suave e cauteloso—. Não fará nada que possa me incitar... Nem sequer te deixar o cabelo solto.

Ela cravou os olhos nas notas que tinha na mão. Instantes depois, elevou a vista para olhá-lo de novo. Não conseguiu articular palavra. A dor resultava bem patente em seus olhos negros.

—Ainda te falta confiança, verdade? —prosseguiu ele—. Segue me vendo como o homem que te deixou sem te dar nenhuma explicação.

—Suponho que isso é certo —respondeu Josette—. Embora não se trata unicamente de confiança. Você me deseja, mas isso solo. Não necessita uma mulher em sua vida, Marc. É uma pessoa auto-suficiente. Solitária por natureza —se encolheu de ombros—. Eu também o sou, em realidade. Eu gosto de estar sozinha, dispor de meu próprio espaço, não ter que responder ante ninguém. Não... não quero trocar de vida agora. Acostumei às coisas tal como estão.

—O que sabe de mim?

Era uma pergunta curiosa. Josette não acabava de entendê-la.

—Nasceu no Jacobsville. foste Ranger do Texas dos vinte e seis anos, excetuando o tempo que estive com o FBI. Tem trinta e três anos, e sua irmã está casada com um chefe de Estado estrangeiro.

—Quão único conhece são detalhes externos —Brannon se serve café antes de seguir falando—. Que classe de música eu gosto? Que livros leio? Quais são minhas afeições? O que quero fazer durante o resto de minha vida?

Ela poderia ter respondido aquelas perguntas, pois conhecia a maioria das respostas. Mas não pensava arriscar-se a sofrer outro rechaço. Não confiava nele.

—Não sei —se limitou a dizer.

—Exato. Nem quer sabê-lo —Brannon a observou durante compridos instantes—. Te trai uma vez e não consegue esquecê-lo.

—Traiu-me duas vezes —repôs Josette.

Ele arqueou as sobrancelhas.

—Duas vezes?

—Vendeu-me ao fiscal no julgamento de lhe Dê.

—Não é verdade. Já te disse que foi Bib quem lhe deu essa informação, sem meu conhecimento.

—Mas você contou ao Bib todo a respeito de meu passado.

Brannon não pôde negá-lo.

—Sim, o contei —respondeu—. E quando soube o que Bib fazia, disse-lhe a verdade. Ele se desgostou tanto como eu, mas já era tarde para trocar o acontecido.

—Já não tem importância, Brannon —disse Josette dando-se meia volta—. Voltemos a ser simples colegas e não compliquemos mais o assunto. De todos os modos, seguro que pode ter a todas as mulheres que queira.

ouviu-se um forte golpe seco atrás dela, como se ele acabasse de dar um murro na mesa. Josette não se voltou. Seguiu caminhando em direção ao dormitório. Uma vez ali, soltou a caderneta, desprende o telefone e continuou trabalhando no caso.

A partir de então, Brannon e ela voltaram a ser inimigos. tratavam-se com educação e cordialidade, mas nada mais. Ao dia seguinte, Josette retornou ao hotel, agradecendo ao Brannon que tivesse cuidado dela. Um agradecimento que ele logo que escutou.

Dois dias mais tarde, depois de tentar telefonar à senhora Jennings, sem obter notícias dela nem do guarda-costas contratado para protegê-la, Josette subiu em seu carro alugado e conduziu até o Elmendorf, sem avisar ao Brannon.

Ao chegar ao apartamento da anciã, bateu na porta, mas não houve resposta. Josette decidiu aproximar-se do apartamento do lado, onde vivia a senhora Danton, que tão amavelmente tinha acessado a tomar recados para a senhora Jennings enquanto instalavam a esta o telefone.

—Não, não a vi desde antes de ontem —explicou a senhora Danton com o cenho franzido—. Mas ontem recebeu visita —se apressou a acrescentar—. Um homem e uma mulher muito bem vestidos, com um luxuoso carro negro. Ela tinha posto um chapéu com véu. Era loira, muito atrativa.

—Quanto tempo estiveram aqui? —perguntou Josette com inquietação.

—Não muito. Uma hora, possivelmente. Saíram, subiram no carro e se foram. Supus que possivelmente eram parentes deles, posto que se levaram algumas de suas coisas.

—Que coisas?

—Uma pequena caixa de madeira, parecida com uma caixa de puros, e uma espécie de livro. Uma Bíblia, talvez. O homem levava um cigarro na mão, mas não fumava. Esmagou-o no chão do caminho de entrada com o sapato, pouco antes de partir. E que sapatos tão elegantes. Negros, desses com a ponteira imersão.

Josette começou a intranquilizar-se seriamente Foi ao caminho de entrada, situado diante da casa, e viu o cigarro esmagado. Cautelosamente, tirou um lenço e o recolheu, envolvendo-o com cuidado e guardando-o em sua maleta. Seguidamente, deixou a maleta no carro, além disso da bolsa, e recolheu o telefone móvel, que se guardou no bolso.

Logo voltou para apartamento da senhora Jennings, acompanhada da vizinha, e apareço pelas cortinas. Não se via nada. Foi até a porta traseira e acertou a ver a cozinha através do cristal, mas não havia ninguém ali, e as luzes estavam apagadas. Josette encontrou, entretanto, uma janela entreaberta, e o aroma que saía pela abertura era inconfundível.

Josette ativou o telefone e marcou o numero dos serviços de urgências, assim como o da patrulha do xerife que vigiava aquela zona, lhes pedindo que enviassem não só uma ambulância, mas também uma equipe de investigação criminal. Logo chamou o Brannon. Não estava na delegacia de polícia, mas conseguiu que lhe remetessem a mensagem.

—Acredita que lhe aconteceu algo, verdade? —perguntou nervosamente a senhora Danton.

—Vá-se a casa —disse Josette amavelmente—. Lhe agradeço sua ajuda, mas não fará falta que esteja aqui quando entrarmos.

A anciã fez uma careta. girou-se, com os braços cruzados sobre o peito, e retornou a seu apartamento.

Josette esperou fora até que chegaram a ambulância e um carro do xerife conduzido por um jovem agente.

—Um aroma inconfundível sai do apartamento —explicou ao agente depois de apresentar-se—. Acredito que provavelmente morreu. Estava relacionada com um caso no que estou trabalhando, com a colaboração de um Ranger do Texas e o escritório do fiscal. Se a senhora Jennings tiver morrido, trata-se certamente de um assassinato.

—Está segura? —inquiriu o jovem, algo dubio.

—Absolutamente —respondeu Josette.

Tiveram que forçar a porta principal. Um forte fedor os assaltou assim que a abriram. Não demoraram para encontrar à senhora Jennings. Estava tombada de barriga para cima junto à porta da cozinha, com os olhos abertos e marcas redondas de queimaduras nos tornozelos e as bonecas. Havia um pequeno buraco de bala no talhe de seu vestido de algodão.

Encontraram ao guarda-costas encerrado em um armário, maniatado e amordaçado, mas ileso. Entretanto, não pôde contribuir nenhuma informação de valor, pois o tinham nocauteado pelas costas e não chegou a lhes ver a cara aos agressores.

Ao cabo de uns minutos, ouviu-se um chiado de freios no exterior. Josette saiu a tempo de ver como Brannon desembarcava de seu carro, seguido de outro veículo conduzido pela Alice Jones, do escritório do forense.

Josette assentiu ao Brannon e esperou a Alice.

—Agora trabalha em homicídios, Langley? —brincou Alice enquanto subia as escadas.

—E você segue dissecionando gente, suponho.

Alice se pôs-se a rir e a abraçou.

—Dá para comer.

Os três entraram no apartamento. Tinham-no destroçado por completo. Era como se um tomado tivesse varrido as habitações escassamente mobiliadas. Todos os móveis da anciã tinham sido registrados e esvaziados. E ali, no meio do caos, jazia o cadáver, agora talher com um lençol.

Josette recordou o muito que a senhora Jennings tinha querido a seu filho, a dor que tinha sentido com sua morte. Possivelmente agora ambos voltavam a estar juntos.

Brannon e Josette se achavam fora, com o agente e dois investigadores do departamento do xerife, ajudando a manter afastados aos curiosos, quando Alice Jones saiu e os levou à parte.

—Receberão um relatório completo quando lhe tivermos feito a autópsia —lhes disse—. Mas posso lhes adiantar que leva morta umas vinte e quatro horas, provavelmente, e que a torturaram antes de lhe disparar.

—Queimaduras de cigarro —aventurou Josette.

—Exato.

—Espera um momento, Alice —lhe disse Josette por cima do ombro enquanto ia ao carro em busca da maleta. Extraiu um lenço e o desdobrou—. Encontrei isto no caminho de entrada.

—Né, Bill! —Alice chamou um dos técnicos—. Vêem recolher isto!

O técnico saiu do apartamento, com as mãos embainhadas em luvas descartáveis. Enquanto os tirava, observou a bituca que Josette estava mostrando. Josette explicou onde a tinha encontrado e deu a descrição do casal que visitou a senhora Jennings, acrescentando o nome da vizinha que lhe tinha proporcionado a informação.

—Não é seguro —disse Alice em tom profissional—, mas, em sete por cento dos casos, podemos obter um perfil de DNA a partir de rastros de saliva. Cruzem os dedos.

—Cruzados estão. Bom trabalho, Josie —disse Brannon.

—Sorte —respondeu Josette—. Pura sorte. Se a vizinha não me houvesse dito nada, jamais me teria fixado no cigarro. Dei-me conta de outra coisa. Não é uma marca de cigarros habitual.

—Vi-o —Brannon parecia furioso—. Quero que essa gentinha vá ao cárcere. Faz falta ser muito retorcido para torturar a uma anciã dessa forma!

—Segundo a vizinha, levaram-se uma caixa pequena e um livro, possivelmente uma Bíblia, do apartamento. A senhora Jennings sabia algo. Mas nunca saberemos o que.

—Tenho mais notícias —disse Brannon—. York nocauteou a um zelador e burlou ao agente que o custodiava no hospital.

—OH, estupendo! —murmurou Josette—. O que nos faltava, um capanga rondando por aí, e um possível objetivo, cuja identidade desconhecemos, em perigo —olhou de soslaio para o apartamento—. Não suporá que...?

—A descrição que deu a vizinha desse homem não encaixa com a dos York —disse Brannon. Entrecerró os olhos—. Mas consultei os arquivos. Jake Marsh sempre leva sapatos de ponteira imersão.

—Tem mulher ou noiva? —inquiriu Josette.

Brannon arqueou uma sobrancelha.

—ouvi dizer que tem duas algemas —murmurou—. Mas ninguém pôde demonstrá-lo.

—A senhora Danton disse que o acompanhava uma loira muito atrativa, com um elegante chapéu com véu —seguiu dizendo Josette.

—Não é uma pista muito reveladora.

—Já. Sei —Josette fez uma careta—. Suponho que alguém lhe terá comunicado ao pobre senhor Holliman a morte de sua irmã.

—Ainda não —respondeu—. pensei que devíamos lhe dar a notícia nós pessoalmente, porque já o conhecemos.

—Fixou-te em que esvaziaram todas as gavetas? —perguntou Josette enquanto Brannon e ela se dirigiam ao rancho do senhor Holliman.

—Sim.

—Isso quer dizer que o que estavam procurando, fora o que fosse, era o bastante pequeno para caber em uma gaveta.

Brannon assentiu lentamente.

—Boa dedução.

—Sou uma investigadora treinada —disse ela arrastando a voz.

—E isso é o único que lhe pede à vida, verdade? —inquiriu Brannon—. Trabalhar até que tenha idade suficiente para te aposentar?

Josette franziu o cenho.

—Tem isso algo de mau?

—Antes você adorava os meninos —lhe recordou Brannon—. Recordo que os olhava ensoñadoramente enquanto jogavam, quando íamos almoçar ao parque.

—Não se pode ter filhos sem sexo —assinalou ela.

—Que direta.

—É a única linguagem que entende —respondeu Josette olhando o de reajo.

—E que problema tem com o sexo? É um componente fundamental da vida. Uma experiência formosa entre duas pessoas que se querem.

—Se estão casadas.

Brannon meneou a cabeça e riu brandamente.

—Deve ser a única mulher que conheço que pensa assim.

—Sempre tive minha própria forma de pensar, como você me recorda continuamente —disse Josette olhando pelo guichê.

—Se te operasse, poderia ter relações sexuais comigo.

Ela se reclinou no assento, fechando os olhos.

—E logo me deixaria pela seguinte conquista. Deseja-me somente porque não pode me ter.

Brannon riu.

—Isso tem graça.

Josette se girou para ele.

—por que?

Brannon enfiou o comprido caminho que conduzia ao rancho e a olhou um momento antes de acelerar.

—Porque poderia te haver tido quando queria faz dois anos —disse com calma.

—Isso...!

—Se for dizer «mentira», não esbanje saliva —a interrompeu ele—. Fui eu o que se tornou atrás aquela noite —lhe recordou—. Você me suplicava que não parasse.

Josette apertou os dentes.

—Basta! —gemeu.

—por que está tão envergonhada? —insistiu Brannon—. Somos duas Pessoas adultas, Josette. Não é nenhuma perversão fazer o amor.

Ela fechou os olhos, angustiada.

—Desfrutou de comigo. E eu desfrutei de contigo. Jamais me excitei tanto com uns escarcéus tão inocentes —acrescentou Brannon com delicadeza.

—Inocentes! —exclamou Josette, quase engasgando-se com a palavra.

—Sim, inocentes. Sinto o que ocorreu aquela noite, Josette. Sinto-o seriamente. Levava muito tempo te desejando. Estávamos sozinhos em meu apartamento, e você te mostrou tão receptiva que perdi o controle. Jamais me tinha ocorrido antes.

—OH.

—E não fui o único —acrescentou ele—. Você também perdeu o controle, Josie. Por isso não pode confrontar o que aconteceu. Desejava-me até tal ponto, que soluçava de puro desejo. Suplicou-me que não parasse. E eu me senti tão mal quando compreendi o que foi, o que tinha passado por minha culpa, que solo podia pensar em sair pela porta.

Brannon se deteve ante um sinal de stop e se girou para ela.

—Agravei meus enganos ao não te explicar por que ia. Consumia-me a vergonha pelo que te tinha feito. E por te haver abordado sexualmente, depois do que tinha ocorrido em seu passado. Teriam que me haver açoitado com um látigo.

—Mas não foi do todo tua culpa —disse Josette—. Eu lhe... —desviou o olhar e aferrou com força a maleta que tinha sobre as pernas—. Lhe...

—Desejava-me —disse Brannon por ela—. Não é uma palavra suja. O desejo sexual é o meio concebido Por Deus para perpetuar as espécies. Não é mau —alargou a mão e tomo fortemente a dela—. Aquela noite desejava desesperadamente te fazer o amor. Mas não como um cilindro de uma noite ou uma aventura passageira. Absolutamente —sorriu fracamente—. Cada vez me custava mais me separar de ti. Inclusive me resultava difícil voltar para minha casa, pelas noites —confessou—.

Procurei as desculpas mais absurdas para me encontrar contigo, no campus, na cidade, onde fora. Até comecei a ir a missa, para poder verte os domingos.

Josette o olhava surpreendida, com os olhos muito abertos.

—O que sentia por ti não era uma simples atração física —seguiu dizendo Brannon.

Ela titubeou.

—Não?

Ele entrelaçou seus dedos com os do Josette.

—Poses muitas qualidades maravilhosas, Josie —disse brandamente—. É generosa, tem um grande coração e aprecia a outros. É honesta, detesta as mentiras e jamais te arreda ante um trabalho porque este seja duro ou perigoso. E é a melhor companhia que tive jamais. Inclusive eu adorava ir ao parque contigo, ver como olhava a outros. Mas então não compreendia que o que sentia por ti era algo mais que puro desejo.

—Era... algo mais? —inquiriu ela com voz rouca.

—Você isso já sabe —respondeu Brannon—. Mas não te decide a confiar em meu, porque segue ancorada no passado. Enquanto não desterre de seu coração essa ira e esse ressentimento, não teremos esperanças de iniciar uma nova relação.

Josette se removeu incômoda no assento.

—Que classe de relação poderíamos ter?

Lhe acariciou a palma da mão com o polegar.

—A que você queira —respondeu abertamente—. Desejo ser seu amante. Isso já sabe. Mas me conformarei com o que queira me dar, embora solo seja amizade.

Os olhos do Josette se suavizaram, cheios de desconcerto e curiosidade.

—Não quero te pressionar —acrescentou Brannon—. Mas eu gostaria que nos conhecêssemos de novo.

Ela tragou saliva.

—Você vive no Santo Antonio. E eu vivo em Austin.

—Poderia trabalhar aqui, no escritório do fiscal —assinalou ele—. Sei que necessitam pessoal. O eu poderia me transladar a Vitória, e você solicitar um posto com o fiscal do Jacobs County e trabalhar no Jacobsville.

—Seria como um... compromisso.

Brannon assentiu.

—Sim. Um compromisso.

Josette exalou um suspiro.

—Y... o que esperaria de mim?

—Agora ou à larga?

—Agora.

Ele esboçou um sorriso.

—Uma acompanhante para a ópera, o balé e o teatro —disse—. Estávamos acostumados a compartilhar essas afeições.

O rosto do Josette se iluminou.

—Sim. Desfrutava de muito saindo contigo.

—E eu desfrutava simplesmente estando contigo —Brannon se levou a mão dela aos lábios e a beijou avidamente, lhe provocando um comichão—. Não tratarei de te seduzir —prometeu.

—Terei que pensar me disse isso Josette ao cabo de um minuto. Tinha o coração acelerado. Seu corpo transbordava de sensações, de esperança.

Brannon o viu na expressão de seus olhos e sorriu.

—Tome o tempo que necessite.

Soltou-lhe a mão e prosseguiu o caminho para o rancho do Holliman. Parecia um novo princípio, disse-se. Solo esperava não danificar as coisas essa vez.

CAPÍTULO 12

O senhor Holliman os esperava no desvencilhado apêndice quando detiveram o carro diante da casa. Sorriu, até que lhes viu as caras de perto.

—ocorreu algo, verdade? —perguntou inseguro, com expressão tensa.

—Sim. Lamento ter que lhe dizer que sua irmã foi assassinada —disse Brannon sem rodeios.

—Assassinada? —o ancião ficou olhando-os uns segundos, sem falar—. Como?

—De um tiro —respondeu Brannon sem entrar em detalhes—. Não sabemos quem o fez. Saquearam seu apartamento, de modo que pensamos que os agressores procuravam algo. levaram-se dois objetos, mas ignoramos se continham o que andavam procurando. Supomos que se tratava de algo que tinha pertencido a lhe Dê Jennings. Estamo-lo investigando.

O senhor Holliman se deixou cair pesadamente na cadeira de balanço do alpendre.

—Terei que me encarregar dos trâmites... —elevou o olhar—. Está no hospital? —inquiriu.

—Sim. O forense terá que lhe fazer a autópsia, e as provas passarão a um laboratório para ser analisadas. Uma vez acabada a autópsia, farão-se as gestões para que possa ser enterrada. Pode você chamar a Alice Jones, do escritório do forense. Lhe dirá todo o necessário.

—Farei-o. E chamarei à funerária —disse o ancião, erguendo a cabeça—. Não esperava ter que fazer frente a dois funerais em menos de uma semana —suspirou—. Agora sou o único que fica da família —murmurou com tristeza—. O único...

—Há algo que possamos fazer? —perguntou Josette, interrompendo-o amavelmente.

—Sim —os olhos aquosos do ancião brilharam—. Capturem ao assassino. Assegurem-se de que seja castigado. Porque seguro que quem matou a minha irmã assassinou também a meu sobrinho!

Brannon deixou ao Josette no escritório do fiscal. Ela abriu a portinhola do carro e se deteve, voltando-se para olhá-lo.

—estive pensando —disse—. E se Jennings tinha uma caixa de segurança?

Brannon assentiu lentamente.

—É possível. Comprovarei-o . Logo te chamo.

—De acordo.

—Uma coisa mais —acrescentou Brannon brandamente.

Josette arqueou as sobrancelhas, sorrindo.

Ele se inclinou para ela.

—Se se sentir mau, pede a alguém que te leve a meu piso e me telefone. Não quero que fique sozinha sob nenhum pretexto. Esse capanga segue solto.

referia-se aos York. Josette ficou olhando-o, com um estranho sorriso nos lábios. Brannon se mostrava muito protetor. E isso a ela não deveria lhe gostar de. Mas gostava.

—Está bem.

Fechou a portinhola do carro e logo, observou como se afastava, antes de entrar no escritório para informar de seus progressos. Por fim apresentaram ao Grier, quem a convidou a entrar em seu escritório.

Cash Grier tinha trinta e oito anos, era alto, de olhos negros, e levava o cabelo comprido recolhido em um acréscimo. Ia vestido com jeans, camiseta negra e botas. Era o perito em informática e, sem dúvida, conhecia seu trabalho, como pôde comprovar Josette ao cabo de uns minutos de conversação.

—Sandra Gates foi a responsável pelo traslado do Jennings a uma prisão estatal —declarou Grier—. rastreei todas as conexões que tem feito nestes últimos três meses, além de examinar sua conta bancária —acrescentou—. Por seus trabalhos de software cobra comissões fixas, de quatro cifras. Mas tem cinquenta mil dólares em sua conta de economia. Foram ingressados de repente, o mesmo dia em que Jennings morreu.

—Bingo! —exclamou Josette sorrindo—. Pode demonstrá-lo?

—Sim. De fato, reuni provas suficientes para solicitar uma ordem de arresto. Solo há uma pequena pega.

—Qual?

—voou que ninho —respondeu Grier, reclinando-se na cadeira, com seus olhos negros firmes e impaciente baixo as povoadas pestanas—. Tirou o dinheiro do banco, tomou um táxi e foi diretamente ao aeroporto. Seu colega, Phil Douglas, localizou-a na Argentina. Mas não podemos solicitar sua extradição.

— Ao menos, sabemos que está envolta em tudo isto —disse Josette.

—Sim, mas isso não nos serve para determinar sua relação com o assassinato do Jennings, ou com o Jake Marsh. Não teve contato com ninguém por Internet, excetuando os ordenadores nos que se introduziu para alterar o expediente do Jennings. Resultou-lhe fácil, porque o sistema informático da prisão tinha falhado, com a conseqüente perda de expedientes de alguns reclusos.

—Isso o explica.

—Eu gostaria de tomar um vôo a Argentina, colocar a essa mulher em um saco e trazer a de volta para interrogá-la.

—lhe peça ao fiscal um bilhete de avião — sugeriu Josette brincando.

—Já o fiz —Grier parecia absolutamente enojado—. Disse que podia me pôr na rua com uma lata e um letreiro para arrecadar o dinheiro necessário.

Josette se pôs-se a rir.

—Ainda ficam as conexões do Jennings com o Jake Marsh. Por desgrça, York, o capanga, escapou do hospital.

—Sim, inteirei-me —comentou Grier cruzando suas largas pernas—. Miúda mergulha por parte da polícia.

—Ninguém esperava que um homem com uma ferida de bala fosse capaz de caminhar.

Grier se fixou em seu braço em tipóia.

—A ti não parece que a ferida te tenha freado muito.

—De acordo. O caso é que York segue livre e não sabemos qual é seu próximo objetivo. Embora não acreditem que ele assassinasse à senhora Jennings. Uma vizinha descreveu ao suspeito, e disse que levava sapatos de ponteira imersão, quão mesmos está acostumado a usar Jake Marsh.

—Sim, e trajes de dois mil dólares —acrescentou Grier. levantou-se e tirou seu revólver de uma gaveta. Depois de certificar-se de que tinha o seguro jogado, o guardou na pistolera. Levava sua placa na parte dianteira do cinturão, observou Josette—. Tenho certo contato no vadiagem. Pelo general, sabe o que se coze nos baixos recursos. irei ver o.

—Posso te acompanhar?

Grier enrugou a frente.

—Para que?

—Conheço o caso do Jennings melhor que você —disse ela—. Posso lhe fazer perguntas que possivelmente a ti não lhe ocorreriam.

Grier pareceu absolutamente perplexo, e seus olhos brilharam de forma estranha.

—Serei discreta —insistiu Josette—. Pode lhe dizer que sou teu colega.

—Brannon sabe que virá comigo?

—Não tenho por que lhe informar de todos meus movimentos —asseguro Josette—. Além disso, não lhe importará.

Grier entrecerró os olhos.

—Brannon é muito especial no que respeita às mulheres. Ouvi-lhe falar de ti. Tem um temperamento quase tão mau como o meu, e prefiro não invadir seu território.

—É um assunto estritamente profissional. Trabalho no escritório do fiscal, igual a você. Não há nada pessoal em tudo isto. Bom, vamos?

Grier se encolheu de ombros e se apartou para deixá-la passar.

Conduzia um carro de polícia camuflado. Ao cabo de uns minutos de trajeto, deteve o veículo junto a uma sala de bilhar local. Josette esboçou uma sorrisita, mas Grier não o notou.

Havia dois homens junto a uma enorme mesa de bilhar, e outros três sentados em uma mesa próxima, jogando às cartas.

—Olá, Bartlett —saudou Grier à major dos dois homens. Logo lhe estreitou a mão—. Como vai isso?

—Nada mal, Grier —o homem olhou de soslaio à mulher que o acompanhava—. Agora te dedica a aleijar às mulheres?

—Não lhe disparei eu —respondeu Grier Jocosamente.

Bartlett emitiu uma gargalhada. Tinha uma voz rouca, própria de quem levava fumando muitos anos. Tossiu e voltou a concentrar-se na partida. Conseguiu colocar uma bola na fresta.

—Bom tiro —o felicitou Josette.

Bartlett a olhou com curiosidade.

—Joga você ao bilhar?

—um pouco —respondeu ela sorrindo—. Me ensinou uma companheira de universidade.

—Não acredito que agora possa jogar muito —disse Bartlett assinalando seu braço. Logo Miro ao Grier—. O que quer, Grier?

—Falar contigo em privado.

—Claro —Bartlett soltou o taco e se dirigiu com o Grier e Josette à cafeteria do lado, que a essas horas estava vazia.

—ouve algo ultimamente a respeito da possível implicação do Jake Marsh em um assassinato? —perguntou-lhe Grier.

O outro homem arqueou as sobrancelhas.

—E você como sabe?

—Isso não importa. O que ouviste?

—Bom, ouvi dizer que Marsh contratou a um conhecido para que eliminasse a um chantagista por ele. Logo descobriu que o morto não tinha as provas que o incriminavam, utilizada-las na chantagem. E agora está como louco, as buscando e liquidando a todo aquele que se cruze em seu caminho.

—Sabe se as encontrou já?

—Não, mas o duvido —disse Bartlett arrastando a voz—. Dizem que está muito preocupado, temendo que o condenem pelo assassinato do Jennings. E não é que ele o assassinasse —acrescentou.

—Quem o fez? York? —inquiriu Grier.

—Eu diria que sim —respondeu Bartlett—York leva muitos anos no negócio. Pode parecer um pirralho, mas é capaz de fazer algo por dinheiro. Marsh o contrata para os trabalhos mais sujos.

Grier lhe deu a descrição do homem que tinha entrado no apartamento da senhora Jennings e a tinha assassinado.

—Não é York —conveio Bartlett—. Mas tampouco é o estilo do Marsh. Ele não tortura às anciãs.

—Acompanhava-o uma mulher, com um elegante chapéu e véu.

—Marsh tem uma querida. Eu nunca a vi. Dizem que está casada com um ricacho ao que Marsh conhece. Se rumoreia que ela está a ponto de deixar ao marido por algo que vai passar lhe a este.

—Um pouco relacionado com a chantagem? —pergunt6 Grier.

Bartlett sorri6.

—A ti o que te parece? Você é o detetive, não?

No caminho de volta ao escritório, Josette permaneceu calada. A presença daquela mulher no apartamento da senhora Jennings resultava inquietante. Ninguém parecia considerar o Jake Marsh capaz de torturar a uma anciã. De modo que, e se a tinha torturado a mulher?

Aquilo complicava ainda mais a situação. Uma mulher casada com um rico, que tinha relação com lhe Dê Jennings, quem, a sua vez, possuía provas de alguma classe de delito. Em meio de todo isso, Jake Marsh, o chefe do vadiagem local, e um capanga, além de duas vítimas recentes relacionadas com o ocorrido.

—Alguém —refletiu Josette em voz alta —está correndo riscos extremos para apoderar-se dessas provas incriminatórias.

—Alguém relacionado com o Marsh e com o Jennings —acrescentou Grier.

—Essa mulher da que falou seu contato, a amante do Marsh —começou a dizer Josette—. E se foi ela quem torturou à senhora Jennings, para lhe fazer confessar o que sabia?

—Já o vi antes.

—Há mulheres que são piores que alguns homens —disse Josette.

A expressão do Grier se endureceu ainda mais.

—Brindarei por isso.

Josette teve a impressão de que o dizia por alguma experiência pessoal, mas Grier era um colega, não um amigo, de modo que não lhe perguntou a respeito.

—Como podemos averiguar quem é essa mulher?

—Essa é a grande pergunta.

Grier deteve o carro nos estacionamentos, bem a tempo de ver como Brannon desembarcava de seu esportivo negro. plantou-se as mãos nos quadris e os observou com severidade enquanto se desciam do carro.

—Onde diabos estiveste? —perguntou ao Josette.

Grier a olhou, como lhe dizendo «já lhe adverti isso», e logo se afastou detrás dirigir um seco gesto de saudação ao Ranger do Texas.

—fui com o Grier a falar com um de seus contatos —explicou ela com calma.

—me pode contar isso tudo enquanto comemos algo. Estou faminto.

—Escuta, Brannon... —começou a dizer Josette.

—Não tem fome?

—Não —seu estômago grunhiu audivelmente enquanto respondia—. Sim —se corrigiu.

—Podemos falar e comer ao mesmo tempo.

—Está bem.

subiram no carro e, poucos minutos depois, Brannon se deteve em um restaurante cujos estacionamentos estavam cheios a transbordar, em que pese a que ainda não era meio-dia.

Acompanhou ao Josette ao interior, e ambos esperaram a que lhes entregassem a carta. Ela pediu um sortido de pescado e café. Ele também se decantou pelo pescado, embora substituiu o café por chá gelado.

—Muito bem —disse ao fim—. O que averiguastes?

Josette o contou tudo, abundando na fuga da Sandra Gates e em suas suspeitas sobre o papel que tinha desempenhado aquela mulher misteriosa na morte da senhora Jennings.

—Muitas generalizações —comentou Brannon.

—Sei —ela suspirou—. Se soubéssemos quem é essa mulher..

—O contato do Grier não sabia nada dela? —Inquiriu ele em um tom excessivamente casual.

—Só que é rica.

—Pediu-te que o acompanhasse? —inquiriu Brannon enquanto cravava uma parte de pescado com o garfo—. Grier conhece muitos tipos perigosos. Resulta arriscado ir com ele.

—por que? Não parece temer a esses indivíduos.

—Porque é ainda mais perigoso que eles —Brannon entreabriu os olhos—. Não sabe nada dele, verdade?

—É o perito em ordenadores do escritório —respondeu Josette mordiscando a comida.

Ele se pôs-se a rir. terminou-se o pescado e as batatas, e logo se limpou com um guardanapo, tomando um sorvo de chá gelado antes de responder.

—Encaixa com sua idéia de um perito em ordenadores?

Josette pensou no Phil, comparando-o com o Grier.

—Bom, não —confessou.

Brannon entrecerró seus olhos cinzas.

—Não te aproxime muito a ele —disse sem rodeios.

Ela arqueou as sobrancelhas.

— E por que não?

Brannon se inclinou fazendo adiante repentinamente, de modo que seu rosto ficou a escassos centímetros do do Josette.

— Porque é minha.

Enquanto Josette tratava de pensar uma resposta amadurecida e aguda, ele se levantou e tomou a conta. Seguidamente, levou ao Josette até a barra e pagou de seu bolso.

— Tem que deixar de me dar de comer — se queixou ela enquanto Brannon a acompanhava até o carro.

— Não posso. Está muito magra — se deteve junto à portinhola do passageiro. Os estacionamentos estavam vazios. Brannon abandonou ao Josette contra o carro, aprisionando-a entre seus braços.

— Brannon — protestou ela sem respiração, enquanto lhe aferrava a camisa.

Marc a olhou aos olhos durante compridos instantes, fazendo que o coração comesse a martillearle o peito. Josette sabia que ele podia perceber sua respiração entrecortada, o ardente rubor de suas bochechas. Mas lhe era impossível opor resistência.

Brannon baixou o olhar até sua boca, contemplando-a ansiosamente.

— Está bem — disse com voz rouca—. O faremos a sua maneira. Com flores. Bombons. Entradas para a ópera.

— Qu... o que? — gaguejou ela.

Ele se inclinou para lhe roçar os lábios com os seus.

— eu adoro te beijar, Josie — sussurrou—. Sempre me encantou.

Era difícil resistir a um homem como ele, capaz de mostrar-se tão provocador e tão tenro. Josette abriu a mão sobre seu peito, apalpando os robustos músculos. Fechou os olhos.

— Nos vão deter por escândalo público — ofegou.

— Beijar-se não vai contra a lei — murmurou ele contra seus lábios entreabertos.

Josette abriu os olhos brevemente e viu sua expressão. Soube que não estava fingindo. Adorava beijá-la. E isso não era tudo. Josette sentia uma pressão, flagrante e insistente, contra seu ventre.

— Marc — sussurrou—. Vem um carro.

Os olhos dele pareciam vazios. Empanados. Piscou e respirou fundo. Logo elevou a cabeça e viu o carro que chegava, com um único ocupante.

Josette seguia aturdida. detrás dela, ao outro lado do esportivo negro, ouviu-se uma risita profunda.

— Disse que não te importaria se vinha comigo. Já!

Era a voz do Grier, que já caminhava para o restaurante antes de que nenhum dos dois pudesse dizer nada.

— OH, Brannon — gemeu ela, retirando-se do Marc com os olhos muito abertos, os lábios inchados e um indício de sorriso.

— Isso lhe disse? — inquiriu ele brandamente.

Josette suspirou.

— Sim. Mas sim te importa — acrescentou compreendendo-o de repente.

Brannon lhe acariciou o cabelo.

— Levo a metade de minha vida neste trabalho, mas Grier fez costure que eu jamais tivesse podido imaginar — se encolheu de ombros—. Odeia às mulheres, mas elas o seguem como os frangos às serpentes, virtualmente hipnotizadas.

Vá... estava ciumento! Como não se deu conta antes?

Ele a olhou com severidade.

— Não estou ciumento — assegurou, lendo sua expressão—. Simplesmente, não acredito que seja seguro que vá a nenhum sitio com o Grier.

Josette o contemplou. Seu cabelo castanho claro, seus olhos cinzas, seu rosto atrativo e bronzeado, sua boca perfeita. pôs-se a rir.

Sempre pensei que foi consciente de seu atrativo — disse—. Mas não é assim, verdade?

O trocou de postura, corno se se sentisse incômodo.

— O físico não importa muito.

Ela sorriu.

— Seria sexy e atrativo embora tivesse um narizón enorme e as orelhas de elefante.

Brannon arqueou uma sobrancelha.

— Sim?

Aquele leve espionismo de insegurança masculina a comoveu. Seriamente tinha dúvidas de que ela o encontrasse atrativo? Impulsivamente, Josette lhe rodeou o pescoço com os braços e o beijou nos lábios. Brannon pareceu surpreso, mas correspondeu ao beijo com ternura.

— Seu único problema é esse temperamento — sussurrou Josette—. A seu lado, Grier parece um pacifista.

Ele emitiu uma risita, sem sentir-se ofendido.

—Sossegarei-me dentro de uns quantos anos.
—Você crie?
—Dizem que os meninos limam as asperezas de um homem.
—Os meninos? —Josette observou seus olhos, perplexa, mas não encontrou nada neles—. E tem muitas asperezas?
—Já falaremos disso. E dos meninos. Enquanto isso, o que te parece se formos a um concerto de ópera? Há um na sábado de noite.
Josette titubeou.
—Estamos aqui para investigar um assassinato.
—Bem. Podemos investigar ao diretor de orquestra e ao primeiro violinista —respondeu Brannon com desenvoltura—. Serão bons suspeitos. Inclusive preencherrei um relatório depois.
— Brannon! —exclamou ela exasperada.
—Os detetives podem tomar uma noite livre de vez em quando. A noite do sábado será para nós —a beijou uma última vez antes de abrir a portinhola do passageiro.
—Averiguou algo a respeito de uma possível caixa de segurança? —inquiriu Josette uma vez que estiveram de novo diante do escritório do fiscal.
—Nada. Comprovei-o em todos os bancos da cidade que não exigiam uma ordem do juiz. E penso comprová-lo em outros. Mas, de momento, nenhum tem perseverança de que lhe Dê Jennings alugasse uma.
—Supón que estivesse em nome dessa mulher.
— Poderia ser —conveio Brannon—. Mas, de todos os modos, desconhecemos sua identidade. Aparentemente, não era Sandra Gates.
—Arrumado a que Grier pode averiguar quem é —disse Josette sem pensar—. Parece desembrulhar-se muito bem nos baixos recursos.
—Pois deixa que faça seu trabalho ele sozinho. Digo-o a sério, Josie. Não estou disposto a que corra nenhum risco.
—Sabe algo sobre o Grier que não quer me dizer?
—Informação classificada, Josie. Mas confia em mim e me faça caso, de acordo? —insistiu Brannon—. Que recebesse esse disparo já afetou bastante a meus nervos. Não quero que te arrisque duas vezes.
As linhas do rosto do Josette se suavizaram como por cura.
—Não? —inquiriu com ar ausente, sentindo um formigamento de prazer por todo seu corpo.
Brannon lhe acariciou uma mecha de cabelo.
—Josie, como se sentiria se eu recebesse um disparo?
Sua involuntária exclamação foi o suficientemente reveladora. De repente, foi como se todas as máscaras tivessem desaparecido e o estivesse olhando com o coração refletido no rosto.
A esbelta mão dele se posou em sua bochecha, enquanto seu polegar lhe acariciava os lábios.
—Ao menos, ainda sente algo por mim —sussurrou Brannon inclinando-se para ela. Teve que fazer um esforço por não prolongar o beijo. Ergueu a cabeça. Ao fazê-lo, encontrou-se olhando diretamente os olhos negros do Grier através do cristal do guichê.
—Disse que não te importaria se a levava comigo —repetiu com cara de pôquer.
—Pois sim, importa-me —respondeu Brannon tajantemente, seus olhos cinzas emitindo um brilho possessivo e ameaçador.
—te alegre, Brannon. Agora solo sou um perito em ordenadores.
— E antes Putin era sozinho um policial!
Grier estalou em gargalhadas antes de dar-se meia volta e afastar-se, com as mãos metidas nos bolsos.
A mente do Josette ainda seguia dando voltas.
—Putin?
Ele a olhou com fixidez.
Rússia. O presidente. ex-coronel da KGB.
— Ah, Putin! Vladimir Putin! —exclamou Josette—. Já.
—Não importa. Sal e vá trabalhar. Mas não com o Grier. E o digo a sério.
—Não sou sua criada.
Ele piscou.
—O que?
—Não aceito ordens —respondeu Josette enquanto desembarcava do carro.
Brannon se inclinou para a portinhola aberta.
—Quero ter filhos.
—E o que?

—Que tome cuidado e faça o que te digo —ele alargou a mão e fechou a portinhola antes de que Josette tivesse ocasião de lhe pedir que explicasse o que tinha querido dizer.

CAPÍTULO 13

Quando Josette acabou de repassar os arquivos locais, de solicitar informação sobre o Jake Marsh e de falar com os agentes e detetives que o tinham interrogado no passado, surpreendeu-se ao encontrar ao Brannon esperando a à saída do escritório do fiscal.

—Sobe —disse abrindo a portinhola do passageiro—. Te levarei a hotel.

Era como nos velhos tempos, quando ia a recolhê-la depois das classes. Ela se comoveu ao comprovar que seguia sendo tão atento como então.

Brannon a olhou durante compridos instantes. Logo suspiro e se encolheu de ombros.

—Acreditei que talvez Grier se ofereceria a levar —confessou a inapetência.

Josette emitiu uma risita fica ante aquela prova involuntária de ciúmes.

—Saiu quando eu voltava de almoçar e não há voltado —explicou—. Nem sequer pude falar com ele.

—Bem —Brannon arrancou o carro e se incorporou ao tráfico com cuidado.

—estive reunindo informação sobre o Jake Marsh —começou a dizer Josette—. Um policial recorda havê-lo interrogado sobre lhe Dê Jennings, coincidindo mais ou menos com o julgamento pelo assassinato do Garner. Marsh explicou que Jennings trabalhava para ele como mensageiro, lhe levando e lhe trazendo recados e esse tipo de coisas, mas que prescindiu dele quando começou a freqüentar a casa do Bib Webb.

Brannon franziu o cenho.

—Não freqüentava a casa do Bib. Trabalhava para o Garner.

—Só estou repetindo o que disse o policial —respondeu ela—. Consta no relatório que redigiu depois da entrevista.

—Se Bib voltar para a cidade este fim de semana, irei perguntar lhe.

—Boa idéia.

—Pedi-te Jennings alguma vez que saísse com ele antes da festa dos Webb?

Josette o olhou cautelosamente, porque aquele era um terreno delicado.

—Não. Estávamos acostumados a vemos sempre na cafeteria da esquina. A mulher do Bib Webb estava assistindo a umas classes no campus esse ano. Inclusive cheguei a vê-la na cafeteria.

Brannon ficou instantaneamente alerta.

—Silvia ia tomar café ali?

—Não muito freqüentemente —recordou Josette—. Solo a vi uma ou duas vezes. Sentada em uma mesa, sozinha.

Era estranho. Bib nunca tinha mencionado que Silvia tivesse assistido a umas classes na universidade. Dado que nem sequer tinha estudos médios, parecia um pouco pilhado pelos cabelos.

—Viu-a falar com alguém?

—Não me fixe, a verdade. Sempre ia com pressas. Estava acostumado a me parar ali um momento para tomar um café ou um dos pão-doces caseiros que serviam, que eu gostava de muito. Também eram os favoritos de lhe Dê Jennings, e assim foi como começamos a falar. Casualmente. Surpreendi-me quando me pediu que fora com ele à festa dos Webb.

—Te insinuou?

—Absolutamente —respondeu Josette, sonriendo levemente—. Não tínhamos essa aula de relação. Eu lhe caía bem, mas não se sentia atraído para mim. Simplesmente necessitava uma acompanhante aquela noite, conforme disse.

Brannon franziu o cenho. Suspeitava que Jennings podia ter tido segundas intenções ao lhe pedir aquela entrevista. Tinha planejado assassinar ao Garner e queria servir-se do Josette como álibi? Ou tinha outros motivos?

—Está-te perguntando por que me pediu isso, verdade? —murmurou ela—. Eu também me perguntei isso. Sobre tudo porque, uma vez na festa, não estive comigo em nenhum momento.

Brannon enrugou a frente.

—Onde estiveram os Webb?

—Bib esteve dançando com seu ajudante... já sabe, a moréia tímida. Parecia nervosa e incômoda. Imagino que por isso Webb lhe dedicava tantas cuidados.

—Becky —murmurou Brannon com ar ausente—. Becky Wilson. Está colaborando no sino eleitoral do Bib. É-lhe absolutamente leal. De fato, acredito que faria algo para protegê-lo.

—Também me deu essa impressão. Mas me caiu bem —recordou Josette.

Brannon a olhou de soslaio.

—E como te caía Silvia?

Ela fez uma careta.

—Nada bem. Lhe dê disse que lhe tinha pedido que me convidasse, mas apenas me emprestou atenção até que me enjoiei com o ponche. Então, insistiu em me levar a casa. Silvia estava totalmente sóbria —Josette esboçou um sorriso malicioso—. Mas seu marido não. Cada vez que o olhava, tomava outra taça de ponche. Inclusive deu uma ao Becky, mas esta teve a precaução de cheirá-la e a soltou sem tocá-la.

Brannon estava tentando recordar algo. Algo importante. Estava aí, mas não conseguia precisar do que se tratava.

Nesse momento, soou o telefone do carro. Brannon pulsou o botão do receptor, e a voz do Jones se ouviu forte e clara.

—Brannon, sou Alice Jones, do escritório do forense. Já conhecemos a causa da morte.

—Adiante, Jones —respondeu ele, detendo-se em um semáforo.

—A senhora Jennings não morreu a consequência do disparo, mas sim de um severo traumatismo cranial. detectamos uma estranha fenda à altura da nuca...

—Como a que poderia provocar uma clava? —inquiriu Brannon em seguida.

Houve uma pausa.

—Pois agora que o diz...

—Jones, procura nos arquivos os resultados da autópsia do Henry Garner, praticada faz dois anos, em junho. Possivelmente encontre um equivalente a essa estranha fenda. me comunique em seguida o que averigúe, de acordo?

—Farei-o. Mas não acostume a estes favores, Brannon —disse Alice com voz rouca—. Já sabe a de tios bons que há fazendo fila, esperando ouvir o som embelesador de minha doce voz. Assim... Brannon? Ouça?

Brannon tinha pendurado, renda-se.

—Alice Jones é única —comentou Josette—. A senti falta de detrás me mudar a Austin.

—Parece encaixar muito bem no escritório daqui —disse ele fixando de novo o olhar no tráfico.

—Encaixo bem em quase todas partes. Mas eu gosto de Austin.

—por que? —insistiu Brannon—. Porque eu não estou ali?

Josette aferrou com força sua maleta.

—Tampouco estive aqui durante dois anos, Brannon —lhe recordou.

—Já sabe por que fui —respondeu ele. Sua voz profunda desceu de tom—. Quando quiser, pode me perguntar por que voltei.

—Não é meu assunto —repôs Josette com rotundidad.

Inesperadamente, Brannon girou e tomou a via de acesso que conduzia a seu edifício, através de uma ruela, com expressão tensa e implacável.

—Quero ir a meu hotel —protestou Josette.

—E eu quero que falemos.

—Pois me chame por telefone.

Brannon não fez conta. Estacionou o carro na garagem subterrânea e apagou o motor. Logo se voltou para o Josette.

—Não está cansada de fugir do passado? —perguntou-lhe seriamente.

Seu fixo olhar a incomodava, apesar de que não podia lhe ver bem os olhos, ocultos sob a larga asa de seu Stetson na penumbra da garagem.

—Só vim para resolver um assassinato —respondeu Josette—. Depois voltarei para Austin, a minha própria vida...

—A um apartamento solitário, com a única companhia da televisão —a interrompeu Brannon—. Passará a maior parte dos dias trabalhando. E, pelas noites, quando te deitar, seguirá estando sozinha. Que classe de vida é essa?

—A tua —repôs ela lacónicamente.

As facções do Brannon se esticaram, e logo se relaxaram.

—Touché.

—É feliz vivendo assim —assinalou Josette.

—Você crie? —respondeu ele—. Vivo para meu trabalho. Assim vivi durante os últimos quatorze anos, com encontros esporádicos que nem sequer poderiam chamar-se experiências amorosas. Excetuando o breve tempo que passei contigo faz dois anos —acrescentou com ênfase—. vivi como um ermitão.

Josette notou que o coração lhe dava um tombo. Não foi capaz de responder nada.

—E você ainda é virgem —prosseguiu Brannon—. por que?

Ela abriu a boca, mas não conseguiu articular palavra.

—Não me venha com isso de que tem seus princípios —disse ele—. Me deseja. Desejava-me então e segue me desejando.

—Todos temos pequenas debilidades que não podemos superar.

Brannon arqueou uma sobrancelha e baixou o olhar até os lábios dela.

—E por que temos que tentar as superar?

—Não quero ter uma aventura contigo.

Ele se encolheu de ombros.

—Tampouco vão muito as aventuras.

—Pior ainda —disse Josette em tom gélido—. Estou menos disposta ainda a ter cilindros de uma só noite.

—Tampouco isso vai.

Ela franziu o cenho e o olhou fixamente. Não conseguia entender o que lhe estava dizendo.

Brannon suspirou.

—Não te ocorreu pensar que alguém pode ter suas mesmas idéias com respeito ao sexo?

Josette arqueou as sobrancelhas.

—Não me vou acreditar nem por um segundo que seja virgem, Brannon —disse arrastando a voz.

—Não o sou —respondeu ele—. Mas tampouco sou promíscuo. Já te digo, faz dois anos que não estou com uma mulher.

Preocupado-los olhos do Josette observaram seu rosto, procurando respostas.

—por que?

—por que não te deitaste você com outros homens? Não desejo a nenhuma outra pessoa —Brannon fez uma pausa, e seus olhos se entrecerraram—. E o mesmo ocorre a ti, embora não esteja disposta a admiti-lo.

Josette guardou silêncio uns instantes.

—por que me trouxeste aqui? —inquiriu, evitando responder.

Brannon franziu os lábios, e os olhos lhe brilharam.

—Porque, além do cilindro de carne, sei preparar frango e crepês de brócolis —disse inesperadamente.

Era o último que ela tinha esperado ouvir.

—Perdão?

—Sempre você gostava de ir ao mesmo restaurante francês quando estávamos saindo —lhe recordou Brannon—, porque você adorava esses crepes. O restaurante fechou, mas consegui dar com o cozinheiro para que me passasse a receita.

—por que?

Brannon franziu os lábios.

—um pouco de galanteria, um prato delicioso, um pouco de música clássica... —inclinou-se para ela com uma lhe sugiram sorriso—. E uma pequena intervenção cirúrgica...?

Ela se ruborizou e lhe sacudiu com o boletim informativo que havia no porta-luvas.

Ele suspirou.

—Ah, enfim, outro dia será —desembarcou do carro e o rodeou para lhe abrir a portinhola—. Pode deixar aí a maleta. Eu não gosto de falar de negócios durante a comida.

Tomou a mão enquanto subiam no elevador. Uma vez dentro do piso, Brannon abandonou ao Josette com seu corpo contra a porta fechada e plantou as mãos a ambos os lados de sua cabeça, olhando-a aos olhos durante compridos instantes.

—depois de dois anos —murmurou—, ainda segue te estremecendo quando me aproximo —se inclinou sobre ela, apertando-se contra seu corpo—. Posso sentir seu coração pulsando contra o meu —sussurrou ao tempo que iniciava um lento movimento circular com os quadris. Sua ereção foi foto instantânea.

—Marc! —exclamou Josette, sobressaltada.

Lhe mordiscou com os dentes o lábio superior, fechando os olhos para degustar seu sabor.

—Hortelã e café —resfolegou, lhe entreabrindo os lábios—. Sempre tinha sabor de café e cheirava a rosas —encaixo uma perna entre as coxas do Josette. Esta vez, ela não protestou. Cravou as unhas em seu peito enquanto sentia a pressão de seus lábios.

—Diabos, não seja tímida. me toque! —Brannon guiou seus dedos para os botões de sua camisa.

Josette não necessitou mais incentivos. Desabotoou os botões até a fivela chapeada de seu cinturão, com o logotipo dos Rangers do Texas. Suas mãos encontraram um esponjoso pêlo encaracolado sobre os robustos músculos de seu peito. Ele sorriu enquanto seguia beijando-a com deleite.

—Abre a boca um pouco mais, Josie.

Sua perna começou a mover-se provocativamente entre as coxas dela, fazendo-a tremer. Josette correspondeu a seus beijos com um fraco gemido de puro prazer, enquanto elevava os braços para lhe rodear o pescoço.

—Espera... um momento —murmurou Marc enquanto lhe desabotoava a blusa, contemplando seus suaves seios. Logo passou as mãos por sua superfície, e Josette gemeu de novo.

—Sim —ofegou ele, oprimindo-a contra seu peito nu—. OH, Deus, sim...! te aproxime mais, neném. te aproxime mais.

Baixou as mãos até seus estreitos quadris e tiro dela com força, apertando-a contra a dureza de seu desejo.

Josette notou que lhe saltavam as lágrimas enquanto afundava as mãos em seu espesso cabelo castanho, fazendo que lhe caísse o chapéu ao empurrar sua cabeça fazia seus seios. Logo arqueou as costas, sussurrando, suplicando.

Mare não pôde resistir. Abriu a boca sobre um mamilo e começou a chupá-lo, em meio de um tórrido e tempestuoso silêncio parecido ao relâmpago que precede ao trovão. Ela gritou brandamente, seu corpo palpitando de ansiedade.

Ao cabo de uns deliciosos segundos, Brannon se retirou bruscamente.

—De momento, não passaremos daqui. De momento —disse olhando-a aos olhos—. E o sinto se tiver ido muito longe.

Era uma desculpa inesperada. Pouco a pouco, aturdida-a mente do Josette compreendeu que para o Brannon aquilo não era nenhum jogo. ficou olhando-o com desconcertado afeto. E certo acanhamento.

—Além disso —prosseguiu ele—, falava a sério quando te prometi esses crepés.

—Muito bem —respondeu Josette sorrindo brandamente.

Aquele sorriso inchou o peito do Brannon. Seus olhos eram luminosos, suaves, cheios de segretos. Contemplou uma vez mais seus seios nus, dando um festim visual até que ela riu nervosamente e começou a grameá-la blusa.

Ele fez o mesmo. Logo a olhou com melancolia. Tinha a boca torcida pela pressão de seus lábios. Parecia desconcertada e aturdida, mas também feliz. Brannon sorriu. Possivelmente, disse-se. Possivelmente...

Brannon preparo os crepés enquanto Josette preparava uma salada e umas mingau para a sobremesa. Colaboraram em silenciosa harmonia, como se tivessem vivido juntos sempre.

Ela saboreou cada minuto daquela inesperada experiência, surpreendida com a perícia culinária do Brannon.

—Está impressionada —disse ele com um sorriso—. Te nota.

—Muito impressionada —respondeu Josette enquanto dava conta da última parte de crepé e logo observava o do Brannon com clara inveja.

Ele emitiu uma risita. Cravou com o garfo o último pedaço de seu crepé e o ofereceu, aproximando-lhe aos lábios.

—Não faz falta que me dê as obrigado —murmurou—. Com uma adulação me conformo.

—Estavam realmente deliciosos —admitiu ela com uma sorrisita travessa.

—Pensa-o. Se vivêssemos juntos, poderia comer crepés todos os dias.

Josette, que se dispunha a tornar um sorvo de café, ficou imóvel e o olhou, insegura e inquieta.

Brannon não sorria. Seus pálidos olhos cinzas brilhavam enquanto permaneciam fixos nos dela, refletindo determinação e possivelmente algo mais. Um pouco mais profundo.

O súbito som do telefone bastou para romper a tensão entre eles. Brannon se levantou, amaldiçoando entre dentes, para responder.

—Sim? —disse lacônicamente. Pareceu titubear enquanto escutava a quem estivesse ao outro lado da linha. Olhou de soslaio ao Josette e franziu o cenho—. Tem que ser agora? Não pode esperar até manhã? —perguntou com impaciência.

Titubeou de novo. Continuando, exalou uma lenta baforada de ar.

—De acordo —respondeu—. Sim tão importante é... Sim, dentro de vinte minutos.

Brannon pendurou o telefone e ficou olhando-o inexpressivamente antes de girar-se para o Josette.

—Bib —explicou lentamente—. Está em sua casa do Santo Antonio e quer que vá em seguida. Certo jornalista diz conhecer o verdadeiro móvel dos assassinatos. Pelo visto, expô- sua teoria ao Becky, e agora Bib está morto de medo.

—E o que quer que faça, que detenha o jornalista? —inquiriu Josette.

—Quer que lhe dê conselho. E, dada a natureza da história, acredito que você também deveria vir.

—por que?

—Porque o jornalista afirma que alguém dos baixos recursos encontrou provas que podem incriminá-lo, e que planeja as utilizar para lhe fazer chantagem.

Os olhos do Josette se iluminaram.

—Por fim! As provas, e possivelmente o muito mesmo culpado!

—Se tivermos sorte. Vamos.

Conduziram rapidamente até a imensa mansão onde vivia Bib Webb quando não estava na capital do Estado. Josette se disse, não pela primeira vez, que tinha herdado todo um império depois do assassinato do Henry Garner.

Havia outros dois carros no atalho de entrada que serpenteava até a porta principal da mansão. A gente era um pequeno VW Beetle de cor cinza, o outro um luxuoso Lincoln escuro.

—Está sua mulher aí? —inquiriu Josette com curiosidade, assinalando o VW.

—Silvia conduz um Ferrari —comentou Esse Brannon é o carro do Becky.

—Outro escândalo em florações? —murmurou ela.

—Acredito que vais descobrir que Bib está cansado de viver uma mentira —respondeu ele crípticamente—. Agora, um escândalo com o Becky é a menor de suas preocupações.

—Não suspeitará, a estas alturas, que teve algo que ver com a morte do Garner?

—Absolutamente —respondeu Brannon com absoluta convicção.

—Não vais dizer me a que viemos?

—Deixarei que o explique Bib —Brannon parou o motor e rodeou o carro para lhe abrir a portinhola.

—O que educado é, Brannon —comentou Josette com um sorriso.

—Minha mãe era muito estrita. Igual à tua —acrescentou ele com delicadeza. Logo tomou a mão e a acompanhou até a porta de entrada da mansão.

Bib Webb foi a abrir pessoalmente. Tinha na mão uma lata de cauda sem açúcar e parecia terrivelmente cansado. Levava a camisa aberta pelo pescoço e estava um pouco despenteado. Umas grandes olheiras escureciam seus olhos.

—Adiante —disse arrastando a voz. Conseguiu esboçar um sorriso dirigido ao Josette—. foi muito amável ao vir, senhorita Langley, dadas as circunstâncias.

—Celebro que não lhe importe, senhor Webb —respondeu ela com amabilidade.

Becky Wilson permanecia de pé no centro da sala de estar, com aspecto nervoso. Levava um vestido comprido que chegava aos tornozelos, e o cabelo recolhido em um acréscimo. Tinha óculos. Era justamente o contrário a Silvia.

—Já conhece o Becky —disse Bib.

—Sim. Me alegro de vê-la-a saudou Brannon.

—Será sua ruína. Sua ruína —gemeu Becky De repente—. O que vamos fazer?

Bib elevou uma mão.

—Não atire a toalha ainda —lhe disse com um débil sorriso—. Antes, exploremos as opções que ficam.

—Que opções, Por Deus santo? —soluçou Becky.

—Sempre há opções —lhe respondeu Bib amavelmente—. Sente-se, Becky.

Ela se deixou cair em uma poltrona, mas se inclinou para diante, como se lhe resultasse impossível relaxar-se.

Bib se sentou no sofá. Brannon se acomodou junto a ele, fazendo um gesto ao Josette para que se sentasse a seu lado.

—O que sabe esse jornalista, exatamente? —inquiriu Brannon sem andar-se pelos ramos.

—Tem uma declaração jurada de um conhecido do Jake Marsh, em que afirma que, casualmente, ouviu o Marsh falar de uma agenda que demonstraria que eu tinha aceito subornos de gente vinculada à máfia, para comprar votos e chantagear a meu oponente a fim de que retirasse sua candidatura na campanha de faz dois anos —explicou Webb—. Esse indivíduo afirma que Marsh não tem a agenda, mas que sabe quem o tem.

—Uma agenda. Pois claro! —exclamou Brannon olhando ao Josette, que parecia igual de surpreendida. Isso encaixaria com os fatos que conheciam até então. Franziu o cenho e perguntou ao Bib—: Aceitou esses subornos?

Bib o olhou cinicamente.

—Conhece-me há anos. Considera-me capaz de comprar votos?

Brannon se limitou a rir.

—Claro que não.

—Mas despedi de um indivíduo, que formava parte do pessoal de meu sino, por ter tentado fazer isso mesmo —prosseguiu Bib—. Foi faz dois anos, na semana anterior à festa. Esse homem era amigo do Jake Marsh e conhecido de lhe Dê Jennings. Mas eu não sabia nada de nenhuma agenda. Solo sabia que, um dia antes da morte do Henry Garner, Jennings se tinha brigado com ele a conta de algo que, segundo Henry, tinha desaparecido de sua caixa forte. De fato, Henry e eu discutimos a respeito do Jennings. Ele queria mantê-lo perto até que devolvesse algo que se levou. Eu sabia que esse homem tramava algo, e assim o disse —meneou a cabeça—. Daria o que fora por poder apagar aquela discussão.

—Sabia que assassinaram à mãe do Jennings? —perguntou-lhe Brannon.

—Pobre mulher.

—Extorquiram-lhe suas economias, jogaram-na de sua casa, queimaram seus pertences e logo a torturaram até a morte para lhe tirar uma informação que o assassino pensou que ela conhecia.

Bib afundou a cabeça entre suas mãos.

—Deus santo!

—Viram um homem e uma mulher sair do apartamento da senhora Jennings o dia em que foi assassinada —acrescentou Josette com calma—. Identificamos provisoriamente ao homem como Jake Marsh. Também identificamos ao capanga que matou a lhe Dê Jennings, e à perita em ordenadores que manipulou os arquivos para que transladassem ao Jennings ao Floresville.

Bib ergueu a cabeça em seguida.

—Quem é o assassino?

—Um homem chamado York —respondeu Brannon—. Estamos seguros de que já lhe tinha o olho jogado a seu seguinte objetivo. Intercambiamos uns disparos e Josette resultou ferida. Conseguimos detê-lo, mas escapou. Não sabemos a por quem irá agora.

Bib crispou as mãos sobre seus joelhos, preocupado,

—Ao Marsh não gosta de deixar cabos soltos. Qualquer que tenha conhecimento dessa agenda corre perigo —brincou com sua aliança de casamento. Logo olhou de esguelha ao Becky e fez uma careta—. Isso também põe a ti na linha de fogo —disse intranquilo—. E a Silvia —acrescentou com menos preocupação.

—A propósito da Silvia, onde está? —perguntou Brannon.

—foi às compras outra vez —respondeu Bib tomando um sorvo de cauda—. Quer um guarda-roupa novo para poder vestir como a esposa de um senador —emitiu uma gargalhada oca—. Lhe disse que me conformava sendo vicegovernador, mas ela insistiu em que apresentasse minha candidatura ao Senado. Diabos, solo levo no cargo dois anos. Não quero ir a

Washington —acrescentou, olhando ao Becky melancolicamente—. Agora parece que nem sequer poderei conservar o cargo que tenho.

—O jornalista prometeu não publicar a história ainda, enquanto não a confirmasse —assinalou Becky—. Ao menos, foi para mim primeiro. Poderia ter publicado suas suspeitas diretamente. Não é um mau tipo, e não quer que logo lhe acusem de ter destruído vistas. Além disso —acrescentou com um sorriso—, cai-lhe bem Bib.

—Não lhe cairei bem a ninguém se se publicar uma notícia assim —disse Bib aflito—. E posso ir me despedindo desse posto no Senado. É curioso —acrescentou olhando ao Becky—. o da candidatura ao Senado foi idéia da Silvia, não minha. Deseja a sensação de poder que alguém experimenta ao acotovelar-se com gente importante —meneou a cabeça—. Eu sozinho desejo deixar a política quando acabar meu mandato. Mas —não quero ir deixando detrás de mim uma nuvem de suspeitas. Nunca chantageei a ninguém. E quero que me ajude a demonstrá-lo, tanto se esse jornalista publica o que sabe como sim não.

—Isso é pedir muito, Bib —respondeu Brannon com sinceridade.

—De um modo ou outro, tudo isto está relacionado com o assassinato de lhe Dê Jennings —prosseguiu Bib—. E não posso evitar pensar que Jake Marsh está metido até as orelhas no assunto.

—Eu cheguei à mesma conclusão —respondeu Brannon. Logo olhou de soslaio ao Josette—. Estamos dedicando muito tempo extra a este caso. E temos feito alguns progressos. Se conseguíssemos dar com essa mulher...

Becky abriu a boca para dizer algo, mas Bib elevou o olhar, silenciando-a.

Josette franziu o cenho ao reparar em uma pequena terrina de caramelos que havia sobre a mesita de café. levantou-se e se aproximou para lhe jogar uma olhada.

—OH, solo são caramelos de hortelã —explicou Bib—. Sirva-se a seu gosto. Eu não os suporto. Becky os encarrega a um fabricante de caramelos francês.

Josette conteve a respiração e olhou diretamente ao Brannon. Ambos estabeleceram a conexão ao mesmo tempo. Caramelos caros, havia dito a senhora Jennings. À mulher que estava tentando lhe tirar essa agenda a lhe Dê Jennings gostava dos caramelos de hortelã caros!

Brannon a olhou fixamente e negou com a cabeça. Ela captou a mensagem. Tomou um dos caramelos e, depois de lhe tirar o pacote, o meteu na boca. Logo observou de reajo ao Becky Wilson, que olhava ao Bib Webb ostensivelmente angustiada. Becky não era loira. Mas Podia haver ficado uma peruca...

—Delicioso —disse Josette, sorrindo—. Obrigado.

—A que estão bons? —murmurou Becky, sem deixar de olhar a seu chefe. Inalou ar trémulamente—. A por quem acredita que vai o assassino, senhor Brannon? —perguntou com preocupação —Não acreditará que pensa matar ao Bib?

—Isso daria ao traste com seu plano —respondeu Brannon—. Pense-o. Essa agenda deve conter informação que pode enviar ao assassino ao cárcere, ou não estaria tão disposto a correr tantos riscos para consegui-lo. De fato, arrumado a que essa informação exoneraria ao Bib e condenaria a outra pessoa. Por isso o assassino está tão desesperado por consegui-lo.

—Provavelmente forma parte de mim próprio pessoal —conjeturou Bib abatido—. Mas a quem conheço que esteja tão desesperado para cometer assassinato com tal de manter o segredo?

Brannon tinha uma boa idéia a respeito, mas não podia dizer nada. Ainda.

—Manteremo-lhe informado. Enquanto isso —acrescentou Brannon dirigindo-se ao Becky—, lhe siga o jogo a esse jornalista. Tente conseguir que guarde silêncio um pouco mais.

—Mas onde está essa agenda? —inquiriu Bib preocupado—. Quem o tem? E o que é o que contém?

—Isso é o que temos que averiguar —respondeu Brannon—. E o averiguaremos. Prometo-lhe isso.

Bib se levantou, sorrindo com tristeza.

—Você sempre me apoiaste —disse—. Inclusive quando trataram de me acusar de assassinato no julgamento do Jennings. Nunca creíste que eu estivesse comprometido.

—Conheço-te —se limitou a dizer Brannon.

Bib lhe tendeu a mão.

—E eu a ti —respondeu—. É o melhor amigo que tive. Acredito que vou necessitar mais de um antes de que tudo isto acabe.

—Não penso te abandonar —disse Brannon com um sorriso.

—Nem eu —atravessou Becky firmemente—. E me dá igual a à senhora Webb goste ou não. Deveria estar aqui, e não de compras em outra cidade. Nunca está aqui. Nem em Austin!

—Becky, não —lhe suplicou Bib brandamente—. Ambos sabemos que a Silvia não importa o que me ocorra. Solo lhe importam o dinheiro e o prestígio.

—Não quer a ninguém, salvo a si mesmo —murmurou Becky—. Teria que ter tido uma casa cheia de filhos...

—Isso eu adoraria —murmurou Bib, sorrindo ao Becky de um modo que fez que ela se ruborizasse e desviasse o olhar.

—Será melhor que vamos —se apressou a dizer Josette.

—Sim. te tranqüilize um pouco —aconselho Brannon ao Bib—. E não firmes nada.

—Sou licenciado em Direito —lhe recordou Bib.

—Sei, mas nunca está de mais dar conselhos aos amigos... embora sejam advogados.

Bib assentiu.

—lhes cuide. Já morreram duas pessoas. Três, se contarmos ao Henry. Quem quer que seja o assassino, não duvidará em atentar contra outro par de pessoas se se cruzarem em seu caminho.

—Já sei —disse Brannon. Sorri6 para si—. De fato, conto com isso. Estaremos em contato —titubeou um momento—. Uma coisa mais. Sabe se Silvia esteve matriculada na universidade?

Bib riu a mandíbula batente.

—Silvia? meu deus, se nem sequer acabou o bacharelado. Nunca houve forma de conseguir que continuasse seus estudos. Tiraria-lhe tempo para ir às compras!

CAPÍTULO 14

Assim que Brannon e Josette subiram no carro, ela se girou para ele com excitação.

—Silvia não esteve matriculada na universidade. Então, que fazia naquela cafeteria, e no campus?

—Oxalá soubesse —disse Brannon.

—E o que me diz dos caramelos de hortelã? —prosseguiu Josette mostrando o pacote que se guardou no bolso—. A senhora Jennings disse que a amiga de seu filho gostava, e que conhecia a existência das provas! Becky encarregou esses caramelos, e você mesmo disse que seria capaz de fazer algo para proteger ao Bib Webb...

—Algo menos assassinar —respondeu Brannon, olhando-a aos olhos enquanto punha o motor em marcha—. E não é loira.

—Pôde ficar uma peruca —insistiu ela.

—Josie, seriamente imagina ao Becky torturando a uma anciã com um cigarro? —inquiriu ele.

Josette titubeou.

—Não —teve que admitir—. Mas é óbvio o que sente pelo Bib Webb. A gente apaixonada faz coisas irracionais.

Brannon suspirou.

—Leva anos apaixonada por ele. Silvia e ela nunca se levaram bem. De fato, Silvia tentou despedi-la muitas vezes, mas Bib se nega. Esse é outro motivo de fricção entre elas. Silvia é ambiciosa. Becky, não.

— Becky quer ter filhos —murmurou Josette, recordando a angústia e a ansiedade refletidas nos olhos da mulher quando olhava ao Bib.

—Igual a Bib. Mas Silvia não Pode os ter. Ficou estéril como resultado da queda que sofreu faz anos. Ou isso disse. Josette franziu os lábios. —Crie que é certo? Ele emitiu uma risita. — Acredito que nem um tiro poderia lhe afetar. É dura como o aço, e manipuladora. Consegue tudo o que deseja. —Possivelmente Silvia estava nessa cafeteria por um motivo concreto. Engana ao Bib? —perguntou Josette.

Brannon a olhou de esguelha enquanto saíam à estrada.

—Não sei. É possível.

—Tinham uma fotografia do Jake Marsh no escritório do fiscal —murmurou ela pensando em voz alta—. É um homem muito atrativo e elegante. E dizem que tem muito dinheiro —prosseguiu—. E se a ausente senhora Webb tiver um idílio que seu marido desconhece?

Brannon franziu o cenho. Até então, não tinha considerado seriamente tal possibilidade.

—Silvia valora sua posição mais que nenhuma outra coisa. Arriscaria-o tudo por uma aventura com outro homem? Especialmente com um homem como Marsh?

—Algumas mulheres se vêem atraídas ao perigo como as abelhas ao mel.

Brannon a olhou perversamente.

—Sério? Ponhamos a prova essa teoria. Gosta de jogar uma partidita de bilhar?

—OH, não —se queixou Josette—. Outra incursão nos baixos recursos, não!

—Foi ali com o Grier —assinalou ele—. Não pode ir comigo? Sou tão duro como ele, e sei como fazer falar às pessoas.

—Você eu gosto mais que ele —comentou Josette com ar ausente.

—por que?

Ela o olhou aos olhos.

—Porque Grier não sabe cozinhar.

Brannon estalou em gargalhadas.

A sala de bilhar estava enche, apesar da hora. Encontraram ao Bartlett inclinado sobre uma das mesas, efetuando um tiro difícil. Depois de executá-lo, sorriu e elevou o olhar, reparando no Brannon.

Soltou o taco e levantou ambas as mãos.

—Nunca falei mal dos Rangers do Texas —disse com ênfase—. E não tive nada que ver, absolutamente nada, com esse intento de atropelo que sofreu Judd Dunn o mês passado. Nem sei quem foi o responsável!

Josie olhou de esguelha ao Brannon e se surpreendeu. Ali, entre os elementos dos baixos recursos, seu porte era absolutamente amedrentador. Não sorriu enquanto se aproximava do Bartlett.

—Juro-te que não sei nada, Brannon! —apressou-se a repetir o homem.

—Não hei dito que soubesse —respondo Brannon, sem deixar de aproximar-se—. Vamos dar um pequeno passeio.

— Não até que jure diante de testemunhas que conservarei intactas as pernas! ouvi histórias sobre ti, Brannon. Não quero correr riscos.

Josie estava intrigada. Teria que falar com o Brannon dessas «histórias».

—Conservará-as intactas —assegurou Brannon ao homem—. Os Rangers não atuam como valentões diante de testemunhas. Temos uma tradição que respeitar.

—Então, de acordo.

Brannon e Josie saíram com o mexeriqueiro ao beco escassamente iluminado.

—O que é o que quer, Brannon? —perguntou Bartlett incômodo.

—Quero que me fale da companheiro de jogos do Jake Marsh.

O homem respirou fundo.

—Olhe, Grier esteve aqui faz uns dias e me perguntou o mesmo...

—E não averiguou absolutamente nada —Brannon avançou implacavelmente para o homenzinho, com os olhos fixos e imperturbáveis—. Mas você vais dizer me o que preciso saber. Não quer verte envolto em um assassinato. Não é seu estilo.

—Não —respondeu Bartlett—. Não penso pagar o pato, por muito que Marsh me ameace. Sabe algo de mim que...

—De pouco lhe servirá quando estiver no cárcere —o interrompeu Brannon—. Bom, começa a falar.

—Está bem —o outro homem exalou uma larga baforada de ar—. Tem no bolso a uma tipa rica. Conforme diz, assegurou-se de que ela tenha que lhe ajudar a encontrar a agenda desaparecida. Verá-se tão prejudicada como ele se esse pacote acabar em poder da polícia. Ou mais ainda. Marsh diz que não seguirá sendo rica por muito tempo se essa informação cair em más mãos.

—Viu-a alguma vez? —inquiriu Brannon.

—Sim, vi-a. É uma preciosidade. Tanto Marsh como ela vestem como figurinos.

Brannon olhou de esguelha ao Josette, que franzia o cenho com curiosidade. Não parecia que se tratasse do Becky. Por outra parte, possivelmente Sandra Gates tivesse um guarda-roupa oculto, e ela sim era loira. E estava o detalhe dos caramelos de hortelã que viram em sua caravana...

—Parece que é tão dura como ele —prosseguiu Bartlett—. Pelo que ouvi, foi ela quem torturou à velha.

—ouviu falar de uma mulher chamada Sandra Gates? —atravessou Josette.

—Gates? Sim. Faz maravilhas com os ordenadores. Às vezes, Marsh lhe encarrega trabalhos de investigação, quando quer averiguar algo comprometedor sobre alguém. É uma tia dura —Bartlett pareceu preocupado—. Ouça, Brannon, não dirá ao Marsh que falaste comigo, verdade? Mandaria aos York a por mim...

Outra peça do quebra-cabeças que encaixava perfeitamente com o detalhe dos caramelos de hortelã. «Uma mulher dura», acabava de dizer Bartlett.

—Não delato a meus informadores. Uma última pergunta —disse Brannon—. Que relação tinha Jennings com o Marsh e a loira?

O homem se deteve para acender um cigarro com mãos trementes, exalou uma baforada de fumaça e emitiu uma risita.

—Essa é a melhor parte. Jennings estava tendo uma aventura com ela. Marsh o descobriu e mandou que lhes fizessem umas fotografias, sem que eles se inteirassem. Segundo Marsh, ela se ficou branca como a cera quando o disse, Parece que seu marido quer o divórcio e ela o nega —riu de novo—. Se essas fotos saíssem à luz, não teria mais remedeio que conceder-lhe verdade?

Josette arqueou as sobancelhas. Se essas fotos eram da Sandra Gates, esta acaso tinha um marido secreto? O quebra-cabeças começava a desfazer-se de novo...

—Muito bem —disse Brannon ao cabo de uns instantes—. É tudo o que queria. Obrigado, Bartlett. Não esquecerei isto.

—Se Marsh se inteira...!

O punho do Brannon saiu disparado com tal rapidez, que Josette não chegou a ver o golpe, solo que a cabeça do Bartlett se bamboleava para trás e o homenzinho se levava a mão ao queixo com uma careta.

—Pode lhe ensinar isso aos tipos daí dentro —disse Brannon assinalando a porta da sala de bilhar—, e lhes dizer que te interroguei sobre o atentado contra Dunn.

Bartlett se pôs-se a rir, pese à dor.

—Obrigado, Brannon —fez uma pausa—. A tudo isto, quem tentou atropelar ao Dunn? Sabe?

—Não, não sei. Mas Judd diz sabê-lo, por desgraça para o perpetrador —acrescentou com uma risita—. Obrigado.

— Não há de que —Bartlett sorriu e logo voltou a entrar rapidamente na sala de bilhar.

—Sandra Gates —disse Josette—. É loira e não tem reparos na hora de cometer atos ilícitos; havia caramelos de hortelã em sua caravana; conhece o Marsh e era, provavelmente, a misteriosa amante de lhe Dê. Marsh pôde chantageá-la para que o ajudasse a conseguir a agenda. Tudo encaixa!

—Aparentemente —conveio Brannon—. Mas se tiver marido, este está bem oculto. E Gates não vive como a mulher de um rico. Há outra coisa que não quadra.

—Qual?

Brannon se meteu as mãos nos bolsos.

—Não sei —disse irritado—. Não posso precisá-lo-a olhou de esguelha e sorriu —Estou cansado. Igual a você —titubeou—. Não lhe leve a mal, mas vou levar te a hotel em vez da meu piso. Assim os dois poderemos dormir bem. Amanhã tentaremos encaixar todas as peças.

—Desmancha-prazeres.

Ele a olhou durante compridos instantes.

—supõe-se que a tortura vai contra a lei —lhe recordou com um sorriso travesso. Minutos depois, enquanto a levava a hotel, comentou—: Vejo que esta noite não leva o tipóia.

Josette flexionou o braço.

—A ferida não é tão grave. E ódio o tipóia. Estorva-me.

—Se vir que o braço se lhe torcedor, O...

—Terei o cuidado interrompeu ela—. E, obrigado pelos crepés.

— De nada. Também eu gosto de —Brannon deteve o carro e lhe colocou a mão na nuca, atraindo-a para si—. te Aproxime e me dê um beijo de boa noite —murmurou com voz suave e profunda.

Ela riu.

—Quer que te leia um conto também? —sussurrou.

—Claro. Que tal um relato de mistério da Agatha Christie?

—Já temos um assassinato entre mãos. Seria redundante.

Brannon se inclinou para beijá-la com ternura, lhe mordiscando o lábio inferior até que ela exalou um rouco suspiro.

—Acredito que isto vai converter se em um hábito.

—Seriamente?

Ele a estreitou entre seus braços.

—Está segura de que quer voltar para Austin? —murmurou, beijando-a com obrigação.

Ela sentiu uma explosão de calor em seu sob ventre, e elevou os braços para lhe rodear o pescoço, enquanto correspondia ao beijo com mais entusiasmo que perícia. Ao Brannon não parecia lhe importar. Começou a lhe desabotoar a blusa para explorar seus seios. Ela ofegou ao sentir suas carícias, lentas e ansiosas.

O som de um carro aproximando-se fez que ele levantasse a cabeça.

—Maldição! —exclamou ela tão lastimeramente, que Brannon pôs-se a rir.

—Possivelmente tenha sido o melhor —disse resignado—, dadas as circunstâncias.

Josette tragou saliva.

—Em realidade... bom, poderia... poderia subir comigo —conseguiu dizer em tom entrecortado.

—Para fazer o que, Josie? —inquiriu Brannon—. Não podemos...

—Me fiz faz isso dois anos —deixou escapar ela.

Ele franziu o cenho.

—O que te fez?

Josette pigarreio e cravou o olhar no peito do Brannon.

—A... operação —confessou.

O ficou muito quieto. Estava totalmente excitado, e sua mente não funcionava a direitas. Olhou-a fixamente, tratando de recuperar a compostura.

— Faz... dois anos? —sussurrou.

Ela assentiu.

—Acreditei que... deixou-me porque não podia ter... relações sexuais —explicou entrecortadamente—. Assim que me operei —fechou os olhos, dolorida—. Mas você não voltou. Não me chamou nem me escreveu... Inclusive fui à festa do Webb porque acreditei que poderia verte ali e te dizer... —sua voz se extinguiu.

—OH, neném —sussurrou Brannon com voz rouca. Atraiu-a para si e a abraçou com força—. O sinto muito, neném! Estava muito envergonhado para voltar contigo.

—Envergonhado? —inquiriu ela sem compreender.

—Quando soube que foi virgem e inocente, quis voltar contigo. Mas no tribunal, durante o julgamento do Jennings, vi como me olhava, com ódio nos olhos. depois disso... —Brannon suspirou—. Fui da cidade e tentei esquecer-lo tudo.

—Você não sabia a verdade, Marc. Não te culpei tanto a ti como a mim mesma. Só és humano.

Ele apertou o abraço até o ponto de que quase o fazia danifico.

—Não devi te deixar nunca —resfolegou Brannon, procurando seus lábios—. Nunca na vida...!

Ela sorriu contra sua boca, sentindo sua falta de controle, sua paixão transbordada. Desejava-a tão desesperadamente, que logo que podia conter-se. tratava-se de um desejo sincero, adulator. Possivelmente não era o que Josette desejava realmente, mas viver o resto de seus dias sozinha, sem ele, lhe desejava muito ainda pior.

Deslizou-lhe os lábios até o ouvido.

—Pode subir comigo —sussurrou, entregando-se a ele sem resistir.

Brannon não respondeu. Suas mãos empreenderam uma preguiçosa viagem ao longo de suas costas, enquanto saboreava o contato suave de seu corpo, o ligeiro aroma de rosas que impregnava sua pele.

—Não —disse ao fim.

Josette não se esperou tal resposta. Enrugou a frente.

—por que não?

—Porque não quero reduzir o que sinto por ti a meia hora na cama.

Ela notou que o coração lhe dava um tombo. retirou-se um pouco, tratando de lhe ver a cara.

Brannon tomou uma de suas mãos e a levou aos lábios.

—E você tampouco quer —disse com convicção—. Se tão solo tivesse querido te seduzir, Josie, não teria necessitado aprender a cozinhar cilindros de carne e crepés —lhe beijou a palma da mão—. Não sabe o que senti ao verte no escritório do Simon. Fingir indiferença foi o mais duro que tive que fazer em toda minha vida.

—Acreditei que me odiava! — sussurrou ela.

—Odiava-me mesmo. Em certo sentido, sigo me odiando —Brannon lhe beijou as pálpebras, lhe percorrendo brandamente as pestanas com a ponta da língua—. foi uma tortura saber que ocupava o mesmo escritório que Grier.

—Mas por que?

—Atraem-lhe as mulheres como você —Brannon deslizou os olhos por suas delicadas facções—. Poses uma qualidade pouco comum. Ternura.

Josette lhe acariciou os lábios.

—Você também —sussurrou.

Brannon respirou fundo enquanto passava as gemas dos dedos pela pequena vendagem de seu braço.

—Terei que cuidar de ti melhor.

Ela sorriu.

—Sei me cuidar sozinha. Mas se quer cuidar de mim, terá que deixar que eu também cuide de ti.

Brannon conteve a respiração, observando-a ansiosamente. Pensou em como seria a vida com ela, em como seria despertar a seu lado pelas manhãs e levá-la à cama pelas noites. Teria a alguém com quem falar, com quem compartilhá-lo tudo, tanto o bom como o mau; alguém a quem consolar e com quem consolar-se.

—São profundos seus pensamentos? —murmurou Josette, passando o dedo por suas espessas sobrancelhas.

—Muito profundos —Brannon franziu o cenho—. E seus óculos?

—Posso verte —respondeu ela com um rictus

—A mim, mas a ninguém mais —disse ele com calma—. lhe Ponha isso

—OH, está bem. Mas eu não gosto com elas.

—A mim sim. Fazem que seus ojazos negros pareçam ainda maiores —disse Brannon sorrindo—. E mais sexys, se quer saber a verdade.

—Amanhã mesmo irei comprar me outros três pares —prometeu Josette.

Brannon lhe acariciou o nariz, observando-a com uma estranha sensação de felicidade.

—Fecha bem a porta.

—por que? Planeja jogá-la abaixo para me raptar? —brincou ela.

—Não me dê idéias —advertiu ele—. Ainda estou excitado.

Josette franziu os carnudos lábios.

—Vá, vá —sussurrou aproximando-se mais a ele.

Brannon a deteve.

—O carro se bambolearia —disse muito sério—. E a gente se daria conta. Acudiria a polícia. Grier, provavelmente. Não sabe do que é capaz...

Josette se pôs-se a rir, dando-se por vencida.

—Está bem, rendo-me.

Brannon lhe deu um último beijo.

—te assegure de fechar bem a porta.

—Farei-o —prometeu ela enquanto abria a portinhola—. Mas me diga que você fará o mesmo —olhou para trás com preocupação—. Esses homens que lhe atacaram... —começou a dizer—. E se voltarem?

—Vê isto? —inquiriu ele com a mão na culatra de seu Colt 45.

—De todos os modos, tenha Josette cuidado se destacou o coração—. Vê isto? Se algo te passasse, deixaria de pulsar.

Brannon sorriu com ternura.

—Acredito que já sabia, mas me alegra ouvir lhe dizer isso. Evitarei as balas. boa noite, carinho.

Josette sentiu que o coração lhe dava um tombo.

—boa noite, Marc —respondeu lhe soprando um beijo antes de entrar no hotel. Subir até sua habitação supôs uma autêntica agonia. Mas, nada mais entrar, ouviu que soava o telefone.

—Senhorita Langley?

—Sim?

—Sou Holliman —disse o ancião—. estive pensando no que disseram vocês, a respeito disso que meu sobrinho tinha em seu poder. Acredito que tenho certa idéia. Poderiam vir amanhã pela manhã?

—É obvio. Ali estaremos —respondeu Josette antes de despedir-se e pendurar.

Por fim, disse-se, estavam começando a reunir pistas suficientes para resolver o caso. Esperava que Brannon se alegrasse tanto como quando lhe desse a notícia ao dia seguinte.

O telefone voltou a soar às cinco da manhã, despertando ao Josette.

—Diga? —murmurou com voz sonolenta.

—Escritório do fiscal do Santo Antonio —respondeu uma profunda voz masculina—. Precisamos saber seu plano de trabalho para hoje.

Josette se incorporou na cama, instantaneamente alerta.

—Para que? —perguntou em seguida.

Houve uma leve pausa.

—Não queremos duplicar esforços innecesariamente. Acreditam ter uma pista sobre o caso Jennings.

Josette quase se foi da língua. Quase. Mas havia algo naquela chamada que não parecia convincente. Em primeiro lugar, Josette não reconhecia a voz. Em segundo lugar, no escritório não precisariam conhecer seu plano de trabalho. Não funcionavam assim.

— Bom —disse bocejando deliberadamente—, primeiro penso dormir até as oito e meia. E logo Brannon quer que recolha a uma testemunha para lhe ensinar algumas fotografia no escritório.

Houve outra pausa.

—Para que?

—Bom, acreditam ter certa informação sobre o cabeça do vadiagem local —disse arrastando a voz. Desejou poder ver a expressão do homem no outro extremo da linha—. O contarei tudo quando chegar ao escritório.

A comunicação se cortou.

Josette telefonou ao Brannon imediatamente.

—São as cinco da manhã! —exclamou ele, antes inclusive de perguntar quem era—. Como é você, Grier, juro-te que te utilizarei como branco em minhas práticas de tiro!

—Não sou Grier —murmurou Josette brandamente—. Olá.

—Josette? O que acontece? Encontra-te bem?

Sua preocupação a comoveu.

—Estou bem —respondeu ela—. Mas acabo de receber uma interessante chamada de alguém que fingia pertencer ao escritório do fiscal. Queria saber meu plano de trabalho para hoje. É sozinho uma conjectura, olho, mas acredito que estamos incomodando muito a alguém com nossas pesquisas. Não sentiria saudades nada que estivessem nos seguindo.

—Mmm. —murmurou Brannon—. Tampouco sentiria saudades. Gosta de sair a jogar corre que te pilho?

Ela riu.

—eu adoraria, mas antes terá que me levar a tomar o café da manhã. Estou faminta e necessito um café.

Josette percebeu o tom risonho de sua voz.

—O mesmo digo. Há uma bonita cafeteria perto daqui. Passarei a te recolher dentro de uns dez minutos.

Brannon pendurou antes de que ela pudesse lhe dizer que necessitava ao menos vinte para vestir-se. Mas conseguiu fazê-lo em dez, de todos os modos.

Brannon observou com aprovação sua jaqueta cor pêssago e sua blusa cor nata, sobre tudo porque se deixou o cabelo solto sobre os ombros.

—Que atrativa está —comentou franzindo os lábios enquanto Josette subia no carro—. Me alegra não ter que tomar o café da manhã com o Grier —depois de uma pausa, acrescentou—: Te senti falta de.

—Bem.

Brannon a olhou de soslaio.

—Não voltará para Austin quando resolvermos este caso —disse rotundamente.

Ela arqueou as sobrancelhas.

—Trabalho ali.

—Pode conseguir um emprego aqui —repôs ele com calma—. Nos alternaremos para cozinhar, limpar e fazer a penetrada. E os fins de semana irão ao cinema. Poderemos compartilhar os gastos. Pensa no que poderíamos economizar em calefação dormindo juntos —acrescentou com uma sorrisita perversa.

CAPÍTULO 15

—Que durma contigo? —inquiriu Josette com voz estranha.

—OH, seria algo estritamente platônico —respondeu Brannon com desenvoltura—. Pode te pôr uma camisola e uma bata, e eu um pijama grosso. Não te tocarei absolutamente. Podemos viver juntos e ser amigos —sorriu lentamente—. Te darei minha palavra do Girl Scout.

Josette o estava observando como se temesse por sua prudência, até que ouviu aquele último comentário. Então prorrompeu em gargalhadas.

—Não cria que hei dito minha última palavra ao respeito —acrescentou ele—. Para voltar para Austin, terá que passar por cima de meu cadáver.

Embora tenha que te levar a meu rancho a cavalo e te ter ali prisioneira até que ceda.

Josette fez gesto de protestar, mas nesse momento soou a rádio e Brannon fez uma pausa para responder. Logo foram tomar o café da manhã.

Chegaram ao rancho do velho Holliman em menos de vinte minutos, mas ninguém os seguiu. Brannon efetuou vários desvios e paradas súbitas, que não revelaram a presença de nenhum veículo suspeito que pudesse estar seguindo-os subrepticiamente.

—Que estranho —murmurou enquanto se detinham ante a desmantelada casa do Holliman—. Devem estar nos vigiando, mas não vi sinal alguma de que alguém nos siga —tirou seu Colt, examinou-o e voltou a guardá-lo na pistolera. Logo olhou ao Josette—. Ao sair, caminha a meu lado e te dirija diretamente para a porta. Não descarto uma emboscada. Essa gente está se desesperada.

—Muito bem —respondeu ela sem discutir. Quão único sabia com certeza era que Brannon se manteria firme, ocorresse o que ocorresse. Isso a tranqüilizava.

Avançaram rapidamente para a casa, e Holliman os recebeu nas escadas do alpendre. Parecia como se não tivesse pego olho em toda a noite, e tinha fortemente arranca-rabo a escopeta com a que ameaçou ao Brannon e Josette durante sua primeira visita.

O ancião olhou em tomo disimuladamente e lhes fez um gesto para que passassem. Logo que tinham entrado quando fechou rapidamente a porta e logo se recostou nela, com o aspecto de quem acabava de escapar da morte.

—Não desejava ter que contar-lhe a ninguém —disse com tristeza—. Esperava que tudo passaria, que se esqueceriam do que lhe Dê tinha. Mas não se esquecerão, verdade? —perguntou ao Brannon.

—Não —respondeu Brannon—. Já morreram muitas pessoas tentando proteger o segredo. Se você souber do que se trata, terá que nos dizer o 0 provavelmente —acrescentou seriamente—, você será a próxima vítima.

—Nunca acreditei que lhe fariam algo assim a minha irmã —disse Holliman meneando a cabeça—. Pertenci ao Corpo de polícia durante vinte anos. E jamais, jamais, topei-me com ninguém capaz de torturar a uma anciã indefesa —fechou os olhos e se estremeceu. Logo voltou a abri-los e Miro compungido ao Brannon—. Devi haver-lhe dito desde o começo. Queria proteger a minha irmã de um sofrimento pior que o que já tinha padecido. Equivoquei-me —Holliman respirou fundo—. lhe Dê tinha uma agenda —disse observando suas expressões—. Vocês já sabiam, verdade?

—Sabíamos que essa agenda existia —explicou Josette—, mas ignoramos o que contém exatamente.

—Provas —disse o ancião—. Prova que demonstram que alguém da direção da campanha do vicegovernador pagou ao Jake Marsh para que lhe proporcionasse votos nas eleições. Conforme disse lhe Dê, também havia algo que comprometia à esposa do Webb e valia um bom pico em matéria de chantagem. Uma das entradas da agenda, disse lhe Dê, era de quase um milhão de dólares.

Brannon conteve a respiração.

—Silvia Webb —disse olhando de esguelha a Essa Josette era a conexão da chantagem!

—Ignoro o que sabiam dela —prosseguiu o ancião—. Na agenda só figuravam as quantidades pagas ao Jake Marsh e, ao menos, outros dois profissionais que orquestraram uma campanha de desinformación que lhe custou as eleições ao adversário do Webb. Parece que desenterraram um velho escândalo familiar e o ameaçaram revelando ante a imprensa. Dado que

envolvia a sua mãe diretamente, optou por retirar-se no último momento e Webb ganhou as eleições. A agenda contém provas concretas disso.

—O homem ao que Webb despediu —disse Josette refletindo em voz alta.

—Sim, mas antes de que Bib soubesse o que tinha feito em realidade —respondeu Brannon. Logo olhou ao Holliman—. Teria que nos haver o dito muito antes.

—É certo —murmurou o ancião—. Mas sigo sem saber onde está a agenda —acrescentou com gesto sério—. Ihe Dê me disse o que continha, mas não onde o guardou. Tentei que fosse às autoridades, mas se negou. Inclusive quando o detiveram preferiu não falar. Acreditava que essa agenda era seu seguro de vida. Nem sequer lhe importava ir ao cárcere, disse, porque conhecia pessoas que o tirariam um par de anos —fez uma careta—. E o fizeram, embora não como ele esperava.

—Mencionou alguma vez a Sandra Gates ou ao Becky Wilson? —pergunto Josie.

Holliman negou com a cabeça.

—Só falava dessa tal senhora Webb, e sempre em um tom estranho...

—Estranho, em que sentido? —inquiriu Brannon.

—Não sei. Quase reverente. Como se ela significasse muito para...!

A janela próxima ao Brannon se rompeu, no mesmo momento em que o estalo de um disparo interrompia ao ancião.

Amaldiçoando, Brannon tirou a pistola em uma fração de segundo e apartou ao Josie da janela.

—Ao chão! —disse rapidamente.

escondeu-se junto à janela e retirou a descolorida cortina o justo para jogar uma olhada.

—Ainda tenho boa pontaria —disse Holliman—. Onde me situo?

—Vigie a porta —lhe disse Brannon. Logo olhou fixamente ao ancião—. Não deixe que cheguem até o Josie.

—Não o farão —prometeu Holliman.

—Aonde vai? —inquiriu Josie ao ver como saía da habitação.

—vou sair por detrás. Não te mova.

Brannon saiu pela porta traseira e rodeou a casa sigilosamente, com a arma fortemente agarrada com ambas as mãos. deteve-se e fechou os olhos, escutando.

De todas as coisas que tinha aprendido no Corpo de polícia, o sigilo era a mais importante. Sabia que podia confiar em seu ouvido, sobre tudo em uma zona tão silenciosa como aquela, afastada do tráfico e do estrépito guia de ruas.

Ouviu um rangido de ramos perto, seguido de um sonoro estalo. Quem estivesse rondando por ali, não sabia mover-se pelo campo. Ali, o primeiro que delatava uma presença humana eram as vibrações rítmicas. Os animais do bosque nunca se moviam assim, nem sequer os maiores.

Brannon também captou um forte aroma, como de perfume. Perfume de mulher.

Retrocedeu e se introduziu lentamente no abrigo próximo, procurando caminhar sem fazer ruído. Continuando, escondeu-se detrás das balas de feno que Holliman guardava, certamente, para a única vaca que havia no abrigo.

A vaca reparou nele e mugiu, pedindo comida.

ouviu-se um som de passos apressados. O aroma de perfume se fez mais forte. Segundos depois, Silvia Webb entrou no abrigo, com uma pistola entre suas mãos enluvadas em negro. Levava umas calças estreitas negros, uma camisa de seda, também negra, e o cabelo loiro recolhido em uma boina. Resultava difícil reconhecê-la, mas Brannon conhecia seu perfume e sua compleição.

—Sal daí! — gritou ela olhando em torno, com a pistola elevado—. Sal agora mesmo!

Brannon se guardou o revólver na cartucheira e arrancou um fragmento de terra endurecida, aderida a uma das balas de feno. Logo esperou, contando até vinte.

Então, rapidamente, lançou o punhado de terra ao lado de onde se encontrava Silvia, com força. Ela se girou para ouvir o ruído, e Brannon jogou em cima com presteza, derrubando-a e fazendo que a pistola lhe escapasse das mãos. Logo rodou pelo chão para recolher a arma, Quando Silvia teve recuperado o fôlego, já lhe estava apontando ao peito.

Ela emitiu um ofego afogado. ficou em pé, respirando com dificuldade.

Brannon ficou olhando-a, com um intenso brilho em seus olhos cinzas.

—Você. Foi seu desde o começo. Matou ao Garner ou ordenou ao Jennings que fizesse o trabalho sujo por ti?

Silvia pestanejou.

—Do que está falando? —inquiriu com altivez.

—te renda, Silvia —disse Brannon friamente—. Não poderá sair desta.

—Nessa pistola não há meus rastros —repôs ela com um sorriso igualmente frio—. Não poderá demonstrar nada!

—Sim, se encontro o pacote que Jennings deixou aqui —lhe assegurou ele com os olhos entrecerrados.

Silvia ficou imóvel.

—O que te faz pensar que está aqui?

—Para que teria vindo, se não?

Ela titubeou. tirou-se a boina e sacudiu a cabeça. Logo sorriu com vacilação.

—Vamos, Marc —começou a dizer—, Estamos do mesmo lado. do lado do Bib. Não querará que seu amigo vá ao cárcere?

—Bib não irá ao cárcere —respondeu ele convencido.

—Sim, se encontrarem essa agenda —insistiu Silvia. Avançou para o Brannon—. Tomarei e irei. Ninguém tem por que inteirar-se. Ninguém saberá nunca!

—Eu saberei —respondeu ele friamente.

—Bib ficará como um criminoso da pior índole —insistiu Silvia—. O jogarão de seu cargo. Condenarão-o!

—Bib despediu do homem que contratou para jogar a seu oponente da campanha, Silvia —disse Brannon com bruma—. Conheço seu nome. Buscarei-o. E falará, com o incentivo adequado.

Era uma eventualidade que ela não tinha previsto. Entreabriu os lábios. Pareceu momentaneamente insegura. Logo, endireitou-se.

—E que se fala? Será Bib quem sofre as conseqüências, não eu!

—Ao menos duas testemunhas lhe viram entrar no apartamento da senhora Jennings com o Jake Marsh.

Silvia ficou boquiaberta.

—Não! Não podem me identificar! Levava chapéu e véu...

—Ah, sim?

Ela apertou os punhos.

—Matarei a ti também! —gritou, com os olhos frágeis e frenéticos—. Matarei a tal Langley e a esse velho estúpido! Morrerão todos! Farei que Jake lhes ate e logo usarei uma faca com vós. Sei usá-lo. Vi como meu pai lhe cortava a mão a meu irmão com uma tocha quando era pequena. Meu irmão se comportava mau. Meu pai disse que me faria o mesmo se não lhe obedecia —seus olhos reluziam com o brilho da loucura.

Brannon respirou fundo. Não desejava ouvir aquilo. depois do que Silvia fazia, não podia sentir lástima por ela!

—Ensinou-me que a dor nos faz fortes —prossegiu ela, abstraída. pôs-se a rir—. Ensinou a utilizar uma faca. Estava acostumado a dizer que eu era como ele, forte, e não débil e patético como meu irmão íamos com freqüência à cidade, eu atraía aos homens e logo... —olhou de soslaio ao Brannon—. O matei, sabe? Matei a meu pai. Já havia dito ao Bib que estava grávida, para que se casasse comigo. Bib trabalhava para o velho Garner, e Garner tinha milhões. Meu pai disse que nos faríamos ricos, mas era muito ambicioso, assim que o empurrei de cabeça ao velho poço. Demoraram vários dias em encontrá-lo. Eu disse que tinha ido visitar minha primo. Quando o encontraram, chorei desconsolada, e todos se compadeceram de mim —sério—. Ninguém suspeitou nada.

»Meu pai se haveria sentido orgulhoso de mim, não crie, Marc? Ele me ensinou —piscou—. Bib não sabe onde estou. Disse-lhe que iria às compras. Sempre me crie —franziu o cenho—. Jake acredita que não sei o que faço, mas se equívoca. Matei ao Garner porque ele sabia que lhe Dê se levou a agenda. Golpeei-lhe com a clava e logo a pus no carro de lhe Dê.

lhe dê e eu estávamos tendo uma aventura, assim tentei me desfazer dele, ou Bib se teria divorciado de mim. A lhe Dê não lhe importou ir ao cárcere se lhe pagava em troca, assim sustraje dinheiro da conta do Bib para mantê-lo calado. Eu ainda não sabia o das fotografias —acrescentou com fúria—. Depois, Lhe dê se voltou muito ambicioso e ameaçou fazendo público o que sabia do Bib e de mim.

»Paguei a Sandra para que fizesse que o transladassem a outra prisão, e logo subornei a alguns funcionários para que o deixassem escapar. lhe dê prometeu me entregar a agenda e umas fotografias que tinha feito, nas que aparecíamos juntos —meneou a cabeça—. Tive que matá-lo para me proteger. Mas o tiro me saiu pela culatra, porque a agenda que levava consigo estava em branco, e só havia duas fotografias, sem os negativos.

»Tênia que encontrar a agenda, sabe? A velha se negou a falar, apesar de tudo o que lhe fiz. Jake tinha ido ao dormitório a procurar a agenda. Quando a viu, ao retornar, pegou-me. Jamais me tinha pego antes. Disse que não queria implicar-se mais no assunto. Inclusive ordenou a esse tal York que desaparecesse. Jake tinha contratado aos York para matar a lhe Dê, mas eu não necessitava que fizessem as coisas por mim. Sei fazer o trabalho sujo, como meu pai. Por isso disse ao Jake que me encarregaria do Holliman. Não necessitava aos York para encontrar a agenda. E vou encontrar o. Está aqui. Tem que estar aqui!

Estava louca, disse-se Marc incrédulamente. Era incrível que ninguém tivesse reparado antes em sua enfermidade, para lhe proporcionar ajuda.

Avançou para ela, ouvindo um ruído de passos que se aproximavam. Logo tirou as algemas que levava no cinturão e lhe algemou as mãos nas costas. Silvia nem sequer resistiu.

—OH, graças a Deus! —disse Josie na porta, ao ver que Marc se encontrava bem—. Silvia?! —exclamou assombrada ao reparar em seu prisioneira.

A loira se girou e a olhou com ferocidade.

—Sou a esposa do vicegovernador —disse com altivez—. Ninguém me chama por meu nome de pilha, a menos que eu lhe dê permissão.

Brannon dirigiu ao Josie um eloqüente olhar.

—Naturalmente, senhora Webb —disse ela agradando-a.

—A agenda —murmurou Brannon olhando em torno—. Sabe se estiver aqui, Silvia?

—lhe dê não quis dizer me respondeu isso ela—. Me deitei com ele e seguia negando-se. Logo fez que um detetive privado nos seguisse e tomasse fotos —acrescentou—. Eu não soube até que me ensinou isso. Ameaçou-me as mostrando à imprensa se não lhe dava o dinheiro que pedia. E disse que entregaria a agenda à polícia. Teria sido a ruína, não o entende? Bib teria perdido seu cargo, e eu já não seria ninguém especial. Devemos proteger o nome da família. Minha avó sempre o dizia. Estava acostumado a chorar continuamente quando meu irmão morreu.

»Papai o matou também, sabe? Golpeou-lhe muito forte. E logo o lamentou, mas tivemos que nos assegurar de que ninguém se inteirasse. Assim que o jogamos nos pés dos cavalos, e dissemos que se descuidou e o tinham pisoteado — Silvia sorriu ao Brannon —. Gosta de montar a cavalo. lhe dê e eu estávamos acostumados a vir aqui a montar quando o velho ia visitar sua irmã. lhe dê tinha uma cadeira especial, feita à mão —franziu o cenho—. Este ano não irei ao baile do governador —disse de repente, melancólica.

Brannon e Josie intercambiaram olhadas. As cadeiras de montar. Brannon olhou para a parede, onde estavam penduradas. Havia só dois. Uma era velha e estava descolorida pelo uso. A outra, um pouco mais nova, também estava feita à mão, e tinha acessórios de prateado.

Guiando-se por uma intuição, Brannon se aproximou da segunda cadeira e desprendeu as alforjas. Abriu a primeira e a encontrou vazia. A segunda, entretanto, continha um grosso pacote envolto em uma bolsa de plástico.

Josie se aproximou enquanto Brannon abria a bolsa e tirava um grande sobre. Dentro havia algumas fotografias a cor, muito explícitas, de lhe Dê Jennings e Silvia Webb. Brannon voltou a introduzir as fotos no sobre e extraiu uma pequena agenda. Entre as páginas havia vários recibos e, como mínimo, duas notas escritas à mão, com a assinatura do Jake Marsh. Também havia quatro resguardos de cheque, assinados pela Silvia Webb. E ali, escritas com caneta negra, figuravam tudo os transações realizados pelo associado do Marsh que tinha chantageado ao oponente do Bib Webb para que retirasse sua candidatura, com nomes, direções, datas e quantidades exatas. Era pura dinamite. Provas que podiam enviar a qualquer ao cárcere.

—Ao Bib não vai gostar de —disse Silvia com um sorriso vazio—. Perderá seu cargo.

—Não acredito —respondeu Brannon friamente.

—Pois Jake acredita que sim. Verdade, carinho? —disse Silvia de repente, olhando para a ampla entrada do abrigo.

—Sim. Obrigado por encontrar as provas por mim, Brannon —disse uma voz lenta e sombria da porta.

Brannon e Josie se giraram para ver um arrumado homem de uns trinta e tantos anos, que levava uma pistola automática.

—me dê a agenda —ordenou estendendo uma mão enluvada—. Agora.

Brannon o deixou cair ao chão.

—Vêem por ele —respondeu.

—Eu tenho a pistola, Brannon! —rugiu Marsh.

Brannon se dirigiu ao Josie, sem olhá-la.

—te aparte, Josie. Já!

Josie preferiu não discutir, embora temia por ele. colocou-se ao lado da Silvia, abrindo muito os Olhos, presa do temor, ao ver como Marc trocava ligeiramente de postura. Não pensaria medir-se com um homem que lhe apontava com uma pistola automática já martelada...!

Brannon observou a seu oponente. Sabia que, de todas formas, pensava lhes disparar. Tinha muito que perder para deixar testemunhas. Ao igual a Silvia, não duvidaria em assassinar a todo aquele que ameaçasse sua liberdade.

De repente, Holliman gritou, distraído ao Marsh. O ancião tinha entrado às escondidas no celeiro. Levava sua escopeta.

Brannon tirou seu revólver. E disparou com tal celeridade e precisão, que Marsh se encurvou e se desabou no chão antes de poder apertar o gatilho de sua própria arma. O ancião tinha proporcionado ao Ranger do Texas o segundo de vantagem que necessitava. O ofego afogado do Josie resultou perfeitamente audível no silêncio que seguiu.

Brannon se aproximou do Marsh e lhe arrebatou a pistola, enquanto o homem se apertava a coxa ferida e tentava deter o fluxo de sangue. —Como... fez isso? —perguntou Marsh com voz entrecortada, sem dar crédito ao ocorrido.

—Ninguém me ganhou nunca na hora de desencapar —explicou Brannon com calma—. E me alegro, dadas as circunstâncias.

—Disparaste ao Jake —disse Silvia com olhos que pareciam nublados—. E eu lhe disparei a lhe Dê. Estava-me chantageando com essas fotos, sabe? Mas faz um par de semanas me chamou e me disse que estava disposto a me devolver isso junto com a agenda, se lhe dava dinheiro para ajudar a sua mãe.

—OH, Deus, querem deixar de falar e chamar uma ambulância? —gemeu Marsh.

Brannon se tirou do bolso o telefone móvel e fez a chamada. Logo advertiu que Holliman olhava a Silvia com fúria nos olhos.

O ancião se aproximou dela e levantou a escopeta.

Para quando chegarem aqui, farão falta duas ambulâncias!

—Não me obrigue a lhe disparar —lhe disse Brannon, aproximando a mão à culatra do revólver pela segunda vez em menos de cinco minutos. inclinou-se levemente, e seus olhos cinzas brilharam.

Holliman vacilou, mas solo por um segundo. Baixou a escopeta com um suspiro de resignação.

—Está bem. Mas era tentador —olhou ao Marsh e logo a Silvia, que simplesmente sorria e olhava ao vazio—. O que lhe passa?

—Que está louca, isso é o que lhe acontece —balbuciou Marsh—. Oxalá não a tivesse conhecido nunca!

—Essa não é forma de falar do amor de sua vida —disse Silvia suspirando—. E menos depois de tudo o que tenho feito por ti.

—Dispararam-me e provavelmente irei ao cárcere, graças a ti!

—Está perdendo muito sangue, né? —comentou Holliman sem nenhuma emoção em particular.

—Isso parece —respondeu Brannon com indiferença.

—Poderiam lhe fazer um torniquete, pelo amor de Deus —disse Josie irritada, olhando-os enquanto se agachava junto ao Marsh—. Necessito algo consistente e um lenço.

—Tem você aula, senhorita —resmungou Marsh.

—Não o toque —atravessou Silvia freneticamente—. É meu!

—Estou de novo à venda —brincou Marsh, fazendo uma careta de dor enquanto Josie utilizava uma caneta e dois lenços entrelaçados, que lhe tinha passado Brannon, para lhe fazer o torniquete. Apertou até que o fluxo de sangue diminuiu.

Por fim, a ambulância entrou no rancho, seguida por um carro do xerife do Bexar County. Era estranho, disse-se Josette, porque Floresville ficava além dos limites do Bexar County, no Wilson County.

Um jovem agente desembarcou do carro e entrou no abrigo detrás dos enfermeiros, que em seguida atenderam ao Marsh.

—Agente, prenda a estas pessoas —disse Silvia firmemente—. Sou a esposa do vicegovernador. Esta gente... —assinalou ao Brannon e ao Josie—. Esta gente tem algo que me pertence e quero que você o tire imediatamente!

O agente olhou ao homem alto com a placa dos Rangers na camisa e a pistola no quadril. Logo se fixou na ferida do Jake Marsh. Franziu os lábios.

—Outra vez estiveste disparando, Brannon? —brincou. Continuando, olhou a Silvia—. Quer que detenha esta senhora por ti?

—Sim, obrigado. Seguirei-te com as provas —Brannon mostrou a bolsa de plástico—. Está a ponto de ver como um maligno império se desmorona graças a uma agenda —acrescentou olhando ao ferido, enquanto era transportado à ambulância—. Jake Marsh, ex-chefe do vadiagem e personagem escorregadio. Sentarão-lhe bem as calças a raías.

—Não... não irei asa cárcere! —rugiu Marsh.

—Nem eu tampouco —disse Silvia altivamente.

—Vamos, senhora. Pode lhe dizer isso ao juiz —respondeu o agente.

—Denunciarei-lhe! —ameaçou-o Silvia.

—Porei-me meu melhor traje para o julgamento —repôs o agente enquanto a introduzia cuidadosamente na parte traseira do carro patrulha.

Josie tomou a mão do Brannon.

—Me alegre de que esteja bem —lhe disse com voz rouca—. Por um momento, pareceu-me que foi a suicidarte —de fato, ainda tremia ao recordá-lo.

Ele a rodeou com o braço.

—A um Ranger do Texas solo lhe mata lhe cravando uma estaca no coração.

—Esses são os vampiros, carinho —lhe recordou Josie.

Brannon arqueou as sobrancelhas.

— Não me diga!

Levou-lhes o resto do dia redigir o relatório, entregar as provas e falar com o ajudante do fiscal que ia fazer se carregado do caso. Grier permanecia sentado com o pequeno grupo na sala de juntas.

—É a história mais jodidamente incrível que ouvi jamais —disse meneando a cabeça—. Levávamos anos tentando jogar a luva ao Marsh, sem consegui-lo. E chegam vós dois e o caçam!

—Tivemos sorte —respondeu Brannon com calma.

—O que há do capanga, York? —inquiriu Josie preocupada—. Segue solto, não?

Grier olhou ao jovem ajudante do xerife que tinha estado no rancho do Holliman. Ocupava uma cadeira no escritório, junto ao Brannon e outros, pois tinha participado da detenção.

O jovem se retrepó na cadeira.

—Não faz falta preocupar-se com os York —disse com um sorriso—. Resulta que ia conduzindo tão ricamente pela 410, quando, de repente, passou-me de comprimento um carro a toda pastilha. Embora era a hora do almoço, persegui-o e lhe dava

o alto. E, surpresa!, ali estava York em pessoa, com uma suja vendagem na ferida de bala —franziu os lábios—. Agora mesmo está no cárcere do condado. E se Marsh cantar, como acredito que fará, teremos aos York justo onde o queremos.

—Mas ele não matou a ninguém —assinalou Josie—. Silvia asasin6 ao Garner e ao Jennings.

—Sim, mas Marsh o contrato para assassinar a um homem. Além disso, York tratou de atropelar ao Judd Dunn faz dois meses, quando Judd começou a investigar os assassinatos nos que se suspeitava que Marsh estava comprometido —o agente sorriu—. Dunn trabalhou dia e noite tratando de reunir provas para tirar o da circulação definitivamente. Graças a ele conhecia a marca e o modelo do carro dos York. Levava toda a semana buscando-o —acrescentou com um suspiro—. Aos York adorará o cárcere. E aos reclusos adorarão um jovencito atrativo como ele, não lhes parece?

Brannon acreditou melhor não responder, mas sorriu interiormente.

CAPÍTULO 16

O mais duro foi lhe dizer ao Bib Webb o que tinham descoberto, e o que sua esposa tinha feito. Brannon se levou ao Josie consigo, mas telefonou ao Becky Wilson antes de sair do Santo Antonio, para que acudisse também.

Bib parecia como se acabasse de encaixar um tiro. Saiu ao jardim e permaneceu perto da piscina, com as mãos nos bolsos e o olhar perdido.

—Deixa que fale a sós com ele um momento —disse Brannon ao Becky, que obviamente ansiava ir ao jardim com o Bib.

—Está bem —ela se sentou no sofá com um suspiro e sorriu timidamente ao Josie—. Quer um caramelo de hortelã? —ofereceu, e se mostrou surpreendida quando Josette pôs-se a rir. Aqueles caramelos tinham ajudado a resolver um assassinato.

Bib ouviu como Brannon se aproximava e fez uma careta.

—Que cego fui —se lamentou. Logo olhou a seu melhor amigo—. Suspeitava dela?

—Não —respondeu Brannon com rotundidad—. Tinha apostado pela perita em ordenadores. Mas logo descobrimos que a «amiga» do Marsh era casada e que gostava dos caramelos de hortelã.

Bib se tirou a mão esquerda do bolso e observou sua aliança de casamento.

—Levo virtualmente solteiro desde que Silvia tinha uns dezessete anos —murmurou—. Ao princípio, gostava do sexo, mas eu não era o bastante duro para satisfazê-la. Começou a tornar-se «amigos». E eu comecei a beber.

—O julgamento vai ser complicado —disse Brannon ao cabo de um momento—. Se te for sincero, não arrumado nem cinco centavos a que consiga esse sitio no Senado quando tudo isto acabe.

—Não me importa —Bib se girou para ele—. Nem me importa perder o cargo de vicegovernador. Tenho uma empresa que eu adoro, bons empregados, e estamos iniciando projetos experimentais que poderiam beneficiar a milhões de pessoas famintas do terceiro mundo. O que é um cargo político comparado com isso?

—Jake Marsh cumprirá condenação, por muito bons que sejam seus advogados. E Silvia também, desgraçadamente, a menos que a julguem demente. Um pouco muito possível —acrescentou Brannon—. Tem que estar preparado para isso. Fez uma confissão horripilante sobre seu passado. Terei que contar o que ouvi.

—O que confessou? —inquiriu Bib horrorizado.

—Já haverá tempo para isso —respondeu Brannon, disposto a lhe dar a seu amigo umas horas mais de paz, até que os meios de comunicação irrompessem como um vendaval em sua vida.

Bib se mesó o cabelo.

—Bom, chamarei a nosso advogado para ver se pode fazer algo pela Silvia. Possivelmente possa conseguir um relatório psiquiátrico para que a declarem demente. Levava muito tempo mostrando sintomas disso. Eu simplesmente fingi não me dar conta —acrescentou com um profundo suspiro—. Mas já não tem nenhum sentido.

—Farei o que possa para te ajudar.

Bib lhe sorriu.

—Sei. E lhe agradeço isso. É o amigo mais leal que tive. Sempre defendeste minha inocência quando me acusaram que algo desonesto.

—Conheço-te —assinalou Brannon—. E jamais abandono a meus. Jamais. Deixa que Becky saia e fale contigo. Ela te salvará dos meios.

—Sim, fará-o —disse Bib com um sorriso—. Penso me casar com ela quando tudo isto acabe.

—Isso não me surpreende. Será uma boa esposa para ti.

Brannon retornou ao interior da casa e pediu ao Becky que saísse.

—O que fazemos agora? —perguntou Josie ao Marc, pois se sentia um pouco perdida.

Ele franziu os lábios e esboçou um lento sorriso.

—Iremos jantar, é obvio. E logo começaremos a fazer planos.

Lhe intrigou aquele último comentário, mas não lhe perguntou até que tiveram jantado e se achavam sentados no carro, nos estacionamentos do hotel.

—Esse parecia o carro do Grier —comentou Marc enquanto parava o motor—. O que estará fazendo aqui?

—Não sei. Não o vi hoje —Josie o observou abertamente—. Antes disse que faríamos planos. Que classe de planos?

Brannon sorriu e lhe acariciou os lábios com ternura.

—Operou-te por mim. Acredito que merece uma recompensa.

Ela se ruborizou.

—Se te referir a ir à cama...

Ele sorriu zombador.

—Vá, que desavergonhada —brincou. Assinalou a estrela que levava no peitilho—. Vê isto? Fiz voto de castidade. Não tonto com mulheres —acrescentou altivamente.

—OH, seguro que todos os que lhe conhecem estarão de acordo —disse Josie com um olhar cínico.

—Não tonto com mulheres que não se chamem Josette. Além disso, espero ser um marido e pai exemplar.

Ela ficou olhando-o, com os olhos muito abertos, cheios de incerteza.

O sorriso do Brannon se desvaneceu. Tomou a mão e a aproximou da boca para lhe beijar os nódulos.

—Quero-te —disse quedamente—. Sempre te quis. E estou cansado de tentar viver sem ti.

Josie seguiu olhando-o, como hipnotizada.

—Tenho uma profissão perigosa, mas não correrei riscos desnecessários. Posso trabalhar no escritório de Vitória. Teremos o rancho e dois salários, e cada um conhece o melhor e o pior do outro. Sairá bem. Sei.

Josette inalou uma larga e trêmula baforada de ar, enquanto contemplava seus olhos cinzas.

—É muito precipitado —começou a dizer.

—Sei. Não digo que nos metamos na cama juntos esta mesma noite e nos casemos pela manhã —disse Brannon muito sério—. Quero que deixe seu trabalho e passes três semanas no rancho comigo —elevou uma mão—. Meu capataz e sua esposa também vivem ali. Não nos faltarão carabinas. Pode lhe pedir trabalho ao fiscal do distrito do Jacobsville, seguro que irá bem um pouco de ajuda. Eu pedirei o traslado ao escritório de Vitória.

Josie meneou a cabeça.

—Parece que lhe pensaste isso muito bem.

—Não tenho feito outra coisa desde que chegou ao Santo Antonio para trabalhar no caso —Brannon a olhou aos olhos—. Todo depende de se pode me perdoar ou não pelo que ocorreu no passado. Sei que é pedir muito. Cometi enganos. Enganos graves.

Ela elevou a mão para lhe acariciar os firmes lábios.

—Ambos os cometemos. Devi tentar falar contigo depois do julgamento.

—O mesmo digo —respondeu ele—. Não te dava nenhuma oportunidade. Fui da cidade.

—Mas agora sei por que foi. Hei-me sentido muito perdida sem ti...

Brannon a abraçou e a beijou com tanta força que quase lhe fez mal.

—Odiava-me mesmo —sussurro roncamente—. Não podia suportar a idéia de te haver feito mal —seu fôlego lhe acariciou o ouvido—. OH, Deus, quero-te... quero-te com toda minha alma! Quando me mora, a última palavra que sussurre será seu nome!

Josette o beijou com ansiedade, silenciando suas palavras, sua dor. Chorando, disse-lhe com os lábios que jamais o abandonaria, que nunca deixaria de amá-lo.

Nenhum dos dois reparou em que os guichês se empanavam enquanto a paixão os consumia a ambos. Até que, de repente, ouviram uns golpes firmes e insistentes na janela do condutor.

Brannon, médio aturdido, soltou ao Josette antes de baixar o cristal.

Grier permanecia inclinado junto ao guichê, com uma histriônica careta de desgosto.

—Jamais acreditei que surpreenderia a um Ranger dando o lote em um carro, frente à porta de um hotel.

—E aonde quer que vamos? —repôs Brannon, olhando-o com fúria—. Não posso levá-la a meu piso e tampouco podemos subir ao hotel, por razões óbvias! Acabamos de prometemos!

Grier o olhou com os olhos muito abertos.

—Sério?

Brannon permaneceu imóvel.

—Ouça, escuta...

—Prometidos —Grier sorriu zombador. Logo se pôs-se a rir, girou-se e começou a afastar-se.

—Não está convidado! Como te presentes nas bodas, te assegure de ter posto o colete antibalas! —gritou-lhe Brannon.

Grier não se deteve.

Com um grunhido, Brannon subiu de novo o guichê e olhou ao Josette.

—A que veio isso, Marc? —inquiriu ela.

—Grier tem fama de, né, apresentar-se nas bodas —explicou ele lentamente.

—Fama?

Brannon pigarreou.

—Não se preocupe, não irá à nossa. Prometo-lhe isso.

—Está bem —Josette abriu os braços para ver o que acontecia.

Ele se refugiou neles sem titubear, e começou a beijá-la de novo. Grier e sua fama era quão último ocupou sua mente nos turbulentos minutos que seguiram. E, no caso de, jogou o seguro de todas as portinholas...

Varia semanas depois, Josette se encontrava de pé junto a Mate em uma pequena igreja do Jacobsville, Texas, depois de ter assinado os documentos legais e intercambiado os votos que a converteram na senhora Josette Anne Langley Brannon.

Levava um singelo vestido branco e um improvisado véu. Olhou ao homem com o que se casou, com olhos transbordantes de amor.

—foi uma cerimônia preciosa —disse Josette ao reverendo e a sua esposa, que fez de testemunha junto com sua filha.

—foi um prazer —respondeu o reverendo lhes estreitando a mão a ambos os—. Seguro que não queriam algo mais solene? Ambos são muito conhecidos no Jacobsville. Sua mãe se batizou aqui —recordou ao Brannon.

—Sim, mas agora minha irmã é uma rainha —explicou Marc—. E não queríamos que nos acossasse a imprensa.

O reverendo se esclareceu garganta.

—Claro, claro. Enfim, parabéns! E espero vê-los por aqui algum domingo, se tiverem a bem visitamos.

Josette olhou a seu marido.

—Sim —respondeu pelos dois —. Acredito que sim

Brannon não lhe soltou a mão em nenhum momento enquanto retornavam ao rancho. Tinham passado ali três semanas maravilhosas, montando a cavalo e visitando os amigos. Mas Marc tinha insistido em que dormissem em camas separadas. Queria ter uma noite de bodas convencional, afirmou.

foram passar uma semana de lua de mel no rancho. O capataz e sua esposa viviam à parte, de modo que teriam a casa para eles sozinhos. O isso tinham pensado.

Ao chegar, encontraram uma multidão esperando-os.

Marc se lamentou em voz alta.

—OH, não. Não! Grier, vou atar te a um cavalo e a te arrastar por um maciço de cacto! —jurou.

Josie emitiu uma risita.

—Por isso não queria que Grier viesse.

—Fez- o mesmo ao Bud Handley —explicou ele irritado—. E sua esposa incluso lhe disparo —entrecerró os olhos—. Lástima que falhasse...!

—Vamos, vamos —acalmou ela—. Seguro que se irão logo. Solo quererão felicitamos.

—Que te você crie isso —murmurou Marc, diminuindo a velocidade—. Te juro que como vejo uma só câmara...!

— Aí está Grier, no alpendre! E não é esse Judd Dunn? —perguntou Josie ao ver um homem alto e esbelto, com uma estrela dos Rangers no bolso do peitilho—. Mas os quais são outros? —acrescentou.

—Gente dos Rangers, da polícia local, do departamento do xerife e, como mínimo, dois ex-mercenários locais —disse Marc entre dentes—. Parece que tenha vindo o Corpo inteiro!

—Estão aqui para te dar a bem-vinda à comunidade —exclamou Josie feliz—. Que detalhe!

Sim, todo um detalhe. Brannon recordou aquele maldito sorriso zombador do Grier. E o que se achava a seu lado não era Curtis Russell, do FBI? Gemeu em voz alta.

—Sei amável —lhe advertiu ela—. Sua intenção é boa.

Brannon a olhou como se acabassem de lhe sair plumas verdes na cabeça.

—Ofereceremo-lhes café e bolo, e se irão —acrescentou Josie.

—E por que crie que se irão?

—Pois porque não temos nem café nem bolo —respondeu ela com uma risita.

Ele estalou em gargalhadas.

—Carinho, é um tesouro.

—Também o é meu marido —Josie se aproximou dele, tanto como o permitia o cinto de segurança, e recostou a cabeça em seu ombro—. Te lembrou de chamar o Gretchen, Marc?

—Sim. Não estava, mas sua secretária prometeu lhe acontecer a mensagem.

—Isso me recorda que agora estou aparentada com um chefe de Estado!

Brannon deteve o carro diante do sorridente grupo.

— Parabéns! —felicitou-os Judd Dunn, e logo se aproximou de uma enorme geladeira portátil e a abriu, mostrando duas garrafas dobre do melhor champanha.

—Não se esqueça da comida —lhe recordou outro Ranger.

—Não me esquecimento de nada —Judd abriu outra geladeira que continha uma bandeja de camarões, acompanhada de uma terrina de molho.

—Minha comida favorita! — exclamou Josie —Muito amáveis, moços!

—E moças —disse uma moréia aparecendo a cabeça. Havia outras quatro mulheres, todas sorridentes.

— E moças! —acrescentou Josie com uma risita—. Lhes agradeço isso muito!

Brannon se tirou o chapéu e sacudiu ao Judd com ele.

—Obrigado pelo champanha. Agora, parte !

—Marc! —exclamou Josie.

Ele voltou a lhe sacudir ao Judd com o chapéu.

Grier se aproximou do grupo solenemente, com uma folha de papel na mão.

—Senhor e senhora Brannon —começou a ler, olhando ao Marc muito sério—. Desejamos o melhor em sua vida de casados. Se alguma vez tiverem problemas e necessitam ajuda, recordem que solo têm que nos chamar.

Continuando, presente-os formaram uma cauda para lhes estreitar a mão. Josette não conhecia seus nomes, mas sabia que acabaria conhecendo-os com o tempo.

Quando todos se foram, Josie se girou para seu marido e o olhou carinhosamente.

—vamos viver em um lugar muito agradável.

Ele assentiu. Logo contemplou sua suave e formosa face, emoldurada em uma nuvem de cabelo loiro. Sorriu com ternura.

—É você uma noiva preciosa, senhora Brannon.

—E você um noivo muito bonito.

Marc suspirou e se girou para as geladeiras com o champanha e os camarões.

—O que gosta de primeiro? —pergunto-lhe.

Josie fechou as geladeiras e o tirou da mão.

—Isso pode esperar —disse olhando-o aos olhos.

Ainda era de dia. em que pese a que o dormitório principal estava em penumbra, Josie se sentiu algo inquieta ao encontrar-se ali a sós com o Marc.

Ele a atraiu para si e contemplou seus olhos preocupados.

—Esperei-a muito tempo, senhora Brannon —disse brandamente—. Te prometo que a espera haverá valido a pena. Para ambos. Agora, deixa de preocupar-se, de acordo?

Enquanto falava, acariciou-lhe com ternura os flancos. Logo começou a beijá-la delicadamente, devagar, até que notou como seu corpo se relaxava.

—Vê? —disse lhe mordiscando o lábio superior—. Devagar e com calma, Josie. Temos todo o tempo do mundo.

Ela suspirou.

—Estava algo nervosa —confessou.

—Eu também.

Josette se retirou um pouco para observar seus faiscantes olhos.

—Você não é um primerizo —assinalou.

—Contigo, sim —respondeu Marc com calma—. No passado, solo procurava satisfazer uma necessidade física. Contigo, é um ato de amor.

Josette sorriu. Continuando, ele a atraiu para si, lhe fazendo sentir a intensidade de seu desejo. Ela vacilou, mas solo durante uns segundos. Marc lhe entreabriu os lábios com a língua enquanto lhe deslizava a mão debaixo do vestido, iniciando uma carícia íntima.

Josie emitiu um ofego afogado. Marc solo a havia meio doido assim uma vez, fazia muito tempo. Mas, nesta ocasião, não achou nenhum obstáculo físico. O corpo dela estava aberto a suas carícias, a seu desejo, e Josie arqueou as costas enquanto ele a acariciava ritmicamente.

aferrou-se com força ao Marc, lhe cravando as umas, sujeitando-o como se temesse que fosse parar.

—Calma —sussurrou ele enquanto Josie se retorcia—. Isto é sozinho o começo.

—Marc...! —suplicou ela com voz torturada.

Estava cega, muda, surda. Quão único percebia era o prazer que estava descobrindo seu corpo.

Fechou os olhos para poder saboreá-lo completamente. Segundos mais tarde, caiu por um tórrido e palpitante precipício e começou a estremecer-se, aferrando-se a ele enquanto se entregava ao êxtase.

—E agora que provaste uma antecipação do que te espera —lhe sussurrou ele perversamente—, poderemos aprender a compartilhar.

—A... compartilhar?

—Estraguem.

Marc a despojou do vestido e da roupa interior, e se agachou para lhe passar os lábios pelos tensos mamilos.

—eu adoro seu sabor —disse brandamente, Me conter foi o mais duro que tive que fazer em minha vida. Mas esta vez tem que ser perfeito. Absolutamente perfeito.

Endireitou-se e começou a tirar-se sua própria roupa. Josie tinha deixado os óculos na mesita, mas tinha ao Marc tão perto que podia vê-lo perfeitamente. Quando se tirou as cueca negras que levava postos, ela olhou para outro lado, sobressaltada.

—Não faça isso —disse ele meigamente—. me Olhe, Josette.

Josette sabia que suas bochechas estavam tintas de escarlate enquanto se obrigava a olhá-lo. Estava tão excitado que era impossível não notá-lo.

Surpreendentemente, vê-lo assim fez que se sentisse presa de uma grande ansiedade.

—Não... compreendo o que me passa —conseguiu dizer, tremendo.

Ele sorriu lentamente.

—Já o compreenderá —disse enquanto se tombava com ela na cama.

CAPÍTULO 17

Nos tempestuosos minutos que seguiram, Josette descobriu sobre seu próprio corpo costure que jamais tinha sabido. As mãos do Marc a acariciavam com perícia, lhe provocando um orgasmo atrás de outro.

—Me vais matar! —protestou freneticamente enquanto ele se colocava em cima dela e inclinava a cabeça para lambe seus mamilos.

—Essa é a idéia —murmurou Marc.

—O que?

—vou matar te de prazer.

—Marc —ofegou Josie enquanto ele fundia os lábios com os seus. Logo a penetrou por fim. Ela o sentiu em seu interior, experimentando uma sensação de assombro e de maravilha, enquanto seu corpo protestava levemente ante a novidade da intrusão.

Marc elevou a cabeça para contemplar seus exagerados olhos. Josie notou como seu corpo se estremecia com cada ataque de seus quadris. Solo então compreendeu que ele tinha alcançado o limite de sua resistência.

—me ajude —sussurrou ele roncamente—. Não poderei agüentar muito tempo mais.

—Eu não... —titubeou ela sem fôlego.

—Move seu corpo contra o meu até que te alague o prazer, de acordo, carinho?

—Sim —ofegou Josie, arqueando as costas—. OH, sim!

Ele abriu a boca para devorar a dela. Notou como o corpo do Josie dançava ao compasso do seu próprio, sentiu como se arqueava e empurrava.

Por fim, Marc emitiu um forte gemido de prazer, notando como seu ser se elevava para um glorioso êxtase, para uma satisfação cegadora. Esperou que ela o tivesse compartilhado, porque tinha perdido o controle por completo. estremeceu-se uma e outra vez, ofegando seu nome enquanto as sucessivas quebras de onda de prazer o deixavam quase inconsciente.

Ela sentiu seu prazer, inclusive através da violenta satisfação que lhe tinha proporcionado. Abriu a boca contra seu ombro nu e tremeu pela intensidade da experiência. Ao fim compreendia o que tinha querido dizer ao assegurar que o anterior solo tinha sido uma antecipação. As palavras não podiam fazer justiça às sensações que percorriam seu esbelto corpo.

Josie beijou o tenso músculo de seu ombro com avidez enquanto ele se deixava cair no colchão com um último e agonizante estremecimento.

Resultava-lhe difícil respirar. Não podia deixar de tremer. Tinha o corpo dolorido, mas gloriosamente satisfeito. Notou a capa de suor que lhe cobria a pele e o cabelo. Acariciou com os dedos as amplas costas do Marc e encontrou nela a mesma umidade. Logo baixou com a mão, introduzindo-a naquele lugar secreto, e riu brandamente.

—Para ser uma nervosa principiante, aprende rápido —murmurou ele contra seu pescoço.

Josie deixou escapar uma gargalhada e o abraçou com mais força.

—É um descarado —lhe sussurrou carinhosamente, lhe beijando o pescoço—. Um descarado maravilhoso!

Marc também riu, completamente exausto, mas sentindo-se depravado pela primeira vez em anos.

—Dois anos de estóica abstinência —disse—. Deus, quanto me alegra ter esperado!

—A mim também —Josie beijou o peito, e o pêlo lhe fez cócegas no nariz—. esquecemos uma coisa.

Lhe aconteceu a mão pelo cabelo.

—O que?

Josie lhe deu uma cotovelada nos rins.

—Você sabe o que.

Marc se limitou a suspirar

—Estão na gaveta.

— Pois de muito nos servem ali!

Os lábios de lhe percorreram o queixo.

—Sei —suspirou de novo—. eu adoro os meninos, e não me importaria ter um já. Mas deveríamos ter mais cuidado a próxima vez.

—Claro —murmurou Josie. Logo bocejou—. Tenho sonho.

—Eu também.

—Não deveríamos...? —começou a perguntar ela, retirando-se ligeiramente.

Marc a rodeou com seu comprido braço.

—Fique onde está —sussurrou—. Não quero que te afaste de mim nem um centímetro.

Ela sorriu e se acurricou contra seu corpo, exalando um suspiro.

—Eu gosto de estar casada.

—E a mim.

Foi o último que Josette ouviu antes de que ficassem dormidos.

A lua de mel concluiu oficialmente ao cabo de uma semana, mas os habitantes do Jacobsville repararam em que não tinha reflexos de ir acabar se nunca, em realidade. Jamais se via o Marc sem o Josie. Ela trabalhava no escritório do fiscal, e ele na delegacia de polícia dos Rangers em Vitória, mas, quando não estavam trabalhando, eram inseparáveis.

Uns meses mais tarde, Josie estava varrendo o alpendre, um domingo pela manhã, quando duas enormes limusines negras, com insígnias diplomáticas, apareceram no poeirento pátio dianteiro.

Josie levava uns jeans e um pulôver, o cabelo solto e um pouco enredado, e estava sem maquiagem. Tinham que ser Gretchen Sabon e seu marido, o xequê, disse-se. Ao parecer, os Sabon tinham decidido apresentar-se por surpresa. Josie meneou a cabeça e gemeu. Nem sequer estava bem penteada!

Marc saiu do abrigo, sorrindo ao reconhecer ao alto guarda-costas que se desembarcou do carro e procedia a abrir a portinhola traseira.

—Olá, Bojo! —saudou-o, aproximando-se para lhe estreitar a mão. Logo abriu os braços enquanto Gretchen saía da limusine, com aspecto jovem, feliz e elegante.

—Olá, irmão maior! —disse entre risadas, abraçando-o—. viemos para lhe dar ao Josie a bem-vinda à família. Já conhece o Philippe.

Seu marido estava de pé junto a ela, alto e atrativo, sorrindo de orelha a brincar a sua esposa.

—Bem-vindo ao clube —disse ao Marc.

—Imagine, casado, e com uma mulher tão boa como Josie —disse Gretchen afetuosamente. Olhou para o alpendre—. Olá, Josie!

Josette soltou a vassoura, limpou-se as mãos nas Calças e baixou as escadas, sentindo-se tímida e nervosa.

—Eu também me ponho jeans e jerséis para estar no palácio —se apressou a dizer Gretchen, compreendendo qual era o problema—. E nunca vou maquiada em presença de meu marido —acrescentou dirigindo um olhar picasse ao sorridente homem que tinha ao lado.

—É uma perda de tempo —disse Philippe arrastando a voz. Olhou ao Marc e sorriu zombador—. Como você saberá, suponho.

—Sim, sei —Marc atraiu ao Josie para seu flanco—. Apresento a seu novo cunhado, Philippe Sabon. É o governante do Qwai.

—É uma honra para mim —começou a dizer Josette.

Philippe tomou a mão e a aproximou dos lábios com um sorriso.

—Muito gosto em conhecê-la, senhora —disse—. Pensamos que também gostaria de conhecer seu sobrinho —a seguir, disse algo em árabe, e uma mulher saiu do veículo com um menino de dois anos nos braços—. Nosso filho, Rashid —disse sorrindo ao pequeno, que alargou os braços ansiosamente para seu pai.

—Vêem-no? —disse Gretchen suspirando—. O primeiro que aprendeu a dizer foi «papai». E sempre chora a menos que Philippe lhe leia um conto antes de dormir.

Ele sorriu e beijou a seu filhinho na bochecha.

—Sabe fazer café? —perguntou a sua cunhada, tuteando-a—. foi uma viagem muito comprido.

—Faço um café excelente —respondeu Josie entre risadas—. Trabalho no escritório do fiscal do distrito. Ali vivemos graças ao café.

—Sim, ouvi o de seu novo trabalho —atravessou Gretchen tomando-a do braço—. Eu gostaria de falar contigo de certas questões legais...

—OH, Meu deus —gemeu Philippe.

Marc lhe deu um tapinha no ombro.

—Vamos, vamos. Seguro que essas questões só têm que ver com a contaminação das águas e o efeito estufa.

—Precisamos fazer mais reforma no sistema penitenciário do Qwai —estava dizendo Gretchen enquanto entrava na casa com o Josie.

Philippe intercambiou com o Marc um olhar de cumplicidade.

—Tenho um excelente uísque em meu escritório —disse Marc.

—Sim. E taças grandes —respondeu Philippe em tom divertido.

—Né, Alteza...?

Philippe se girou. Curtis Russell permanecia de pé junto à limusine, ao lado de outro agente do Serviço Secreto e dois guarda-costas pessoais do Philippe.

—Sim?

Russell se esclareceu garganta.

—Sobre esse assunto de que falamos...?

Philippe exalou um suspiro.

—Complicações, complicações —olhou ao Marc de soslaio—. No FBI estão dispostos a lhe dar ao Russell trabalho se você o recomenda.

Marc se mostrou surpreso.

—Parece ser que não esteve muito afortunado em sua última missão —seguir dizendo Philippe.

—Estava investigando o crime organizado a última vez que soube dele —assinalou Marc—. Em Austin, acredito recordar?

Russell tragou saliva.

—Só queria demonstrar que posso ser um bom agente. E ajudei a esse tipo, Phil Douglas, a conseguir provas que nos permitiram localizar a Sandra Gates e trazer a de volta para o julgamento.

—Sim, é certo —teve que reconhecer Marc.

—Por desgraça —atravessou Philippe—, identificou-se como agente do FBI.

E é do Serviço Secreto! —estalou Marc.

Russell fez uma careta.

—Bom, tecnicamente digamos que sim —tossiu—. Por então estava de férias. Escutem, eu seria um bom agente. Com o devido respeito, protegendo a dignitários políticos solo esbanjo meu talento. Sei resolver crimes. Tão solo necessito uma oportunidade!

Philippe arqueou uma sobrancelha e olhou ao Marc, que se encolheu de ombros.

—Está bem —disse Marc—. Intercederei por ti. Com uma condição —acrescentou deliberadamente.

—O que seja! —exclamou Russell encantado.

Marc entreabriu os olhos.

—Que trabalhe em qualquer dos restantes quarenta e nove estados da união!

Russell lhe dirigiu uma férrea saudação.

—Claro. Sim, senhor. Florida me parece bem. eu adoro a praia —acrescentou sorrindo com picardia.

Marc elevou ambas as mãos e logo se dirigiu para a casa.

Essa noite, depois de ter acomodado a suas hóspedes no quarto de convidados, custodiado pelos guarda-costas, Marc e Josie permaneciam abraçados na cama, enquanto o resplendor da lua riscava brancas franjas sobre o edredom.

—Os natais são o mês que vem —murmurou ela com um sorriso, acurrucándose contra ele—. Eu gostaria de pôr uma árvore de verdade.

—Feito.

—E pôr alguns adornos.

—Tem todas as cordas e esporas que queira.

Josette riu.

—E acrescentar um adorno especial.

—Mmm?

—Já sabe, um desses nos que figuram nossos nomes e a data de nossas bodas.

—Sonha bem.

—O ano que vem poderemos acrescentar outro mais.

Marc estava dormitado.

—Outro. Estraguem.

—Um que diga: «O primeiro Natal de nosso filho».

—O primeiro Natal. Muito bonito. Eu gosto... O que?! —Marc se incorporou dando um coice—. Há dito o que eu acredito que há dito?

Josie sorriu zombadora.

—Nunca chegamos a abrir essa gaveta da mesinha —lhe recordou.

Brannon não estava escutando suas explicações. Pressionou-lhe brandamente o ventre com a mão e logo a olhou aos olhos, como se acabasse de lhe descobrir o mistério da vida.

—Meu pequeno Ranger do Texas, já seja menino ou menina —riu brandamente—. Que presente de Natal! Sou muito, muito afortunado —sussurrou ao tempo que se inclinava para beijá-la com ternura.

Ela sorriu contra sua boca e elevou os braços para atrai-lo para si.

—OH, não —murmurou—. A afortunada sou eu!

No exterior soprava o vento. Ao fim e ao cabo, era outono. Mas dentro daquela habitação havia um calor que nem toda a neve da Alaska poderia ter dissipado. ia ser, disse-se Josie, o Natal mais maravilhosa de suas vidas.

E foi.

Fim

E-books Românticos e Eróticos

<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=42052224&refresh=1>

http://br.groups.yahoo.com/group/e-books_eroticos/